

## Segundo o STAE **“Nenhum secretário de bairro ou membro de um partido político tem legitimidade para recolher informações dos cartões de eleitores”**



Democracia PÁGINA 10



Parque descontinuado

Desporto PÁGINA 25

[www.verdade.co.mz](http://www.verdade.co.mz)

**MURAL DO POVO**

**“NO OFÍCIO DA VERDADE, É PROIBIDO PÔR ALGEMAS NAS PALAVRAS” - CARLOS CARDOSO**

**MURAL DO POVO - Estrada privada de Guebuza**  
A moda das estradas privadas afinal começou lá de cima. O “Pai da Nação”, senhor Guebusiness, tem uma estrada particular que vai dar à porta da sua casa na praia do Bilene.

**MURAL DO POVO - Município de Mocuba**  
Senhores do município de Mocuba, os sinais verticais que espalharam por toda a cidade o que significam? É uma regra ou mais uma forma de extorquir os automobilistas? Isso é um roubo. Colocar sinais em todos os cantos da urbe? Dá a entender que eu, como motorista, sempre que quiser parar num sítio para comer algo terei de pagar 10 meticais.

**MURAL DO POVO - Promessas do Governo**  
Não sei por que o Governo não constrói as tais escolas que tanto promete. O ensino à distância está a tornar as nossas crianças burras. Mas com razão, elas nunca aprenderão nada pois são autodidactas. Não têm professores.

**MURAL DO POVO - Hospital Provincial de Tete**  
Estou no Hospital Provincial de Tete, nos Serviços de Urgência Nocturna. O Banco de Socorros não está a funcionar. Estou há 30 minutos à procura do técnico responsável pela triagem. Está a ser difícil porque as luzes estão apagadas, nem o guarda está, muito menos o pessoal da farmácia. Enfim, verifica-se um abandono total ao compromisso que o

Estado assumiu perante o povo: servir. Assim vai o nosso país

**MURAL DO POVO - Transporte escolar**  
A todos os condutores de carrinhas escolares exigimos responsabilidade. Respeitem o aluno/estudante que vocês transportam. Concentrem-se no trabalho, reduzam a velocidade e o volume do som.

**MURAL DO POVO - Cabritismo**  
Ao invés de desarmar os malditos cabritos, aumentaram o número e comprimento das cordas. Eles estão a piorar a cada dia que passa. Mas tudo bem, vou multiplicar o meu voto porque só assim poderei vencê-los.

MURO DA VERDADE - Av. Mártires da Machava, 905

Caro leitor

**Pergunta à Tina...**

Tudo o que precisas de saber sobre  
saúde sexual e reprodutiva

SMS  
**90441**

ou E-mail:  
[averdademz@gmail.com](mailto:averdademz@gmail.com)

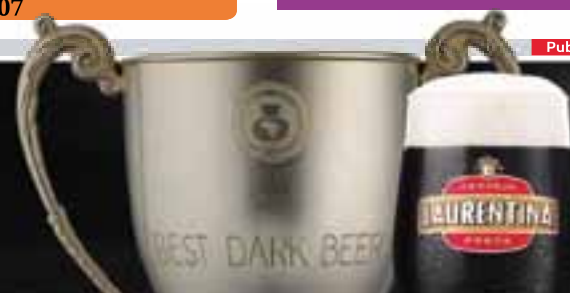
SOCIEDADE 07

**“Empresas nacionais não aceitam apoiar a produção das artes”**



Plateia PÁGINA 29

**ESTA PRETA É A MELHOR DE ÁFRICA**  
PRÉMIO DE QUALIDADE PARA A MELHOR CERVEJA PRETA DE ÁFRICA



SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.



## Editorial

averdademz@gmail.com

# Ide e recenseai-vos, o registo não pode parar a Revolução



Este será o primeiro editorial deste jornal acompanhado de uma imagem. O país está podre. Ou melhor: a Frelimo é um perigo para o desenvolvimento da pátria. As suas acções congeminadas no esgoto da sacanice não nos deixam mentir. Em diversas instituições públicas têm circulado, nos últimos tempos, fichas que recolhem nomes de funcionários e os dados

dos respectivos cartões de eleitor. Por que cargas de água um partido político precisa desses dados e tem de os recolher em ministérios, universidades e escolas?

O que nos dizem, as pessoas obrigadas a preencher tais fichas, é que as mesmas servirão, depois, para votar por elas. A prudência manda dizer que é necessário conceder o benefício da dúvida. Até porque a acrobacia necessária para o efeito, se realmente essa for a intenção da Frelimo, deve ser gigantesca. Trata-se, na verdade, de uma intenção que deverá dar um trabalho hercúleo. Pelo menos é nisso que podemos crer. No entanto, o país é grande e o território vasto. A capacidade de fiscalizar o processo e denunciar eventuais falcaturas é extremamente limitada. Não será, contudo, possível engendrar esquemas desta natureza, em lugares como a cidade de Maputo ou Quelimane, mas nos municípios mais distantes será fácil. É daí onde decorre o perigo e é preciso questionar a recolha dos números e a intenção de um partido que se diz glorioso.

A suspeição é maior quando o pomo de discórdia, no diálogo entre a Frelimo e a Renamo, reside no número de boletins impressos. A Frelimo é partidária da ideia de que é necessário ter boletins acima do número de eleitores. É, portanto, aqui onde reside o perigo. É deste ponto onde tudo pode ser desenhado para perpetuar, no poder, um partido cada vez mais impopular e desacreditado. Tão desacreditado que actualmente vive de campanha em campanha de lavagem da imagem do filho mais querido da nação na televisão que devia ser pública, mas que adora lambar as partes íntimas do poder e, por isso, presta mau serviço público.

Estes sinais, é bom que se diga, revelam que o regime anda caduco e à beira de tombar pelo peso do seu próprio corpo. A recolha de assinaturas é só mais um sinal de que falta pouco para nos livrarmos de governação tão abjecta. Amedrontar funcionários públicos para condicionar as suas escolhas pode parecer, à primeira vista, um acto de arrogância e de manifestação de força. Mas é fraqueza de quem já não pode contar com o povo. E isso, meus caros, é um bom sinal.

O surgimento de esquemas para escamotear a verdade e a vontade que deveria ser exercida nas urnas só demonstra, cada vez mais, a fraqueza do regime que nasceu para criar novos ricos do dia para a noite. Agora, meus caros, é a hora de combater a fortuna de antigos combatentes que nasceram quando a independência já corria e saltitava. Funcionários públicos ide e recenseai-vos. Se forem obrigados a preencher fichas de brigadas partidárias que organizam eleições preencham, mas com a consciência de que o voto é secreto e de que, se quiserem, nas urnas, sozinhos, podem espetar uma faca nas costas desse regime que vos coarcta a dignidade e a liberdade de escolha. É simples. Só precisam de um cartão de eleitor e de acordar cedo para, mais uma vez, alcançar a independência de quem tanto nos depena...



## Boqueirão da Verdade

“Para alguns analistas quando a Renamo exige paridade nos órgãos eleitorais está apertender partidizar a CNE e o STAE... Entretanto, é preciso lembrar a estas figuras que a CNE já está partidizada, só que de forma muito desequilibrada: 5 Frelimo e 1 MDM já que a Renamo não aceita os dois assentos reservados para si pela Frelimo”, **José Belmiro**

“Já imaginaram a Frelimo a sobreviver sem a TVM/RM/Jornal Notícias? Ainda nem começou a campanha eleitoral, mas as visitas de cada membro sénior do partido, ao seu círculo eleitoral, são notícia de destaque na imprensa pública/estatal. Nem imagino como será quando começar a campanha para as eleições daqui a 4 meses. Se a Frelimo perdesse as eleições e, consequentemente, o poder, como iria sobreviver? É que este partido sempre dependeu do Estado e dos meios do Estado para manter a sua hegemonia”, **Zenaida Machado**

“Se calhar já é altura de os seus dirigentes começarem a desenhar estratégias de comunicação e imagem que não envolvam a imprensa sustentada com os impostos de todos os moçambicanos – até os que odeiam a Frelimo. O melhor seria começarem a pensar em criar televisão da Frelimo, jornal da Frelimo, etc. É que no dia em que perderem o poder, correm o risco de não recuperá-lo mais pois podem desaparecer dos radares por não poderem contar com a imprensa estatal, para publicarem a propaganda do partido”, **Idem**

“Já imaginaram se a TVM/RM/Jornal Notícias dedicassem tempo de antena de destaque a todas as actividades do MDM ou da Renamo? Esses partidos sem a imprensa estatal e com todas as dificuldades que enfrentam no terreno – desde falta de fundos até aos confrontos com a PRM por colocarem panfleto ou bandeira aqui e ali – conquistam votos e assentos parlamentares.”, **Ibidem**

“Julgamos inoportuno e infeliz o seu pronunciamento do dia 16 do mês passado, aliás, condenável. Chamar os que criticam o seu desempenho de internautas e de distraídos que conhecem Nampula pela Google, entende-se como uma infâmia, ausência de ética, de escrúpulo e de humildade; verdadeiro insulto àqueles cujo imposto devia servir para o melhoramento da cidade, no seu sentido lato. Os munícipes de Nampula, em verdade, poucos o aprovam como seu edil, em face do desastroso desempenho, sobretudo neste mandato prestes a terminar; até os que suportaram a sua candidatura e posterior eleição ao cargo que ocupa, presentemente”, **Carta aberta contra as declarações do edil Castro Namacua**

“Os munícipes não têm Internet e outros serviços tecnológicos, até os básicos, devido ao fraco poder económico que os caracteriza. Por outro lado, eles não precisam de tecnologia para visualizar as dificuldades que o município atravessa; por exemplo, o lixo

vai aos munícipes, tapando os lugares que outrora foram de convívio público, incluindo ao redor das moradias, até ruas, estradas, jardins (o remanescente das lamentáveis inadequações), campos de recreação, etc. A erosão do solo urbano não tem paralelo, desfigurando a urbe”, **Idem**

“A União Europeia, ao proibir os seus cidadãos de viajar nos aviões certificados por nós, também deveria banir os seus aviões de voar no nosso espaço, porque não são só os aviões que são inseguros, o nosso espaço é controlado por controladores de tráfego do país, que também estão banidos pela EU. Para eles serem bem coerentes na sua decisão, os aviões da UE não deviam voar no espaço aéreo moçambicano”, **Paulo Zucula, ministro dos Transportes e Comunicações**

“Antes eu tinha grandes dúvidas sobre se a utilização da guerra, por parte da Renamo, para conseguir os seus objectivos, era correcta. Agora já não tenho. E quem me esclareceu, com aquela inteligência e perspicácia que o caracterizam, foi o porta-voz do Presidente da República, o ressuscitado Edson Macuácu. Explicou ele que a Frelimo é um partido de paz porque, tendo sido fundada em 1962, tentou conseguir a Independência por meios pacíficos. E só quando isso se mostrou completamente impossível, devido à intransigência do governo português, enveredou pela luta armada, em 1964”, **Machado da Graça**

“Na verdade, a Renamo anda, há vários anos, a tentar conseguir a satisfação das suas reivindicações por meios pacíficos. E, tal como aconteceu com a FRELIMO daqueles tempos, sempre esbarrou contra a intransigência de posições do actual governo, que apenas sabe dizer NÃO a todas as suas propostas. Portanto, tal como aconteceu com a FRELIMO, em 1962, perante esta impossibilidade de resolver os problemas a bem, a Renamo parece ter optado pela luta armada”, **Idem**

“Os investidores quando chegam ao país estão cientes das suas obrigações. Mas em algum momento são alguns moçambicanos que dizem: não paga este salário. Aliás, são pessoas que influenciam as decisões dos investidores que vêm ao país com a intenção de implementar práticas que conhecem dos seus próprios países”, **Helena Taipo, ministra do Trabalho**

“O que quer isso dizer? Quer dizer que a Renamo entende que o país deve ter uma espécie de neo-acordo de Berlim regido unicamente por dois partidos, Frelimo e Renamo. Não pensa sequer na gestão dos órgãos eleitorais por parte de pessoas competentes escolhidas por concurso público. Qual a estratégia de pressão da Renamo? A partir da Gorongosa, impor a guerrilha das estradas (a começar pelo Estrada Nacional n.º 1) contra a protecção governamental das cidades pela Força de Intervenção Rápida”, **Diário de um sociólogo**

## OBITUÁRIO:

**Adriano Gonçalves (Bana)**  
1932 – 2013  
81 anos



O cantor cabo-verdiano Bana, conhecido como o “Rei da Morna”, faleceu na madrugada de sábado no Hospital de Loures, em Portugal, vítima de doença prolongada.

Bana, de nome completo Adriano Gonçalves, de 81 anos de idade, foi um dos nomes que mais ajudou a projectar a música de Cabo Verde no mundo, desempenhando um papel fundamental como agente da cultura do arquipélago. Começou a sua carreira quando Cabo Verde era um território português, enquanto trabalhava como guarda-costas e moço de recados do compositor e intérprete B. Leza.

Juntando-se ao coro dos diferentes cantores que contavam e cantavam as mornas, os amadores dos violões, das violas e dos cavaquinhos apercebem-se rapidamente da voz invulgar, “admitindo-o” entre os grandes de então.

Um deles ficou particularmente encantado com a voz de Bana: nem mais nem menos do que o célebre compositor e poeta B. Leza, que o apresentou, em 1959, numa digressão que a Tuna Académica de Coimbra efectuou por São Vicente. Entre os responsáveis pela Tuna figuravam o escritor, romancista e jornalista Fernando Assis Pacheco e o poeta e político Manuel Alegre, que tentaram trazê-lo a Portugal para actuar.

No entanto, seria em Dacar (Senegal) que Bana gravaria o seu primeiro disco e daria os seus primeiros espetáculos. De Dacar, segue para Paris, onde permanece até 1968 e grava mais dois LP, e para a Holanda, publicando mais dois “long-play” e seis EP, muito em voga na altura.

É no ano seguinte, 1969, que surge o convite para se deslocar a Portugal. Foi na inauguração da Casa de Cabo Verde, em Lisboa, na companhia de dois dos seus amigos, Luís Morais e Morgadinho, com quem formara, em 1966, o conjunto Voz de Cabo Verde, ainda com Toy da Bibia.

Ao longo de uma carreira de mais de 60 anos, Bana publicou mais de meia centena de LP e EP, em grupo ou a solo, e participou em quatro filmes – dois franceses, um alemão e um luso/cabo-verdiano.

“Embaixador” da música cabo-verdiana, por ser pioneiro em levá-la aos quatro cantos da Europa e África, Bana foi reconhecido com várias condecorações e homenagens, quer em Cabo Verde, quer no estrangeiro.

Dentre a sua discografia, destaca-se «Canto de Amores» (2006), «Livro Infinito» (1999), «Bana, A Voz de Cabo Verde» (1991), «Perseguida» (1989), «Gira Sol» (1988), «Grito d’Povo» (1985), «O Encanto de Cabo Verde» (1982) e «Morabeza» (1981).



Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.



### Oposição construtiva

A oposição construtiva é mesmo um covil de Xiconhocas, com Yacub Sibindi e Mabote à cabeça. Não é que os homens inventaram, de tão preocupados que estavam com a situação social e política do país, uma visita ao líder da oposição barricado em Sathungira. Cidadãos exemplares estes dois senhores e políticos engajados no bem-estar social e económico de todos os moçambicanos. Engajados uma pinóia. Aquele gesto, digno de Xiconhocas, serviu mais para continuar a lamber de forma desalmada, despudorada e pornográfica as partes íntimas do poder. Uma oposição que se comporta como oposição e que nem luta para ter assentos parlamentares não é oposição. É uma espécie de catedral onde um Xiconhoca desempenha o papel de sacerdote na oração da sem-vergonhice.

### Suzana Loforte

Suzana Loforte, como qualquer Xiconhoca, deve viver num bairro de luxo, com contas pagas, televisão por satélite e água a jorrar 25 horas sobre 24. Só por isso teve lata para afirmar que os bairros, depois da interrupção no fornecimento, seriam abastecidos por camiões cisterna. O pronunciamento Xiconhoca só tem lógica para quem despreza profundamente a pobreza dos moçambicanos e desconhece igualmente a especificidade dos bairros. É impossível conter um incêndio no coração da periferia de Maputo quanto mais fazer chegar um camião para distribuir água pela plebe! O perigo não reside na inovação ou na evolução, o perigo nasce da boca suja dos Xiconhocas que abundam nas instituições públicas.

### Amosse Macamo

O papagaio do regime. Aliás, o indivíduo que aspira ao cargo de papagaio do regime. O homem que quer chegar ao topo decidiu abrir o livro e desdobra-se em campanhas para descortinar lixo nas cidades governadas pela oposição. Isso é, diga-se, atitude de um Xiconhoca da pior espécie. Só um Xiconhoca pode saltar o lixo da Polana Caniço, passar pela Lixeira de Hulene a transbordar da incompetência do regime que pretende pintar e ir desembocar numa cidade libertada como Quelimane. Gostaríamos de saber quanto é que um Xiconhoca ganha para abdicar do discernimento e colocar os neurónios em coma. Isso gostaríamos, sinceramente, de saber.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para [averdademz@gmail.com](mailto:averdademz@gmail.com), um SMS para 821111, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 28B9A117) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

## Xiconhoquices

da Semana

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

### Transporte no país real

Viajar no país real sem viatura própria é um martírio. Um percurso que pode ser feito em duas horas leva, no mínimo, seis horas. Isso acontece em quase todo o lado, mesmo nos locais onde as vias de acesso estão em condições aceitáveis. Não é, felizmente, um problema de falta de passageiros. É mesmo um problema de políticas feitas para sabotar o cidadão, políticas que amordaçam o calcanhar na base de uma montanha cerceando o desenvolvimento, políticas criadas para manter o povo permanentemente aflito. O que é grave, nessa história de viajar pelo país real, nem é com o passageiro ocasional. O mais grave acontece na vida daquele que já naturalizou, já tornou ordinário e já tornou normal o extraordinário.

É que os prejuízos dessas políticas prejudicam exactamente esse cidadão. É que a morte de um ente querido que perece antes de chegar ao posto de saúde é tão normal que a culpa é das distâncias e nunca de quem deve lutar para aproximar o posto de saúde da residência das pessoas ou tornar o percurso menos penoso. Estamos numa situação, também anormal, em que somos capazes de julgar fúteis as reclamações do povo de Maputo e Matola que julgam que é um insulto viajar de camiões. Na verdade é um insulto, mas o drama aqui é que há pedaços deste país que clamam, pelo menos, por este insulto para chegar pelo menos em cinco horas ao hospital. Só mesmo uma Xiconhoquice para colocar uma vítima a pensar que anda a

reclamar de barriga cheia.

### Basquetebol envolto em fantochadas

Moçambique acolherá, entre 20 a 29 de Setembro próximo, o Campeonato Africano de Basquetebol sénior feminino. Aliás, já no próximo mês de Agosto, a selecção nacional estará na 27ª edição do Afrobasket sénior masculino que vai decorrer em Abidjan. Contudo, a anteceder esses dois eventos, o país, no seu todo, não organizou sequer um campeonato, seja local ou nacional de basquetebol. Só mesmo um país com dirigentes Xiconhocas é que pode embarcar numa Xiconhoquice desta natureza.

O que esperamos, enquanto país, quando enveredamos por brincadeiras com o orgulho de uma nação? O mais honesto seria endereçar uma carta para as entidades competentes a anunciar a nossa desistência por questão de amor-próprio. Há coisas com as quais não se deve brincar e a dignidade de uma nação é uma delas. O que o basquetebol masculino vai fazer no Afrobasket? O que devemos esperar de uma equipa oriunda de um país que não realizou nenhum campeonato? Não é brincar com dinheiro que poderia ser melhor utilizado em coisas realmente importantes? Vão pagar passagens, hotel, alimentação e muito mais para ir passar vergonha. Esse dinheiro não seria melhor investido numa competição local? Parem de brincar com coisas sérias e de andar de Xiconhoquice em Xiconhoquice em nome do basquetebol e dos atletas que, na verdade, são as maiores víti-

mas desta sem-vergonhice.

### Esquemas de desvio de fundos no MINED

Um novo esquema sobre a forma como o Ministério moçambicano de Educação (MINED) terá sido delapidado, pelo menos no ano passado, acaba de chegar ao Gabinete Central de Combate à Corrupção (GCCC), o que atrasou o envio do processo ao tribunal.

Um relatório de sindicância da Inspeção das Finanças entregue ao Gabinete aponta que parte dos montantes ilicitamente sacados do ministério em 2012 saiu alegadamente para o pagamento de professores estrangeiros.

O porta-voz do MINED, Eurico Banze, segundo a Rádio Moçambique, escusou-se, esta segunda-feira, a indicar as áreas de ensino nas quais estão afectos os docentes estrangeiros usados para a delapidação da instituição.

Bernardo Duce, porta-voz do GCCC, revelou que o documento remetido aponta que os valores retirados para aquele fim, pelo menos no ano passado, estão muito acima das reais necessidades.

A ideia daquela repartição da Procuradoria-Geral da República, segundo Duce, era ter enviado o processo ao tribunal durante o mês de Junho, mas o relatório das Finanças, uma autoridade na matéria, possui informações que não devem, de forma alguma, ser ignoradas. Mais palavras para quê? Viva a Xiconhoquice.



# População sem água e Governo e “privados” digladiam-se

*O acesso ao precioso líquido continua um luxo para grande parte da população moçambicana, da qual a mais penalizada é a das zonas rurais, onde há zonas sem água canalizada. O drama vivido pelas pessoas que residem nessas áreas é pior do que se pode imaginar.*

Texto: Redacção • Foto: Arquivo

Enquanto o Governo e a Associação dos Fornecedores de Água de Moçambique (AFORAMO), se digladiam para se saber quem fornece mais água, cobre mais zonas e como calcular as indemnizações dos fornecedores privados em virtude da renúncia das suas licenças nos centros urbanos, onde decorrem projectos do FIPAG, há muita gente que todos os dias ainda caminha longas distâncias para obter uma lata do precioso líquido.

O drama da falta de água televisionado, radiodifundido e veiculado por outros meios de comunicação social, cujo “hipocentro” foi o Grande Maputo, na semana passada, em consequência do “braço-de-ferro” entre o Executivo e a AFORAMO, é de tal sorte minúsculo comparativamente ao que se passa nas vilas municipais no resto do território moçambicano, sobretudo nas zonas recônditas.

Vários bairros da capital do país, Matola e algumas da província de Gaza ficaram sem água por um período de mais 24h, porque a AFORAMO contesta um regulamento elaborado pelo Executivo, segundo o qual é proibido o licenciamento de operadores privados de classe I (com 500 ou mais ligações e a operar de forma independente), II (os que possuem menos de 500 ligações) e III (sem um número previsto de ligações) nos centros urbanos.

## Não existe água canalizada

Em Marrupa, na vila sede do distrito com o mesmo nome, na província do Niassa, a população debate-se com problemas sérios de falta de água cuja solução ainda vai levar dias. Diga-se, em abono da verdade, que não existe água canalizada a nível da autarquia.

O problema que já tem “barbas brancas” é do conhecimento das autoridades locais, e não só, que pouco têm feito para mudar o cenário.

A desculpa mais invocada é a falta de recursos financeiros. Consequentemente, os moradores são obrigados a caminhar todos os dias longas distâncias para obter o precioso líquido.

## O sofrimento das mulheres e crianças

A vila municipal de Marrupa dispõe presentemente de 29 de furos de água e a taxa de cobertura no seu fornecimento é de 16 por cento, contra os anteriores 11 por cento. Porém, a edilidade projecta construir mais 10 poços mecânicos ainda neste mandato prestes a terminar.

A falta de água canalizada tem martirizado mulheres e crianças. Ter um poço tradicional no recinto da casa é um luxo do qual poucas pessoas podem usufruir. Todos os dias, dezenas de municípios, sobretudo as donas de casa, têm de acordar às 4h00 da manhã e percorrer pelo menos três quilómetros para obter água.

Na tentativa de solucionar o problema, a edilidade, fazendo uso dos poucos recursos à sua disposição, tem vindo a promover concursos públicos para a abertura de poços me-



cânicos, porém, a participação de alguns empreiteiros não se mostra encorajadora, pois tem sido bastante difícil encontrar água no subsolo da vila, uma vez que o lençol freático se encontra a grandes profundidades.

Marta Romeu, edil da vila municipal de Marrupa, contou-nos que “no ano passado abrimos seis furos de água e gastámos cerca de dois milhões de meticais. Mas neste caso o empreiteiro saiu a perder, e nós conseguimos os furos de água porque nós não pagamos os poços negativos e automaticamente ele tinha de lutar para conseguir encontrar água e, felizmente, conseguiu fazer, embora com muito desgaste.

O nível de consumo de água já subiu. O rio que existe dista 30 quilómetros, precisa-se de muitos recursos, muito dinheiro, mas nós temos vindo a fazer de tudo e os municípios também participam, cumprindo as suas obrigações fiscais”.

## Em Metangula

A falta de água potável é uma das situações que dão à vila de Metangula, na província do Niassa, o aspecto de um povoado esquecido aos cinco anos de elevação à categoria de município. O acesso ao precioso líquido é uma das principais preocupações da população. Todos os dias, pelas manhãs e finais de tarde, os municípios, principalmente mulheres e crianças, deslocam-se ao lago Niassa para lavar roupa, louça e tomar banho.

A nível do município, a edilidade fornece o precioso líquido apenas nas primeiras horas do dia, entre as 5h00 e as 6h00. Porém, por vezes, há semanas que não jorra água nas torneiras dos municípios, devido a uma avaria no sistema de abastecimento, e esta é captada e transportada para o tanque aéreo da Base Naval e, de seguida, distribuída para a zona alta da vila. Ou seja, apenas uma parte de autarquia é que usufrui de água canalizada.

O município conta com 12 bairros, porém, na maioria o acesso a água potável ainda é um problema sério. A situação mais crítica verifica-se no bairro de Chiwanga que dista sete quilómetros da vila sede. No entanto, as autoridades municipais locais afirmam que a questão do precioso líquido é uma assunto já minimizado, uma vez que, além de água canalizada, a autarquia dispõe de 30 furos, e cada zona residencial conta com, pelo menos, uma média de três poços mecânicos não havendo casos em que os municípios tenham de percorrer mais de 200 metros para encontrar água para consumo humano.

## Gorongosa

Na vila municipal da Gorongosa, na província de Sofala, a falta de água para consumo, sobretudo a canalizada a nível da autarquia, ainda é um luxo para grande parte da população. A situação, que já perdura há vários anos, é do conhecimento das au-

toridades municipais e distritais.

A falta de recursos financeiros é a desculpa invocada. Nos últimos quatro anos, foram construídos 26 furos a nível do município, porém, os moradores são obrigados a caminhar todos os dias longas distâncias para obter o precioso líquido.

Ao longo da estrada, é comum a imagem de mulheres e crianças com recipientes de água na cabeça, além de um amontoado de bidões de 20 litros em volta de furos mecânicos, revelando o drama por que diariamente passam os residentes da Gorongosa, não obstante o município contar com dois pequenos sistemas de abastecimento.

A nível do distrito, verifica-se que um número reduzido da população é abastecido por poços artesianos e a maioria recorre aos rios.

## Lichinga

O acesso ao precioso líquido é igualmente um problema em Lichinga, apesar de a população já não percorrer longas distâncias. O abastecimento de água potável, segundo as autoridades municipais, ocorre apenas em sete bairros, dos 15 existentes.

Ao longo dos anos, foram construídos 43 fontenários e, actualmente, 47.457 municípios (o correspondente a 24 por cento) são abastecidos de água canalizada.

Todos os bairros em volta da cidade não têm água canalizada, porém, as zonas mais críticas são Mitava, Nomba, Nzinje e Massengere. Para este ano, projecta-se a construção de 10 furos, orçados em três milhões de meticais.

## Massinga e Chibuto

No município de Massinga, na província de Inhambane, só há 2.500 consumidores com água canalizada. Em Chibuto, está-se a construir um tanque com capacidade para reservar 300 metros cúbicos de água.

“O actual sistema tem uma capacidade quatro vezes superior ao que vem sendo oferecido no presente.

Na altura tínhamos motores que bombeavam água com capacidade de 80 metros cúbicos e neste preciso momento as máquinas que estão a ser instaladas contam com uma capacidade estimada em 600 metros cúbicos. Esse incremento vai fazer uma grande diferença. Numa primeira fase, podemos considerar que a cobertura será de 30 por cento”.

# VERDADE

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634



O Jornal mais lido em Moçambique.



# Dependente de uma cadeira de rodas para sempre

*O modo de enfrentar a deficiência física varia de acordo com a sua causa, porém, viver eternamente dependente de uma cadeira de rodas, à semelhança do que acontece com o jovem na imagem ao lado, é deveras doloroso quando as culpas dessa limitação são imputadas a um familiar.*

Texto & Foto: Nelson Miguel

Aos 22 anos de idade, Jaimito Rosário, residente no bairro Naquaquali, na vila-sede do distrito de Mecubúri, na província de Nampula, vive “condenado” a uma cadeira de rodas há anos.

Para além de acreditar que contraiu a deficiência por causa de uma agressão física protagonizada pela irmã da sua mãe na adolescência, a maior angústia do jovem é ter a consciência de que nasceu normal como qualquer outro indivíduo e que tinha habilidades para exercer qualquer tarefa sem depender de terceiros, o que actualmente é impossível.

Segundo nos foi narrado, num certo dia, aos cinco anos de idade, Jaimito estava a caminho da machamba na companhia da sua tia.

A dado momento, durante o percurso, ele sentiu cansaço e quis descansar. Contudo, a irmã da mãe obrigou-o a que continuassem a andar mas já não aguentava, por isso, resolveu descansar contra a vontade da pessoa com quem seguia a viagem.

Por se sentir desobedecida, a tia do nosso entrevistado recorreu à violência para fazer valer as suas ordens: a irmã da mãe pegou num pau e espancou o rapaz a ponto de este mais tarde se queixar de dores na coluna vertebral. A partir dessa altura, o petiz a que nos referimos começou a enfrentar problemas de saúde caracterizados por um padecimento forte na bacia e na parte do cóccix.

Volvidos alguns anos, as sensações físicas dolorosas pioraram, passaram a ser intermitentes e os membros superiores e inferiores de Jaimito ficaram atrofiados.

Na altura, os seus familiares negligenciaram o problema e estavam convencidos de que o mesmo era uma consequência da agressão física protagonizada pela tia com quem o indivíduo vivia. Actualmente ele mora em casa de Angelina Rafael, outra irmã da sua mãe.

A ser verdade que essa limitação física se deve às sovas, o nosso interlocutor pode ser apenas um exemplo de uma parte de pessoas, sobretudo crianças, que são sujeitas a maus-tratos pelos próprios parentes e, por conseguinte, contraem sequelas que lhes causam traumatismos pelo resto da vida.

Na cidade de Nampula há relatos de vários casos relacionados com a violência física contra os petizes, po-



rém, dentre eles muitos poucos chegam às autoridades para serem dirimidos.

Hoje, Jaimito está traumatizado, principalmente porque não tem dúvidas de que não existe nenhuma terapia que possa fazer com que volte a locomover-se sem depender de uma cadeira de rodas, não estuda e considera-se um homem inválido cujos sonhos estão gorados.

Aliás, ele queixa-se de ser vítima de maus-tratos cometidos por quase toda a família, facto que uma das suas tias confirma.

## “Brincaram” com a sua saúde

À nossa Reportagem, o jovem disse que, no princípio, a irmã da sua mãe, a mesma que supostamente o violentou, pensava que ele estivesse a fingir que sofria de dores e que estava a ficar paralisado. Por causa disso, abandonou a casa da irmã da tia e passou a viver com a progenitora, no povoado de Maririmue, a 12 quilómetros da vila-sede do distrito de Mecubúri, em Nampula, onde foi submetido a um tratamento tradicional. Contudo, nesse lar também não teve sossego.

Passados seis meses, entorpecimento de Jaimito agravou-se, não conseguiu ficar novamente de pé e os seus parentes contrataram um enfermeiro que passou administrar-lhe medicamentos, de forma ambulatoria, mas não houve nenhum sucesso.

“Não há lugar do corpo onde não recebi uma injeção: na coluna vertebral, nas pernas, nos braços e não faço ideia de outros locais. Tudo foi na expectativa de um dia melhorar de saúde, mas nada resultou”, desabafou o jovem, para quem, aos 21 anos de idade, a sua vida se tornou um calvário na medida em que passou a arrastar-se para se deslocar de um lugar para o outro.

Entretanto, sem ter sido submetido a nenhum exame médico específico, um dos tios de Jaimito requereu, por compaixão, junto do Instituto Nacional de Acção Social (INAS), delegação de Ribáuê, uma cadeira de rodas (alocada em Abril do ano em curso) para o seu sobrinho.

## Mais torturas

Jaimito acusou as pessoas com quem vive de se aproveitarem da sua condição física para o maltratar e obrigá-lo a viver em situação de humilhação perante a sociedade, sobretudo a progenitora e os irmãos.

“Quando vivia em casa da minha mãe era obrigado a ir pedir esmola para poder alimentar a família. Se não conseguisse um valor que estivesse de acordo com a expectativa dos meus parentes era agredido fisicamente pe-

los meus irmãos”, queixou-se o jovem, tendo acrescentado que as violações não terminavam por ali: por vezes, há dias em que não lhe era dado de comer porque na hora das refeições não se encontrava em casa.

## Que dizem os parentes

Angelina Rafael confirmou à nossa Reportagem que o seu sobrinho foi vítima de uma agressão física perpetrada pela tia quando o jovem tinha cinco anos de idade. Ela considerou que o acto não foi propositado. A senhora cuidava do menor e levou-o para Nampula com a finalidade de estudar mas isso não chegou a acontecer. “Ela puxava as orelhas, batia um pouco como forma de educar, numa dessas ocasiões causou lesões no menino a ponto de nunca mais voltar a andar”.

A nossa entrevistada fez saber que, neste momento, Jaimito vive com ela porque em casa da progenitora sofria também agressões físicas, era marginalizado, não se alimentava devidamente e era forçado a pedir esmola pois, devido à sua situação física, ele poderia facilmente comover as pessoas.

“Levei o rapaz a fim de viver comigo devido ao sofrimento a que estava sujeito na casa da mãe no povoado de Maririmue. O único sofrimento que enfrenta nos últimos dias é a falta de banho porque sozinho não consegue, devido à imobilidade dos seus membros inferiores e superiores”.

## Há que consultar um especialista

O @Verdade ouviu Joselina Calavete, médica generalista no Hospital Central de Nampula (HCN). Segundo ela, caso as tarefas tenham atingido a medula cerebral ou a coluna vertebral, é possível que haja lesões e deformações físicas.

Entretanto, a terapeuta acredita que o problema que apoquenta Jaimito seja resultante de uma doença como a poliomielite, por exemplo, que, não raras vezes, afecta crianças na mesma faixa etária em que o cidadão a que nos referimos contraiu a deficiência.

A técnica de saúde sugere que, apesar de ser tarde, os parentes do jovem devem contactar um especialista com vista a diagnosticar o que pode ter causado deficiência física.

# NEG LIGENCIA

A verdade em cada palavra.

**Seja um Cidadão e Reporte a Verdade**

✉ SMS: 90440

📞 WhatsApp: 84 399 8634

O Jornal mais lido em Moçambique.



## No reino das pedras

*Por imposição ou escolha, o ser humano tem de se adaptar às circunstâncias da vida, para não sucumbir. Cerca de 50 pessoas de um povoado entre a cidade de Tete e Moatize fizeram um pouco de tudo, passando de camponeses a vendedores informais. Não tem sido fácil, mas parar é morrer.*

Texto & Foto: Rui Lamarques

Berta, de quatro anos de idade, está de pé, com uma bacia na cabeça, ao lado pequenos amontoados de pedras para construção.

Mais acima, de onde vêm homens, mulheres e crianças da mesma idade, gotas de chuva cravejam o caminho de terra que sai do local donde o produto que transportam é extraído.

Ao lado de Berta encontram-se a mãe e Benjamim Rodrigues, este, de 31 anos de idade, conhecido pela alcunha de “chefe” entre a legião dos sobreviventes da pedreira. Na frente dos três, estão bidões de 25 litros desprovidos da parte de cima e que são usados como recipiente para medir a quantidade e marcar o preço.

Está-se em Julho de 2013, na era do boom dos recursos minerais na agreste província de Tete e das oportunidades de negócios que surgem de todos os lados, transformando a vida dos residentes deste el dorado como nunca pensaram.

Contudo, à margem das mineradoras e tudo o que elas arrastam, há quem vive literalmente do que a pedreira dá. São cerca de 50 pessoas que todo o santo dia amontoam pedras e vendem cada bidão por 20 meticais.



A procura é grande, mas o trabalho é pesado e os lucros nem sempre compensam. Na verdade, os ganhos não correspondem ao esforço despendido.

Não seria exagero afirmar que o dinheiro que resulta de um dia de trabalho é suficiente para viver e chegar ao dia seguinte com força necessária para calcorrear o mesmo calvário.

### Como tudo começou

Benjamim Rodrigues conta como tudo começou: “A terra deixou de produzir e nós ficámos sem nada para fazer.

Não podíamos cruzar os braços e morrer de fome. As pedras sempre estiveram aqui, mas só agora é que começamos a extrair e organizar para vender aos que constroem casas na cidade e na vila de Moatize”.

“A pedreira que está ali (aponta para um local ao lado onde funciona uma empresa que comercializa pedra formalmente) chegou depois de nós”, diz enquanto outros dois indivíduos acenam com a cabeça para darem mais força ao pronunciamento.

No princípio, era uma actividade exclusivamente masculina, mas a aridez da terra e a fraca formação dos residentes dos povoados entre Moatize e Tete arrastou mulheres e crianças para o negócio. Nem a concorrência da pedreira demoveu o “chefe” e companhia.

“Aqui é mais barato para o cliente”. Porém, bem mais difícil para o vendedor incapaz de organizar uma quantidade suficiente para ganhar algum dinheiro.

Os clientes, também, usam artimanhas para baixar o valor do produto. Grande parte aparece à beira de o sol se pôr para, desse modo, reduzir os custos. Uma chantagem que Benjamim e os outros cinquenta vendedores não conseguem combater.



Por exemplo, um bidão que nas primeiras horas custa 20 meticais lá para o final do dia não chega aos dez.

@Verdade conversou com um camionista que estava no local a encher o carro e a distribuir dinheiro para uma dezena de vendedores sorridentes.

João Herculano, de 34 anos de idade, afirmou que é muito mais barato comprar pedra para a sua construção nos vendedores informais.

“Não só é mais barato como também é possível comprar em pequenas quantidades de acordo com a disponibilidade financeira”.

Um metro cúbico de pedra num posto de venda formal custa 600 meticais. Nas contas de Herculano é possível poupar metade desde que se tenha paciência.

Reunir um metro cúbico de pedra não é tarefa fácil. Hélio, uma espécie de fiel escudeiro de Benjamim, explica o quão difícil é extrair e juntar à beira da estrada um metro cúbico de pedra.

A troco de 600 meticais subiu e desceu 24 vezes ao e do local onde recolhe com recurso a uma picareta as melhores pedras para atrair clientes. Levou duas horas e 33 minutos. Completamente estafado, mas feliz por ter feito num só dia o que, regra geral, precisa de três para ganhar.

A presença de crianças como Berta, num negócio que exige força braçal, pode ser explicada de duas formas. A primeira é que as progenitoras não têm com quem deixar as crianças. A segunda e talvez mais próxima da realidade é que grão a grão a galinha enche o papo. A metáfora não é exagerada e é só preciso olhar para o tamanho da bacia de Berta para confirmar que a sua contribuição no processo é residual quando o processo é decomposto.

É realmente muito pouca coisa o que transporta de cada vez. Contudo, no final do dia é muito o que junta.

O que se perde, no entanto, é o tempo para as brincadeiras próprias das crianças da sua idade e, neste contexto, são obrigadas – pela força das circunstâncias – a imitaram o comportamento de adultos na luta pela sobrevivência.

Berta chega com a mãe, de quem não se separa e acompanha no exercício de juntar pedras para comprar comida. Gabriela Elias, de 41 anos, mãe solteira, depois de ter morado três anos em Tsangano, mudou-se de armas e bagagens para um dos locais mais inóspitos do distrito de Moatize.

Uma mudança bastante significativa, já que em 1991 aquele lugar estava coberto de machambas. Passados 18 anos, as hortas perderam terreno e, pouco a pouco, a aridez foi tomando conta do espaço.

Contudo, há instantes que mudam uma vida. Para Gabriela tudo começou com um convite. Desesperada com a fraca produtividade da sua machamba, aceitou sair com Maria para recolher pedras.

Desde aquele dia, Gabriela sabe que depois daquele episódio, na sua vida, há um antes e um depois.

“Pela primeira vez, tive a consciência de que tenho de fazer qualquer coisa para sobreviver, mesmo que seja dura”.




### Tudo começa às cinco horas




Os trabalhos iniciam muito cedo, bem antes do sol espregitar. Àquela hora, dizem, a pedreira é apenas deles e “quem não trabalha não come”.

O regresso, esse, só se dá lá por volta das 19horas quando os clientes já não vêm e a fome aperta. Na verdade, diz Benjamim, o negócio “não dá para nada”.

Em média, conta, consegue arrecadar 300 meticais por dia, o suficiente para garantir comida na mesa de um agregado familiar com cinco membros. No local, de vendedor em vendedor, o relato repete-se. Este é um trabalho duro e só praticado por pessoas que se recusam a viver do “amanhã Deus dará”.

Previsão do Tempo	
Sexta-feira 19 de Julho	
Zona SUL	
	Céu geralmente pouco nublado. Possibilidade de ocorrência de neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste a leste fraco a moderado rodando para nordeste.
Zona CENTRO	
	Céu pouco nublado com período de muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais. Vento de sueste fraco a moderado.
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Possibilidade de chuviscos na faixa costeira. Ocorrência de neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento do quadrante sul fraco a moderado

Sábado 20 de Julho	
Zona SUL	
	Céu pouco nublado a limpo. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de nordeste a leste fraco.
Zona CENTRO	
	Céu geralmente pouco nublado. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais. Possibilidade de ocorrência de neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste a nordeste fraco a moderado.
Zona NORTE	
	Céu geralmernte pouco nublado. Possibilidade de chuviscos na faixa costeira. Possibilidade de ocorrências de neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste fraco.

Domingo 21 de Julho	
Zona SUL	
	Céu pouco nublado a limpo. Ocorrência de neblinas matinais locais. Vento de nordeste a noroeste fraco.
Zona CENTRO	
	Céu geralmente pouco nublado. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de nordeste fraco a moderado
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado com períodos de limpo. Possibilidade de ocorrência de neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste a nordeste fraco.
Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia	





# Violadores de crianças continuam a fazer vítimas

*Ainda são recorrentes os relatos de cidadãos, conhecidos e desconhecidos nas suas comunidades, que violam sexualmente menores de idade sem que nada lhes aconteça com vista a impedir a perpetuação dos seus actos nefastos.*

Texto: Redacção

Clara Nórdico, de apenas dois anos de idade, foi vítima de uma relação sexual forçada, protagonizada por um indivíduo de 35 anos de idade, identificado pelo nome de Albino Jacinto, no dia 06 de Julho em curso, no bairro do Triângulo, na vila sede do distrito de Nacarôa, na província de Nampula.

Segundo apurámos, por volta das 9h daquele dia, o cidadão que supostamente sente atracção sexual pelas petizas, natural do distrito de Eratí, no posto administrativo de Alua, aproveitou-se da ausência dos avós da vítima, que se encontravam na machamba, e abusou de Clara.

Esta contraiu ferimentos graves nos órgãos genitais e foi submetida a cuidados médicos especiais no Hospital Rural de Nacarôa.

Miguel Bartolomeu, porta-voz da Comando Provincial da Polícia da República de Moçambique (PRM) em Nampula, confirmou-nos a ocorrência, tendo dito que o criminoso está enclausurado e vai ser responsabilizado pelos seus actos.

Enquanto isso, na localidade de Michangulene, no distrito de Namaacha, na província de Maputo, outro indivíduo, de 52 anos de idade, é igualmente acusado de manter uma cópula forçada com uma adolescente de 15 anos de idade.

O crime deu-se há dias mas ainda gera polémica em virtude das circunstâncias em que aconteceu e de uma alegada insensibilidade das autoridades na sua resolução.

O @Verdade apurou que, no princípio, o agressor, localmente conhecido pelo cognome de Nato, fugiu para uma parte incerta, tendo reaparecido mais tarde para pedir desculpas à família da menina ofendida.

Ao invés do perdão, o cidadão foi detido mas, volvidos alguns dias, a Polícia restituiu-o à liberdade supostamente por ter pago uma fiança.

O caso está a ser dirimido pelo tribunal local, porém, os parentes da rapariga queixam-se de lentidão na tramitação do processo, sobretudo porque o filho do violador ameaça esquartejar, com recurso a catana, o pai da miúda caso insista em exigir justiça.

Por um lado, parece que há mais denúncias desses “pedófilos” do que responsabilização pelas suas acções. Por outro, as leis também falham, e demonstram que há uma certa insensibilidade de quem as criou em relação ao que tem acontecido um pouco por todo o território

moçambicano.

A secretária executiva da WLSA Moçambique, Conceição Osório, disse-nos, há quatro meses, quando a contactamos para se pronunciar sobre o assunto a que nos referimos desde a primeira linha deste texto, que, para além de outros dispositivos legais, “a lei da criança ainda é muito moralista e religiosa, porque a criança não é vista como sujeito de direito”.

A nossa entrevistada indicou, por exemplo, o artigo 409 da Lei 7/2008, que estatui que “se o agressor (violador sexual) casar com a vítima, embora a acção pública prossiga, a pena é suspensa e caducará cinco anos depois se não houver divórcio ou separação judicial por factos somente imputáveis ao marido”.

## A fragilidade das leis

Perante os traumas sofridos pelas vítimas de violações sexuais, as explicações segundo as quais os protagonistas destas atrocidades precisam de um acompanhamento clínico para evitar que o estado anímico em que se encontram piore e sejam reabilitados e reintegrados na sociedade, não bastam.

As comunidades, mais do que condenar esses actos, devem começar a agir no sentido de obrigar as instituições legalmente constituídas para dirimir esses casos a pôr em prática as suas acções de forma eficientes.

O combate às relações sexuais forçadas, principalmente as que envolvem menores de idade, para além de constituir um assunto sério que carece de medidas prementes para ser refreado, é um problema que fere a letra dos direitos da criança, desonra as mesmas e desvirtua a moral social. Entretanto, a aplicação das políticas públicas que responsabilizam as pessoas que cometem esse tipo de acções não se faz sentir.

Para a WLSA, a Lei de Promoção e Protecção dos Direitos da Criança (7/2008) não garante o cumprimento e a efectividade dos privilégios da classe para a qual foi criada. Ela não é aplicada, é disfuncional, arbitrária e fomenta a impunidade dos violadores sexuais. Ao invés de punir, apenas dá lições de moral.

Ainda na óptica daquela organização, o Código Penal também é muito permissivo à impunidade dos violadores e incentiva o aumento de casos. O outro instrumento legal que está a ser sistematicamente violado quando se aceita que a vítima case com o agressor é a Lei da Família (10/2004).

## Pergunta à Tina...O que provoca corrimento?

Olá meus queridos leitores. Na semana passada recebemos uma pergunta sobre o aborto. Iniciei um debate com alguns amigos sobre se as mulheres têm o direito total e absoluto de decidir sobre o que elas querem que seja feito com o seu corpo. É que, por lei, a mulher deve receber uma autorização do director da unidade sanitária onde pretende realizar a interrupção da gravidez, para poder fazê-lo. Deixo esta questão para reflexão. Enquanto isso,

Enviem-me uma mensagem através de um sms para **90441**  
E-mail: **averdademz@gmail.com**

**Veze sem conta se diz que o estímulo feminino provém do clítoris, sim. Mas a minha questão é: quais são outros pontos que podemos explorar na mulher para o seu estímulo? Zizi**

Olá Zizi. Gostei da tua pergunta. Eu, como mulher diria que há muitos pontos que podemos explorar para estimular a mulher. O que acontece é que esses pontos não são os mesmos para todas as mulheres. Por essa razão, é importante que a mulher se conheça, conheça o seu corpo, as coisas que gosta de sentir e que permite que o seu parceiro faça para lhe dar prazer. O toque do seu próprio corpo, a masturbação feminina, são algumas formas que se diz poderem ajudar a mulher a conhecer-se melhor. Mais ainda: na relação entre homem e mulher, quanto mais ela for aberta e sincera em relação ao que sente e o que gosta, mas fácil é ao seu parceiro poder estimulá-la e dar-lhe prazer.

**Olá Tina. Sou uma anónima de 21 anos. Eu gostaria de saber o que provoca corrimento. Gostaria de saber também se tem cura e se, não for tratado, representa um risco para a saúde.**

Oi linda. O corrimento tem várias causas. Primeiro, vou começar por explicar o que é corrimento. Há vários líquidos, espessos ou finos, que saem da vagina. Durante a ovulação, é possível ver uma substância que se parece com xima branca ou com queijo feta, e que não tem cheiro nenhum. Isto não é corrimento vaginal. Também quando a mulher está sexualmente excitada ou quando atinge o orgasmo, liberta um líquido viscoso e fino, transparente. Isto também não é corrimento vaginal. O corrimento vaginal é um fluxo ou descarga vaginal, que sai com um volume aumentado, e que muitas vezes é acompanhado de mau cheiro, comichão, irritação e ardência na área genital. O corrimento está geralmente associado ao desenvolvimento de fungos (ou bactérias) na flora vaginal, ou a alguma ITS. De forma geral, o corrimento não associado a algum tipo de vírus é normal e pode aparecer mais de cinco ou seis vezes por ano, e é fácil de se tratar. O corrimento associado a uma ITS requer um tratamento com antibióticos, de forma consistente, para se evitar a resistência do vírus. O corrimento é prejudicial à saúde física e emocional, porque em estado avançado pode provocar complicações não só na vagina, como também no útero, e até causar infertilidade ou, em caso de mulheres grávidas, a interrupção involuntária da gravidez. Por essa razão, é muito importante que, assim que a mulher sentir ou reparar que possui os sintomas de corrimento, vá procurar ajuda de um/a médico/a ginecologista, para fazer os exames necessários que se possa diagnosticar o problema e recomendar-se o tratamento adequado. Os/as médicos/as ginecologistas podem ser encontrados nos hospitais e centros de saúde. Finalmente, não posso deixar de dizer que umas das formas mais eficazes de evitar o corrimento é a utilização do preservativo em todas as relações sexuais.



**A verdade em cada palavra.**

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440    WhatsApp: 84 399 8634

**@Verdade**  
O Jornal mais lido em Moçambique.



# Acidentes rodoviários continuam a matar em Moçambique

*Dezoito compatriotas perderam a vida e outros 30 ficaram entre gravemente e ligeiramente feridos em consequência de dois acidentes de viação ocorridos no sábado e na segunda-feira, 13 e 15 de Julho em curso, no distrito de Zavala e na vila sede de Alto Molócuè, respectivamente.*

Texto: Redacção

Segundo o Comando-Geral da Polícia da República de Moçambique (PRM), em todo o país houve 62 acidentes de viação que resultaram em 34 óbitos, 77 feridos graves, 59 ligeiros e danos avultados nas viaturas sinistradas.

Relativamente ao que aconteceu no distrito de Zavala, na província de Inhambane, a cerca de três quilómetros a norte da vila sede de Quissico, duas pessoas contraíram ferimentos graves e cinco ligeiros.

Na noite daquele sábado, três viaturas embateram, das quais um camião de grande tonelagem (Maputo/Cabo Delgado), um Isuzu com a matrícula FCR-144NP (que ia na direcção Morrumbene/África do Sul, cujo condutor perdeu a vida no local do sinistro,

e uma camioneta de marca Toyota Hino com a chapa de inscrição MMM-99-96 (que seguia o trajecto Maputo/cidade de Inhambane).

De acordo com as investigações preliminares da Polícia, o acidente pode ter sido causado por uma ultrapassagem irregular, ao camião que ia a Cabo Delgado, feita numa subida de visibilidade reduzida pelo proprietário do veículo Toyota Hino. Este embateu frontalmente com o Isuzu que, também, circulava a uma grande velocidade.

Em relação ao sinistro rodoviário que se deu a 20 quilómetros da vila sede de Alto Molócuè, na província da Zambézia, este envolveu um autocarro da empresa transportadora Nange Investimento e igualmente um camião de grande tonelagem.

Oito pessoas morrem e houve 23 feridos, entre ligeiros e graves. A corporação explicou que o acidente foi causado pelo motorista do camião, uma vez que o mesmo havia bloqueado a via em virtude de o seu veículo se ter avariado numa zona de descida.

Refira-se que há dias, sete profissionais da Saúde perderam a vida no local do acidente, na zona Mabiha, no distrito de Massinga, quando a ambulância na qual se faziam transportar de regresso de uma missão de serviço embateu violentamente num camião de marca Mercedes Benz, que transportava estacas que destruíram totalmente o carro.

O porta-voz do Comando-Geral da PRM, Pedro Cossa, disse que dos acidentes de viação registados na semana passada constam 15 choques entre carros, cinco despistes e capotamento, 42 atropelamentos e uma queda de passageiro.

As principais causas de morte e derramamento de sangue nas estradas que ligam os diversos pontos do território moçambicano são, de acordo com o agente da Lei e Ordem, o excesso de velocidade, o corte de prioridade, as ultrapassagens irregulares e a condução em estado de embriaguez.

Por isso, das 27.828 viaturas fiscalizadas pela Polícia de Trânsito (PT), 66 veículos foram apreendidos por violação das mais elementares regras de trânsito, 83 condutores surpreendidos a conduzir sob efeito do álcool, três detidos por condução ilegal e dois por abandono do sinistrado.

Na óptica do porta-voz, o aumento de mortes nas estradas nacionais é uma demonstração clara da falta de responsabilidade, negligência e desrespeito das

normas previstas no Código da Estrada por parte dos automobilistas. Destes, há uma parte considerável que ainda desconhece as regras de condução devido à sua má formação.

Refira-se que entre a primeira e segunda semana de Junho, pelo menos 50 pessoas perderam a vida e outras 78 contraíram ferimentos, na sua maioria graves, vítimas de 47 acidentes de viação ocorridos em Moçambique.

“Registaram-se 13 acidentes causados por excesso de velocidade, dois por corte de prioridade e igual número por deficiência mecânica”, disse Cossa, que anunciou, na semana seguinte, que pelo menos 27

também morreram e outras 52 contraíram ferimentos entre graves e ligeiros, vítimas de 53 acidentes de viação.

Antes desses sinistros outros 29 compatriotas perderam a vida e outros 41 contraíram ferimentos, dos quais 200 graves, vítimas de 44 acidentes de viação registados no país. Segundo o oficial da Polícia, a redução do número de óbitos que semana após semana causa luto em várias famílias, mutilações e traumas nos sinistrados e engrossa as estatísticas sobre as anomalias cometidas na via pública, depende, em parte, do envolvimento da sociedade e do resgate de valores morais que se degradam a cada dia que passa.

Publicidade

**KPMG**

cutting through complexity™

## Serviços de Auditoria Interna

**KPMG** é uma empresa com bastante know how em serviços de contratação e terciarização de contratos de auditoria interna, tanto a nível local como na arena internacional. O nosso objectivo é ser líder nos mercados que servimos e, especificamente, ser o número um em reputação no mercado moçambicano.

Os serviços de Auditoria Interna da KPMG Moçambique podem ser diferenciados pelos seguintes factores principais:

- Somos a líder no mercado moçambicano em auditoria interna;
- Usamos auditorias internas estrategicamente focadas na gestão de risco;
- Temos uma equipa qualificada e experiente em auditoria interna com experiência também em auditoria local e regional;
- Temos especialização na indústria e auditores treinados em diversos sectores que vão desde telecomunicações a ONG's;
- Acesso a competências especializadas para complementar o serviço de Auditoria Interna em áreas técnicas que exigem habilidades de especialistas, como a fiscal e legal.

A KPMG tem a capacidade, competência, profissionalismo, entusiasmo e motivação para parcerias no desenvolvimento de soluções de auditoria interna que agrega valor significativo para as organizações e contribui activamente para a consecução de seus objectivos estratégicos e do negócio.

Contacte-nos!

**KPMG Auditores e Consultores**

Rua 1.233, nº 72C, Edifício Hollard, Maputo

Tel.: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358

E-mail: mz-fminformation@kpmg.com





## Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

### Reclamação

*Boa tarde, Jornal @Verdade. Gostaria, através do vosso meio de comunicação, de expor uma inquietação dos pais e encarregados de educação dos alunos da Escola Primária Completa de Khongolote, sita no município da Matola, na província de Maputo. É que as casas de banho daquele estabelecimento de ensino são imundas e atentam contra a saúde dos nossos filhos. A direcção não faz nada para resolver o problema, e nem mostra preocupação para o efeito. Desde que o ano lectivo começou, as condições de higiene pioraram porque pouco ou quase nada se faz para manter os balneários limpos, agradáveis e aprazíveis para os nossos descendentes e outros utentes da mesma escola.*

*Por vezes, como forma de ajudar a atenuar o problema, desembolsamos algum dinheiro, porém, nenhuma melhoria se verifica no que diz respeito às condições de higiene. Por isso, perguntamos: para onde é direccionado o dinheiro que os pais e encarregados de educação despendem para garantir que os seus instruídos estudem num ambiente saudável? Inquieta-nos igualmente o facto de sabermos que a Escola Primária Completa de Khongolote é pública e foi construída com o dinheiro proveniente dos impostos do povo mas as condições de ensino são precárias. Entendemos que, por norma, as instalações deveriam beneficiar de alguma manutenção para evitar a sua degradação, particularmente as casas de banho. Certo dia, os pais e*

*encarregados de educação deslocaram-se para aquela instituição e depararam com uma triste realidade: excrementos humanos espalhados à volta dos mesmos balneários degradados e impuros. Viram também quantidades enormes de lixo que denotavam a falta de limpeza há dias e do cumprimento das normas básicas de salubridade. Sem dúvidas, viu-se que os nossos filhos correm perigo de contrair doenças devido às condições de higiene deploráveis a que estão sujeitos todos os dias. Quando os pais manifestaram, insistentemente, o seu desagrado junto do corpo directivo da escola não tiveram uma resposta satisfatória. Não lhes foram apresentadas razões que concorriam para a falta de limpeza, tendo ficado com a impressão de que os dirigentes daquele estabelecimento de ensino não iriam resolver o problema a curto prazo.*

*Sempre que os nossos filhos se dirigem à escola ficamos desesperados porque não sabemos o que lhes pode acontecer por causa daquelas condições desumanas. O cheiro nauseabundo dos balneários atinge as salas de aula que se encontram próximo dos mesmos e acreditamos que isso afecta negativamente o decurso normal do processo de ensino e aprendizagem. Lançamos um grito de socorro no sentido de obtermos ajuda e, por conseguinte, salvar os nossos filhos do perigo de contrair enfermidades na Escola Primária Completa de Khongolote por causa da impureza das casas de banho.*

### Resposta

Sobre o assunto dos nossos reclamantes, a nossa Reportagem contactou a Escola Primária Completa de Khongolote, por intermédio do respectivo director, Francisco Manhiça. Este disse que a inquietação levantada pelos pais e encarregados de educação é legítima, mas a falta de fundos para assegurar a manutenção de rotina impede que haja alguma intervenção nos balneários com vista a minimizar o sofrimento dos alunos. Segundo o nosso entrevistado, o número de estudantes cresceu com a construção de novos blocos, passando de um universo de 3.000 para 6.000. A capacidade das casas de banho ficou reduzida e houve uma sobrecarga nelas. Por isso, algumas fossas entupiram e nunca mais a sua funcionalidade foi reposta. O nosso interlocutor disse ainda que só para esvaziar uma cavidade subterrânea para onde se despejam dejectos seriam necessários entre 2.000 e 3.000 meticais, um valor que a escola não

tem, porque o financiamento disponibilizado pelo Governo não cobre as acções de manutenção das infra-estruturas, apesar de que precisam de alguma intervenção. De acordo com Manhiça, não havia necessidade de os pais e encarregados de educação mediatizarem o problema que a escola está a enfrentar actualmente, uma vez que, apesar de não existir dinheiro para uma reabilitação de raiz, há obras que estão numa fase conclusiva que vão culminar com a entrada em funcionamento de uma nova casa de banho alternativa para alunos do sexo feminino, no terceiro trimestre deste ano. Entretanto, Manhiça disse que reconhece e agradece o esforço que os pais dos alunos do estabelecimento de ensino que dirige têm feito com vista a ajudar a escola a minimizar as dificuldades com que se debate. Espera que essa colaboração continue e as soluções dos problemas da escola sejam encontradas a nível da comunidade.

As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 – Maputo; por Email – [averdademz@gmail.com](mailto:averdademz@gmail.com); por mensagem de texto SMS – para os números 8415152 ou 821115. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

## Cães “assilvestrados” em Inhambane

*As noites dos bairros periféricos da cidade de Inhambane fazem lembrar – para quem viu – um filme chamado “O cão”. Em muitas ruas vagueiam caninos em liberdade, ameaçando os transeútes. E as autoridades municipais já vieram publicamente dizer que iriam encetar uma luta para abatê-los. Mas até hoje essas palavras não passam de retórica.*

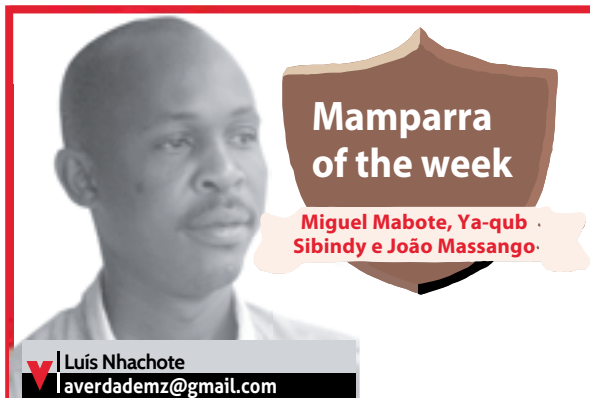
Texto : Alexandre Chauque

Têm-se registado casos de mordeduras. Nos bairros que agora se vão urbanizando, esses animais chegam a invadir, mesmo de dia, quintais alheios à procura de alimento, porque, por aquilo que se depreende, os donos não cuidam deles. Há relatos de cães que devoram galinhas e, recentemente, um cabrito foi atacado e morto e depois transformado em pitéu. Não vamos citar o nome do dono do vadio, mas teve de ressarcir os proprietários.

A maior parte das casas não tem um muro consistente de protecção e os animais vagueiam como querem. Não é pacífico andar à noite, com temor ao pior. Há uma revolta contra a edilidade, que é chamada a pôr cobro à situação. O cão é um animal de estimação.

É um guarda. E não pode andar à solta. Pior ainda, quando não é alimentado em casa procura o sustento em espaços alheios. “Assilvestra-se”. Torna-se vadio e uma ameaça pública, pois nunca se sabe se está ou não vacinado contra a raiva.

É sabido que um animal doméstico como o cão, que se “assilvestra”, torna-se feroz. E é aquilo a que se assiste em quase todos os bairros suburbanos de Inhambane. Os donos desses caninos não percebem que um animal daquela espécie tem que ser educado. Não pode andar na rua, importunando ou amedrontando quem passa. E o município tem a responsabilidade de dar a paz aos seus habitantes. Nas noites de luar, quando normalmente os bichos entram em cio, o caso torna-se mais grave. É perigoso passar por um lugar onde há disputa dos machos pelo cruzamento com a fêmea. Já se relataram casos de pessoas mordidas nessas ocasiões. O cão não é para andar sozinho na rua. É para ficar em casa. Mas há um caso insólito no bairro de Nhapossa. Existe um gigantestco cão criado por um boer: um rottweiler. Aterrador no aspecto. Anda à solta. Conhece as pessoas da zona. Não ataca ninguém. Foi educado para conviver com os vizinhos. Visita as casas. As pessoas que vivem ali já estão habituadas ao animal. Não têm medo dele. À noite recolhe e guarnece a casa do dono. É um caso de estudo.



### Mamparra of the week

Miguel Mabote, Ya-qub Sibindy e João Massango

### Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avós e Avós

#### Líderes da Oposição Construtiva

Os mamparras desta semana são Miguel Mabote, Ya-qub Sibindy e João Massango, que na busca de protagonismo acabaram por ser escoraçados pelo líder da Renamo, Afonso Dhlkama, em Sathujira, Gorongosa.

Tínhamos eleito a semana passada para mamparras os ditos partidos extra-parlamentares, que decidiram ir pedir audiência (e foram recebidos) ao Presidente da República Armando Guebuza, depois dos incendiários acontecimentos que vêm semeando luto nas famílias moçambicanas nos últimos dois meses.

Na busca de consenso, Guebuza abriu-lhes as portas e houve (até) fotografias. Porém, Afonso Dhlkama, por via do seu gabinete, recebeu no seu antigo bastião aqueles partidos (tantos que proliferam como cogumelos) que trataram o expediente em tempo útil.

Já Mabote, Sibindy, Massango e companhia limitada não esperaram que o seu expediente tivesse aval e meteram-se na estrada, às presas, mamparras que são, e decidiram ir por própria conta, só que para o seu azar, o líder da Renamo tratou de mandá-los “passear”, passe a expressão.

Desnorteados, regressaram à capital, e, como sempre na busca de protagonismo, chamaram a comunicação social para contarem os seus filmes.

No meio do enredo, puseram-se a dizer alto e bom som que Dhlkama temia as questões que eles pretendiam levantar, sobretudo no que diz respeito à desmilitarização dos seus homens; a paridade nos órgãos eleitorais, que eles afirmam que também devem ser incluídos, etc.

Entretanto, os membros do gabinete da Renamo trataram logo a seguir de desmascarar a mamparrada ao explicarem que aqueles ainda não tinham autorização e que a visita seria marcada para este fim-de-semana.

E acrescentam que Yaqub Sidindy terá faltado à verdade numa conversa telefónica com o porta voz da Renamo, Fernando Mazanga, ao afirmar que se encontrava na companhia de Raúl Domingos, quando na verdade este se encontrava em Maputo.

Este bando de oportunistas tem de ser imediatamente travado para que estas mamparradas tenham fim.

Alguém tem que pôr um travão a este tipo de mamparices.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana!



# “É ilegal recolher dados dos cartões dos eleitores”

Os secretários dos bairros e da Frelimo estão a recolher os números de cartões de eleitores em todos os 53 municípios onde está a decorrer o recenseamento eleitoral, com destaque para a cidade de Quelimane, província da Zambézia.

Naquela autarquia, a recolha é feita (até) em instituições públicas (escolas, unidades sanitárias, etc.), nas quais foram postas a circular listas que incluem, para além do nome, a função ou profissão, o número do cartão, o posto onde se recenseou e o contacto.

O documento, denominado “Mapa de Controlo dos Membros de Recenseamento Eleitoral”, é emitido pelos gabinetes de Preparação de Eleições. Os indivíduos que fazem o registo alegam querer saber quantas pessoas foram recenseadas e quantas ainda não estão, para se alcançar a meta, para que se prorrogue o prazo.

## STAE diz que é ilegal

Colocado a par deste assunto, o porta-voz e chefe do Gabinete de Imprensa do Secretariado Técnico de Administração Eleitoral, Lucas José, afirmou que nenhum secretário de bairro, membro de um partido político ou quem quer que seja tem legitimidade para recolher o número de cartão de eleitor ou outros dados referentes ao recenseamento eleitoral, excepto os que estiverem directamente ligados ao processo.

“A acontecer isso, as pessoas que o fazem agem à margem da lei, porque não está previsto na lei, daí que o eleitor não tem a obrigação de fornecer esses dados, principalmente porque não se sabe para que finalidade os mesmos são exigidos”, diz.

E acrescenta: “nos postos de recenseamento, as únicas pessoas com legitimidade para extrair qualquer dado dos documentos de eleitores são os membros das brigadas. Os representantes dos partidos políticos que se encontram nestes postos têm somente um papel fiscalizador”.

Entretanto, questionado sobre a inacção do STAE perante esta situação, Lucas José explicou que nos postos de recenseamento a actuação do pessoal daquele órgão termina quando o eleitor recebe o cartão, sendo que o que acontece em seguida não é da responsabilidade da instituição.

**07/09/2013 11:25 | by @Verdade**

O posto na Escola Comunitária São Paulo no município de Maputo parou de recensear cerca das 10h30 porque o equipamento informático ficou sem carga e a tomada no posto queimou. Segundo observadora eleitoral o equipamento foi levado para recarregar em outro posto.

**07/09/2013 16:06 | by @Verdade**

O posto no campo próximo CRPS no DU Kamavota, no município de Maputo, parou de recensear entre as 12h e 14h para recarregar o equipamento informático. Segundo observadora eleitoral o posto não possui energia eléctrica.

**07/09/2013 11:31 | by @Verdade**

O posto na escola nova no município de Maputo está a recensear sem problemas operacionais. Segundo observadora eleitoral fraca afluência de cidadãos.

**07/09/2013 16:26 | by @Verdade**

O posto na EPC Natite no município de Pemba está a recensear sem problemas operacionais. Segundo observador eleitoral há fraca afluência de cidadãos.

**07/09/2013 16:18 | by @Verdade**

O posto nas Artes e Ofícios no município de Xai-xai está a recensear sem problemas operacionais desde as 8 horas. Segundo observador eleitoral fraca afluência de cidadãos.

**07/10/2013 10:12 | by @Verdade**

O posto na EPC Gogone no município de Quelimane abriu com mais de meia hora de atraso. Segundo observador eleitoral há pouca afluência de cidadãos.

**07/10/2013 10:06 | by @Verdade**

Os postos 32 e 33 no município da Matola a abriu as 9h50 porque o polícia atrasou com as chaves. Segundo observador eleitoral há pouca afluência de cidadãos.

**07/10/2013 10:47 | by @Verdade**

O posto na EPC Maringonha no município de Pemba abriu com cerca de uma hora de atraso e está a recensear sem problemas operacionais. Segundo observador eleitoral não há afluência de cidadãos.

**07/10/2013 10:43 | by @Verdade**

O posto na EPC Filipe Samuel Magaia no município de Mandimba abriu e está a recensear sem problemas operacionais. Segundo observador eleitoral há muita afluência de cidadãos.

**07/10/2013 10:41 | by @Verdade**

O posto 220 no município de Mandlakazi abriu e está a recensear sem problemas operacionais. Segundo observadora eleitoral há pouca afluência de cidadãos.

**07/11/2013 13:03 | by @Verdade**

O posto Escola Secundária no município da Macia abriu mas não está a recensear, segundo observadora eleitoral.

**07/11/2013 12:59 | by @Verdade**

O posto 220 no município de Mandlakazi abriu com apenas dois brigadistas e, segundo observador eleitoral, está a recensear sem problemas operacionais. Fraca afluência de cidadãos.

**07/11/2013 12:51 | by @Verdade**

O posto na EP1 Macombe no município da Beira abriu e o equipamento informático está operacional. Segundo observadora eleitoral os cidadãos na fila reclamam quando os brigadistas dão prioridade as mulheres grávidas, mães com bebés ou idosos.

**07/11/2013 13:20 | by @Verdade**

O posto na EPC Mugado, no município da Namaacha, está a funcionar normalmente, os eleitores estão aderir cada vez mais, a máquina que a dias andava com problemas já está a operar. Segundo observador eleitoral de vez em quando tem apresentado problemas técnicos e tenho reparado que a operadora da máquina não está saber lhe dar devidamente com a máquina.

**07/11/2013 13:26 | by @Verdade**

O posto na EP Unidade 16 no município de Maputo só abriu as 10 horas devido atraso do um brigadista que tinha a chave. Segundo observador eleitoral, está a recensear sem problemas operacionais. Fraca afluência de cidadãos.

**07/12/2013 08:30 | by @Verdade**

O posto na Unidade 4 no município do Chibuto abriu as 8 horas com o equipamento informático operacional. Segundo observador eleitoral ainda não veio nenhum cidadão recensear-se.

**07/12/2013 09:43 | by @Verdade**

O posto na EPC da Manhiça no município da Manhiça abriu as 8h40 com o equipamento informático operacional. Segundo observador eleitoral Dois brigadistas não estão devidamente identificados. Há pouca afluência de cidadãos.

**07/12/2013 10:23 | by @Verdade**

O posto em Mapalanhangano no município de Nhamatanda abriu mas começou a funcionar depois das 9h porque não havia combustível para o gerador de energia que alimenta o equipamento informático operacional. Segundo observador eleitoral há afluência de cidadãos.

**07/13/2013 12:33 | by @Verdade**

O posto na EPC Samora Machel, no município de Cuamba, abriu as 8 horas mas o equipamento ficou de carga para recensear. Segundo observador eleitoral os poucos cidadãos que estavam recensear desistiram.

**07/13/2013 12:29 | by @Verdade**

O posto na EPC Jossias Tongogara, no município de Nhamatanda, abriu as 8 horas e o equipamento está

operacional. Segundo observador eleitoral não tem vindo cidadãos para recensear. Não sei se é da fraca educação cívica ou por outra razão.

**07/14/2013 09:41 | by @Verdade**

As 15h 35 dia, do dia 13, na EP1 de Chanica, em Mandimba, a máquina registou pequenas avarias durante o dia que condicionaram os trabalhos de recenseamento, informa observadora eleitoral.

**07/13/2013 20:58 | by @Verdade**

Foram recenseados 20 homens e seis mulheres, no posto da EP1 Josina Machel, em Marromeu. Informa observador eleitoral. De acordo com observador eleitoral, o posto da EPC de Mueda, no município do mesmo nome, recenseou até às 15horas 188 eleitores.

**07/14/2013 10:17 | by @Verdade**

Das 9 às 11h do dia 13, o posto recenseamento 178 da EPC 25 Junho, em Mocuba, nas 2horas de observação atendeu 14 eleitores. A abertura fez-se 20 minutos depois das 8h. Continua o registo de eleitores no quarto caderno. Das 14 às 16h, no posto 177 da ES-Mocuba, nas 2h de observação foram registados 25 eleitores. Notam-se enchentes a partir das 15 horas, informa observador eleitoral.

**07/14/2013 13:39 | by @Verdade**

No posto da Administração, em Cuamba, o processo de recenseamento decorre com uma brigada incompleta. A afluência de eleitores é considerável, mas acaba por ficar condicionada pelo défice de brigadistas, informa observador eleitoral.

**07/14/2013 18:28 | by @Verdade**

O recenseamento decorreu sem problemas operacionais no posto na EP1 no bairro 4 no município do Chókwe. Segundo observador eleitoral o partido Frelimo realizou uma reunião a menos de 30 metros deste posto de recenseamento.

**07/14/2013 20:47 | by @Verdade**

No posto 178 na ES Mocuba, no município de Mocuba o recenseamento esteve teve uma pequena interrupção devido a falta de tinteiro mas retomou sem sobressaltos até ao encerramento.

**07/14/2013 18:51 | by @Verdade**

O recenseamento decorreu sem problemas operacionais no posto na EPC Machava Bunhica, no município da Matola, até ao fecho as 17h30. Segundo observadora eleitoral foram inscritos 250 eleitores e encerrando o sexto caderno eleitoral. “É difícil trabalhar até as 17h30 pois escurece, as lâmpadas não acendem e as fotos aparecem escuras nos cartões dos eleitores”.

**07/14/2013 18:31 | by @Verdade**

O recenseamento decorreu sem problemas operacionais na Ep1 de Mopete brigada 174, no município de Nacala porto.

**07/15/2013 16:49 | by @Verdade**

O posto na EPC Coca Missava, no município de Xai-xai, está a recenseou até as 12 horas altura em que acabaram os tinteiros. Segundo observadora eleitoral STAE foi informado.



# RECENSEAR



## SMS: 90440

(válido nas redes 84 e 86 ao custo de 2 Mt)

**até 23 de Julho para poderes votar**  
**Depois conta-nos: # Foi fácil? # A equipa foi simpática?**  
**# Havia uma fila longa? # Tiveste algum problema?**



Email: [averdademz@gmail.com](mailto:averdademz@gmail.com)



WhatsApp: **84 399 8634**



BBM Pin: **2A8BBEFA**



## Democracia

# Deficientes moçambicanos querem inclusão nos projectos de desenvolvimento

A Associação dos Deficientes de Moçambique (ADEMO) é uma das mais antigas agremiações da sociedade civil moçambicanas que lida com os direitos das pessoas com deficiência no país. Com 24 anos de existência, o agrupamento clama por uma maior inclusão nos projectos de desenvolvimento.

O sentimento da ADEMO está sintetizado no apelo de Abel Machavete, secretário executivo da associação, que afirma que no âmbito das acções que visam o desenvolvimento do país “não se esqueçam de nós.” Ele lamenta, no entanto, um facto que no seu entender revela a secundarização deste grupo social por partes dos que almejam liderar os destinos do país. É que, segundo diz, “nunca ouvimos, num manifesto, algum candidato a dirigir-se a este grupo específico e dizer: ‘Eu vou fazer isto mais aquilo’”.

Texto: Alfredo Manjate • Foto: Miguel Manguenze

**@Verdade – O que é concretamente a ADEMO e quando foi criada?**

**Abel Machavete (AM)** – A ADEMO é uma Associação dos Deficientes Moçambicanos. Somos uma organização da sociedade civil criada a 18 de Novembro de 1989. Na altura, um dos grandes desafios que norteou a criação da ADEMO foi a necessidade de defender os direitos de pessoas com deficiência, independentemente de qual ela fosse, pois entendemos naquele época que, no âmbito dos direitos humanos, as pessoas com deficiência se encontravam em desvantagem comparativamente às outras. Foi por isso que surgimos como um movimento de advocacia.

**@Verdade – De forma comparativa, como vê a situação do deficiente naquela época e actualmente?**

**(AM)** – Infelizmente, não posso dizer que estamos numa situação positiva, estaria a ser optimista demais. Mas caminhamos para esse estágio. De 1989 até hoje passaram 24 anos e foram anos de muita batalha.

Durante esse tempo, o número de pessoas com deficiência que beneficiavam de serviços públicos, os mais básicos, como a educação, o emprego e a saúde, com destaque para a reabilitação, comparando com os números actuais, quer ao nível das cidades, quer nas zonas rurais, podemos dizer que há alguma melhoria. Encontramos alguma sensibilidade nas instituições públicas para responder a algumas necessidades de pessoas com deficiência. No entanto, ainda temos muitos desafios.

**@Verdade – Pode mencionar alguns ganhos verificados nesse período?**

**(AM)** – Bem, não tenho as estatísticas, mas no caso concreto da educação, comparando o número de pessoas com deficiência que tinham acesso a instituições de ensino, naquela época, e as que têm agora, percebe-se claramente que algo de bom aconteceu. Entretanto, estamos cientes de que precisamos que se faça muito mais.

É que, apesar dos avanços que se registaram, continuamos muito preocupados com a inércia em certas tipologias de deficiência. É o caso de surdos-mudos, crianças com deficiência mental que ainda não en-



contram espaço dentro da nossa esfera de educação.

Em termos numéricos há algum avanço. Mas continuamos a “dar de caras” com grandes desafios, principalmente no que respeita à deficiência auditiva e visual, se comparada com a física.

Preocupa-nos, sobretudo, a não existência de professores que possam responder às exigências específicas deste grupo social. Não temos, aqui em Moçambique, professores formados para dar aulas em língua de sinais. O Braille também não é do domínio dos professores.

Para o caso da deficiência visual, os alunos ainda encontram alternativas dada a existência do Instituto Visual da Beira. Assim, as crianças antes de entrarem para o ensino regular são preparadas para o uso desta tecnologia, que é a leitura e escrita em Braille. Mas esse é sol de pouca dura, porque quando já integradas nas escolas, os mesmos alunos não encontram professores capazes de interpretar essa escrita. E aí surge outro grande desafio. Como manter esses alunos na escola?

**@Verdade – Como ultrapassar esta situação?**

**(AM)** – Para esses casos, os alunos, por vezes, são obrigados a levar gravadores para a escola onde gravam as matérias e transcrevem-nas quando chegam a casa. Para o caso das avaliações, o professor é obrigado a dar teste oral. A situação é complicada.

No sector de transportes, temos também gigantescos desafios. Veja que 80 por cento dos transportes, por exemplo na cidade de Maputo e Matola, são assegurados pelo sector privado. E esses meios de transporte não oferecem as mínimas condições para acolher as pessoas com deficiência. A situação é tão precária que uma pessoa deficiente física que, portanto, usa carrinha de rodas para se locomover, quando pretende tomar um “chapa”, para além das péssimas condições em que é transportada, ainda tem que pagar pela carrinha que lhe permite deslocar-se.

Os transportes públicos também não ajudam muito em termos de acesso. O Governo nunca se preocupou em arranjar viaturas adaptadas aos deficientes.

**@Verdade – Como associação, quais são os pontos focais da vossa intervenção?**

**(AM)** – Nós não temos pontos focais, mas temos o controlo da situação da deficiência em Moçambique. Nós somos uma organização nacional, temos delegação em todas as províncias, e em alguns distritos. Ainda não abrangemos todos os 128 distritos, mas pretendemos fazê-lo. Fomos a primeira organização que surgiu para responder às preocupações das pessoas com deficiência. Muitas associações que, hoje, respondem a tipologias específicas de deficiências surgem da ADEMO, ou seja, existiram primeiro como departamentos na ADEMO.

**@Verdade – Como é que a ADEMO actua ou articula as suas actividades?**

**(AM)** – Nós actuamos de várias formas, tudo no sentido de interceder a favor do deficiente. Temos uma escola na qual trabalhamos com crian-

ças com deficiência auditiva, atraso mental e algumas múltiplas deficiências. Fizemos um levantamento de petizes deficientes ao nível da cidade de Maputo. Constatámos que algumas crianças tinham ligeiras deficiências que até podiam ser sanadas com acesso à fisioterapia. Algumas sofriam de doenças que acabariam por se tornar deficiências quando não tratadas mas, por outro lado, encontramos crianças que, mesmo em idade escolar, não estavam matriculadas. Portanto, sentimos a necessidade de encontrar formas de enquadrá-las num sistema de educação.

Nessa altura, só tínhamos três escolas especiais no país. E então decidimos abrir esta, a Escola Comunitária da ADEMO. Os alunos com deficiência que estão na Escola Secundária Josina Machel, hoje, partiram da nossa instituição.

Essa foi uma forma de mostrar ao Governo que, sim, é possível. Para além deste, temos vários projectos de geração de renda, principalmente para as mulheres. Notámos que existem muitas mulheres chefes de famílias que não têm uma fonte de renda.

**@Verdade – Qual é a capacidade de absorção da vossa escola?**

**(AM)** – Estamos a funcionar com cerca de trezentos alunos e a partir de 2007 conseguimos que fosse a MINED a pagar aos professores, que pertencem ao Sistema Nacional de Educação.

**@Verdade – Actualmente, como é que a sociedade moçambicana lida com a deficiência?**

**(AM)** – Bem, infelizmente, devo dizer que ainda persiste o preconceito no seio da nossa sociedade. As pessoas com deficiências ainda são estigmatizadas. Nós reconhecemos, no entanto, que essa é uma questão de mudança de mentalidade e que isso leva tempo. Ainda é possível haver situações em que numa família, quando alguém é deficiente, a tendência é esconder-lhe. E isso não acontece apenas nas zonas rurais, como muitas pessoas imaginam, mas também nas cidades onde o nível de informação e o seu acesso supõe-se que seja elevado. Portanto, o cenário é o mesmo. Ainda existe muito preconceito em relação à deficiência, os tabus são enormes.

**@Verdade – Mas a que se deve esse facto, tendo em conta que, por exemplo, nas cidades as pessoas têm acesso à informação?**

**(AM)** – Insisto na questão da mudança de mentalidade que é um aspecto que não ocorre do dia para a noite. Infelizmente, as pessoas ainda têm aquele pensamento de que quando há alguém deficiente no seio da família ele é resultado de al-



## Democracia



guma maldição, ou é um tipo de castigo. Pensam que a pessoa com deficiência traz vergonha, relacionam isso com a maldição. Entretanto, nós, como ADEMO, continuamos a travar a nossa luta no sentido de mostrar que o raciocínio correcto não é esse. Para além de factores de natureza biológica, a deficiência resulta da dinâmica da vida que em alguns casos até pode ser evitada.

**@Verdade - O Sistema Nacional de Ensino tem capacidade para absorver todos os petizes?**

(AM) - A capacidade de absorção do Ministério de Educação ainda é muito reduzido. Sentimos, porém, que há um esforço por parte do Governo para resolver o problema de acesso ao ensino, desde que foi lançado o projecto piloto, educação inclusiva, que preconiza que as crianças com e sem deficiência devem partilhar o mesmo espaço e, na melhor das hipóteses, as mesmas turmas. O grande problema é a falta de professores com qualificação para leccionar.

**@Verdade - Como é que um país que anualmente forma professores não possui mecanismos para englobar essas qualificações?**

(AM) - Nesse aspecto, quanto a nós, o que na verdade falta é a sensibilidade por parte dos decisores. Somos vítimas da vontade política de quem tem por obrigação tomar a decisão de fazer as coisas acontecerem.

A tecnologia existe, é só uma questão de importar. Veja que os poucos professores que hoje leccionam em língua de sinais ou em Braille foram formados em Portugal e nós temos uma forte ligação com esse país.

Temos cooperação, no que diz respeito ao Braille, com o Brasil que ao nível do mundo é um exemplo na questão de inclusão. Aqui mesmo em África temos exemplos da África do Sul, do Uganda. Então o que nos falta é vontade política para que as coisas possam acontecer.

**@Verdade - E como é a ADEMO lida com essa falta de vontade política?**

(AM) - Nós entendemos que a nossa função como associação da sociedade civil é trazer as coisas e mostrar que elas são possíveis. Nós colocamos essas questões quando estamos na mesa perante os decisores. Nós temos trabalhado com o Governo e em particular com o Ministério da Educação no sentido de mostrar que

existe muita tecnologia que pode ser explorada, procuramos sensibilizar o Ministério nesse sentido.

**@Verdade - No sector do emprego temos a Estratégia da Pessoa com Deficiência na Função Pública desenhada pelo Governo. O que tem a dizer sobre a iniciativa?**

(AM) - Foi um avanço, mas falta a sua materialização efectiva. Ela não está a ser cumprida. Se formos a olhar, mais uma vez, para o caso da educação, encontraremos numa escola algum professor com alguma deficiência, mas isso só não basta. O que nós estamos a dizer é que esta estratégia deve ser mais inclusiva. Queremos ver em todos os sectores pessoas com deficiência, e a trabalhar, claro, respeitando-se as capacidades individuais que essas pessoas apresentam.

Não estamos a exigir que a estratégia obrigue a que se dê emprego a pessoas sem qualificações para um determinado sector. Temos muitas pessoas com deficiência que são excluídas. É isso que não queremos que aconteça, que a avaliação seja em função de a pessoa ser ou não deficiente.

**@Verdade - Mas são a favor da estratégia?**

(AM) - Numa fase inicial sim. Nunca tivemos algo semelhante. A estratégia é um ponto de partida. Só precisa de ser melhorada.

**@Verdade - Em que aspectos?**

(AM) - O próprio Ministério de Trabalho ainda não conseguiu estabelecer metas para o sector de trabalho. Nós entendemos que o sector privado deve ser coagido por lei a aceitar dentro do seu quadro pessoas com deficiência. É preciso rever as percentagens estabelecidas para garantir a empregabilidade da pessoa com deficiência. Fala-se de um mínimo de dois por cento e máximo de cinco, dependendo do número de funcionários de cada instituição.

Não temos dados estatísticos fiáveis de pessoas com deficiência em Moçambique, mas olhando para aquilo que são os números globais e as causas de deficiência, como guerras, acidentes e outros, entendemos que são muitos os deficientes em Moçambique.

A Organização Mundial da Saúde estima que num país em via de desenvolvimento, como é o caso de Moçambique, a média de deficientes ronda entre os 10

e 15 por cento da população. Entretanto, nós falamos internamente de menos de cinco por cento, logo, há alguma disparidade, que é visível a qualquer um.

**@Verdade - A questão da deficiência é complexa. A que níveis prevalece a dupla discriminação?**

(AM) - Ela prevalece e para mim nem seria apenas dupla, mas sim tripla. Olhando dentro da família quando temos meninas e meninos com deficiência, se há alguma oportunidade, os primeiros a beneficiar são os rapazes. E só depois é que é a rapariga. Ou seja, esta situação começa dentro da família. E saindo da círculo familiar, encontramos um cenário em que as mulheres estão em desvantagem em relação aos homens mesmo que tenham o mesmo tipo de deficiência. Mas tudo isso parte da educação que recebemos. As pessoas são ensinadas a pensar que o homem tem mais capacidade do que a mulher e tudo o que vem a seguir a isso é a replica desse falsa premissa.

**@Verdade - O exercício da cidadania requer um nível elevado de acessibilidade nas suas mais diversas formas. Como é que olham para a participação da pessoa com deficiência nos processos eleitorais?**

(AM) - Nós participamos como qualquer outra pessoa. O que já fizemos com algum sucesso há anos foi que as pessoas com deficiência não fiquem nas filas à espera de votar. Mas não exigimos nenhum tratamento especial. O que pedimos é que quando se monta a cabina de voto se tenha em conta os deficientes que andam em cadeiras de rodas, pois estes, dependendo da altura, podem não conseguir usá-la devidamente.

E, por vezes, pedimos que se desloque a urna para onde a pessoa possa conseguir depositar o seu boletim. Em alguns casos encontramos alguma resistência. Mas na maior parte dos casos as pessoas têm tido essa sensibilidade. Talvez seja porque há aquela tendência de que precisamos de maior número de pessoas a votar. O que é mau é que nesses processos nunca vimos num manifesto, por exemplo, algum candidato que se dirija a esse grupo específico a dizer: "Eu vou fazer isto". Nunca vimos isso.

Sentimos que há uma necessidade de haver algum manifesto político que aponte para a existência de grupos específicos na sociedade e que diga de forma clara o que se compromete a fazer para este grupo. E cumprir.

**@Verdade - Tem havido alguma pressão relativamente a esse aspecto?**

(AM) - Estamos a preparar-nos. Temos alguns planos que gostaríamos de ver implementados. Estamos a notar que há um grande desenvolvimento nas cidades de Maputo e Matola. E para nós este desenvolvimento só fará sentido se abarcar todas as pessoas. Ninguém se deve sentir excluído.

Por exemplo, o município de Maputo divulgou o seu plano de desenvolvimento do sector de transporte para os próximos anos. Para nós, importem tudo que quiserem, mas não nos esqueçam. Isso é o que queremos, inclusão.

**@Verdade - Em algum momento pensaram em criar o vosso próprio manifesto?**

(AM) - Temos um plano que vamos partilhar com os candidatos às presidências de municípios. O documento contempla a saúde, os transportes, e, principalmente a educação, que para nós é o sector chave. Queremos mais crianças deficientes nas escolas. Na saúde queremos que se garanta o acesso à reabilitação.

**@Verdade - Pretendem mais escolas especiais...**

(AM) - Mais escolas especiais seria uma segregação, queremos que haja mais inclusão.

**A verdade em cada palavra.**

**Seja um Cidadão e Reporte a Verdade**

✉ SMS: 90440      📱 WhatsApp: 84 399 8634



Sinais de “fumo branco” nas negociações entre o Governo e a Renamo (?)

O Governo e a Renamo parecem estar próximo de chegar a um consenso relativamente ao primeiro ponto da agenda das negociações, que tem a ver com a legislação eleitoral. Na segunda-feira, durante a 11ª ronda, na qual foram passadas em revista as questões abordadas entre o quinto e o décimo encontro, o Executivo “cedeu” e concordou, na generalidade, com a proposta apresentada pela “perdiz”, mas não na especialidade.

Texto: Victor Bulande

Segundo Saimone Macuiana, chefe da delegação da Renamo, o Governo identifica-se com os 12 pontos do documento e julga-os pertinentes, porém, há divergências em relação a algumas alíneas. “O Governo diz que não concorda com certas alíneas, e nós pedimos que ele fundamentasse. O pedido foi aceite. O conteúdo da nossa proposta resume-se à paridade em dois órgãos, nomeadamente a Comissão Nacional de Eleições (CNE) e o Secretariado Técnico da Administração Eleitoral”.

Por seu turno, José Pacheco, que lidera a delegação do Governo, explicou que, apesar de o Executivo pactuar com todos os pontos do documento, há alíneas que não colheram consenso entre as partes, e “a Renamo pediu tempo para analisar as questões na especialidade”.

Actas

O outro assunto que dominou a 11ª ronda de diálogo tem a ver com a assinatura das actas pendentes desde a quinta sessão. Na semana passada, o Governo assinou-as unilateralmente e remeteu-as à sede da Renamo via correio. Já no encontro desta semana, a delegação da Renamo aceitou subscrevê-las mas diz que só irá fazê-lo após analisar o seu conteúdo, o que para José Pacheco é estranho porque as mesmas reflectem o que foi dito pelas partes.

Encontro entre Guebuza e Dhlakama

Relativamente ao encontro entre o chefe do Estado e o presidente da Renamo, Armando Guebuza e Afonso Dhlakama, respectivamente, Saimone Macuiana voltou a reiterar que o mesmo está dependente das condições que o seu partido impôs, ou seja, que sejam retirados os elementos das Forças Armadas de Defesa de Moçambique e da Força de Intervenção Rápida de Gorongosa para que o seu líder venha à cidade de Maputo, ou, caso não, que o Presidente da República se desloque àquele distrito.

Para Pacheco, estas exigências não fazem sentido porque, primeiro, o PR foi por duas vezes a Nampula, onde Dhlakama residia, o que revela a sua abertura ao diálogo, e, segundo, “nenhum partido político pode dar ordens ou determinar sobre onde as forças de defesa e segurança devem estar, como devem agir, etc.”.

Desmilitarização

Sobre a desmilitarização da Renamo, ficou acordado que a mesma será tratada quando estiver a ser discutido o segundo ponto da agenda, relativo à defesa e segurança. “O Governo insistiu mas a Renamo entende que o assunto será tratado quando for concluída a discussão da Lei Eleitoral”, disse Pacheco.

Eis a proposta de revisão da Lei Eleitoral apresentada pela Renamo:

Principais conclusões

No âmbito do diálogo entre o Governo da Republica de Moçambique e a Renamo sobre os pontos constantes na agenda do referido dialogo, foi até a data, debatido o primeiro ponto relativo à Legislação Eleitoral. O diálogo tem sido ao abrigo da Constituição da República de Moçambique e demais legislação aplicável. Tendo em consideração os superiores interesses do Povo Moçambicano, nomeadamente a manutenção da Paz, Justiça Social, Democracia e realização de Eleições livres, justas e transparentes, assim:

	Assunto	Alínea
I	As partes chegaram a consenso de que os pontos apresentados pela Delegação da RENAMO, são claros, relativamente	
II	As partes acordam em adoptar os pontos sobre os princípios da Legislação Eleitoral apresentados pela Renamo e em submetê-los à Assembleia da Republica para serem transformados em lei, devidamente articulada.	
III	Para a execução do ponto II, as partes acordam:	a) Propor o seu agendamento para a próxima sessão extraordinária da Assembleia da República, no prazo de 10 dias a contar da data de assinatura do presente acordo. b) Recalendarização do actual ciclo eleitoral.
IV	As partes acordam que a actividade política ou partidária não deve ser alvo de interferência, intimidação ou coacção de espécie alguma, movida por qualquer autoridade singular ou colectiva.	
V	As partes acordam que o Governo, tendo registado os pontos sobre os princípios da legislação eleitoral, apresentados pela Renamo, compromete-se a trabalhar tecnicamente nos foros apropriados, sempre que, para o efeito, for solicitado.	
VI	Dada a sua natureza, as partes acordam em remeter à Assembleia da Republica para efeitos de serem transformados em lei, na seguinte ordem:	

			Resposta do Governo
1	Princípios gerais:	a) Liberdade de imprensa e de acesso aos meios de comunicação; b) Liberdade de associação, expressão e de propaganda política; c) Não exigência do atestado de residência nas candidaturas às eleições, por a morada dos eleitores/candidatos constar do cartão de eleitor.	a) Concorda b) Concorda c) Concorda
2	Comissão Nacional de Eleições:	a) Uma Comissão Nacional de Eleições designada em respeito ao princípio da PARIDADE entre a Renamo e a Frelimo, sem prejuízo do consenso alcançado entre as bancadas da Frelimo e do MDM; b) Comissão Nacional de Eleições em cujas sessões plenárias assistem, querendo, representantes ou mandatários de partidos políticos; c) Comissão Nacional de Eleições com poder regulamentar apenas no âmbito das competências atribuídas pela lei; d) Comissão Nacional de Eleições impedida de exigir requisitos ou documentos para além dos previstos na lei; e) Replicar o formato da CNE a todos os seus órgãos de apoio, designadamente Comissões de Eleições Provinciais, Distritais e de Cidade, com as necessárias adaptações.	a) Não concorda b) Não concorda c) Não concorda d) Não concorda e) Não concorda
3	Secretariado Técnico de Administração Eleitoral:	a) STAE dirigido por um Director Geral e um Director Geral Adjunto que superintende as Direcções Nacionais, designados por consenso entre a Renamo e a Frelimo; b) STAE onde o seu quadro de pessoal, para além dos recrutados mediante concurso publico, integra pessoal proveniente dos partidos políticos e coligações de partidos, com assentos na Assembleia da República, designados por PARIDADE; c) Replicar o formato da alínea anterior, ao STAE Provincial, Distrital ou de Cidade e no processo de criação de brigadas de recenseamento e nas mesas de votos.	a) Ao invés de um director-geral adjunto, o Governo propõe um observador (do director-geral) b) Não concorda c) Não concorda
4	Recenseamento Eleitoral:	a) Os locais de recenseamento devem ser institucionalizados e fixos; b) O cartão de eleitor deve servir de prova plena de todos os elementos nele contidos, nomeadamente a morada ou residência.	a) Concorda b) Concorda
5	Campanha eleitoral:	Proibição de publicidade da campanha eleitoral fora do tempo da antena a fim de salvaguardar o principio de igualdade entre os concorrentes que apenas devem usar o tempo de antena distribuído pelos órgãos eleitorais.	a) Concorda, mas propõe que a proibição da campanha eleitoral fora do tempo de antena seja aplicada apenas aos órgãos públicos, nomeadamente a Televisão de Moçambique (TVM) e a Rádio Moçambique (RM)
6	Assembleia de voto:	a) 50 dias antes das eleições, cópias dos cadernos eleitorais são entregues, contra recibo, a todos os concorrentes às eleições, com o objectivo de imprimir maior transparência à votação; b) Membros da mesa de votação designados por paridade, de modo que em cada mesa de voto sejam integrados cidadãos propostos por partidos.	a) Não concorda b) Não concorda
7	Fiscais/ Delegados de candidatura:	a) Os fiscais/delegados de candidatura são indicados e credenciados pelos partidos políticos; b) Proibição de prender membros da assembleia de voto, delegado de candidatura ou fiscal de qualquer partido político ou coligação de partidos.	a) Não concorda b) Concorda que se proíba a prisão de membros da mesa da assembleia de voto, delegado de candidatura ou fiscal, excepto em caso de flagrante delito.
8	Apresentação de candidatura:	As listas de candidaturas a Deputado da Assembleia da República, Membro das Assembleias Provinciais e Municipais e para Presidente de Município devem ser recebidas pela CNE, contra recibo detalhado do que se recebe, que não as poderá recusar, devendo notificar os partidos/ concorrentes às eleições para suprir irregularidades de qualquer natureza.	a) Concorda
9	Votação:	Os delegados de candidatura devem ficar junta à mesa de votação para melhor exercer os seus direitos;	a) Não concorda. O Governo é pela manutenção da redacção da actual Lei Eleitoral.
10	Boletins de voto:	Não podem ser produzidos em número superior ao dos eleitores inscritos em cada caderno eleitoral, com o objectivo de evitar que os boletins que sobram possam ser usados de forma ilícita;	a) Não concorda. O Governo propõe que sejam produzidos mais 10 por cento dos boletins de voto.
11	Contagem de votos:	A contagem e o apuramento parcial dos votos são presenciados, em cada mesa, por representantes dos concorrentes às eleições, para conferir maior transparência ao processo eleitoral;	a) Não concorda
12	Contencioso eleitoral:	a) O contencioso eleitoral passa a ser dirimido pelos tribunais eleitorais; b) Introdiz-se a figura de recontagem de votos com a finalidade de resolver os conflitos eleitorais, reverificando os boletins de votos das mesas cujos resultados forem postos em causa ou duvidosos.	a) Não concorda com a criação de tribunais eleitorais, mas aceita que os tribunais distritais julguem contenciosos eleitorais. b) Concorda



## Ulónguê

# O desafio da urbanização

*Transformar em exemplo de urbanização uma “cidade” agrícola, com 17 bairros que vivem basicamente do que a terra dá, parece uma tarefa hercúlea até para as pessoas mais determinadas. Mas é o que as autoridades municipais tentam fazer desde 2009, para torná-la o motor do progresso para os seus 45.542 cidadãos...*

Texto & Foto: Rui Lamarques



No mercado de Ulónguê, autarquia na sede do distrito de Angónia, em Tete, quase não se vê o piso térreo. O sol chega ao chão apenas por minutos, isso quando os produtos saem do solo para os camiões de homens de negócio que vêm de todas partes do país e encontram, nesta pequena vila, um lugar onde arrematar mercadoria para ganhar dinheiro nas cidade de Tete, de Maputo, de Chimoio, de Inhambane e de Xai-Xai.

Bancas improvisadas conectadas à economia de todo o país demonstram que estamos diante de uma pedaço do território que se diz autarquia, mas que respira por todos os poros as riquezas da agro-pecuária. De Ulónguê saem batatas, tomate, cebola, repolho, couve, alface, e para os fornecedores das multi-nacionais em Tete, feijão, cabritos, gado bovino, alho e folhas de louro. Um ventre de alimentos que pare sobrevivência para os de cá e também para os de lá, como diria o poeta Helder Faife. É como estar no paraíso, no meio de odores e sabores que trazem à memória um período de abundância que os mais velhos contam, mas que nós, os mais novos, não testemunhámos.

A generalidade do território nacional é uma espécie de fotografia desfocada do celeiro que é Ulónguê, só nítida no centro da vila onde o betão é o senhor e dono do espaço. Esses lugares áridos que se encontram em todo o país são a antítese da vila de Ulónguê, o lugar onde a terra dá dinheiro e muda vidas. O maior problema actual – sem menosprezar o acesso a água – com o qual o município se debate, prende-se com o conflito entre o crescimento da mancha urbana e o espaço geográfico onde a agro-pecuária se realiza. A excepção é formada pelos que ganham o pão fabricando tijolos de barro. João Dengo, de 24 anos de idade, faz tijolos com o barro extraído ao fundo do quintal da sua casa de cobertura de palha. É um trabalho rotineiro, cansativo e maçante. Ele e a mulher, Aurélia, incluindo os pais, irmãos e cunhados moldam com as mãos as peças desde as primeiras horas do dia até ao entardecer. João aprendeu com o pai, que aprendeu com o avô, mas ele tem feito de tudo para interromper esse ciclo. “Os meus dois filhos estão na escola, quero que sejam alguém melhor do que eu”, sonha.

Em Ulónguê, a história de Dengo repete-se. As hipóteses de emprego na vila escasseiam e os jovens vivem de inventar formas de aumentar a renda. Trabalham por conta própria, vagueiam pelas ruas à procura de trocados, recolhem o que vêm pela frente, estendem a mão pelas esmolas de turistas. Um idoso julga que o comportamento libertino dos jovens veio com a instalação do ensino superior. “A escola trouxe novas possibilidades, mas também trouxe vícios de longe. No meu tempo não andávamos nas casas de pasto a mendigar álcool. A culpa é dos

hábitos da cidade”, sentencia. E isso explica a taxa de desemprego explícita de 60 por cento.

Portanto, mas do que um espaço urbano, Ulónguê é a negação disso. É um município rural que vive basicamente da agricultura. Recolhe, anualmente, de impostos, 4,2 milhões de meticais. Ou seja, 11. 506 meticais por dia. A capacidade de gerar receitas fica muito aquém dos desafios da vila. O maior, diga-se, é levar água aos munícipes. O centro da urbe conta com quatro bairros e em todos há água e luz. A periferia, essa, foi preterida pelo pequeno e obsoleto sistema de distribuição do tempo colonial. Uma situação que a edilidade pretende relegar para a história. Para o efeito, será reabilitado o pequeno sistema para servir mais bairros. O valor para tal já existe. Quatro milhões de dólares poderão, asseguram fontes municipais, resolver o problema. No entanto, não é seguro que a obra de reparação tenha lugar este ano.

Em junho de 2012, o município anunciou um plano de expansão da cidade. Chamou-o de alargamento da mancha urbana, o que na prática representará um contendor de problemas para resolver. Os talhões já foram parcelados e as construções de novas moradias já arrancaram. O que significa que a necessidade de água será maior numa vila onde o precioso líquido só chega a 30 por cento da população.



A palha de caniço, usada para coberturas de luxo nos restaurantes de Maputo e nos lodges das zonas costeiras, onde as praias paradisíacas de Moçambique atraem turistas, estende-se por toda a largura da zona frontal do mercado. Porém, aqui a mercadoria serve para cobrir residências de bloco cru que o cidadão comum de Ulónguê habita.

Pilhas de sacos de batata encontram abrigo onde der. Em Ulónguê, com os seus 45.542 habitantes, a terra significa trabalho, dignidade e, sobretudo, dinheiro. As suas 400 mil toneladas de milho geram 3. 200. 000 meticais por ano. Nesta vila nunca houve dificuldades para se produzir. Os agricultores, regra geral, produziam o suficiente para viver e um pouco para vender. Mas agora a realidade é outra e os campos de produção tendem a crescer.

**Vai te RECENSEAR**

**até 23 de Julho para poderes votar**  
**Depois conta-nos: # Foi fácil? # A equipa foi simpática?**  
**# Havia uma fila longa? # Tiveste algum problema?**





Falando em água é preciso lembrar que mais de metade da população não tem acesso a corrente eléctrica. A situação é mais grave nos bairros mais distantes do centro da vila onde a percentagem de casas sem iluminação chega aos 98 por cento nos casos mais graves. Os números indicam que apenas 38.2 por cento da população é que se podem dar ao luxo de acender uma lâmpada dentro de casa. 18.9, na sua maior parte concentrados na cintura da vila usam vela para iluminação. 40.5 por cento recorrem ao petróleo, parafina ou que-ro-sene. Nos primeiros dois anos de mandato foram beneficiados 508 consumidores com ligação à rede da Electricidade de Moçambique.



Na verdade, Ulónguê é um paraíso se a análise das suas potencialidades estiver virada exclusivamente para a agro-pecuária. As mazelas, essas, ressaltam aos olhos quando a vila tenta de abraçar a urbanização. Com excepção das vias de acesso herdadas do período colonial Ulónguê não sabe o que é asfalto. Para os bairros periféricos foram abertas vias de acesso, mas as mesmas carecem de manutenção todos os anos. Um autêntico bico-de-obra para o município.

#### Actividade económica e emprego

Efectivamente, existem em funcionamento 156 barracas, 10 estabelecimentos comerciais, uma



agência funerária privada, três restaurantes, uma fábrica de farinação, 20 carpintarias de pequeno porte, uma olaria, duas padarias e 17 oficinas de pequeno porte. Estas actividades asseguram 2.789 postos de trabalho. O município emprega apenas 100 cidadãos. De todos os modos, o número representa um crescimento enorme para uma edilidade que em 2009 contava com cinco funcionários. O sector privado emprega praticamente muito mais: 1.344 funcionários.

Na verdade, 14.889 cidadãos estão em idade de trabalho. Portanto, excluindo os que procuram emprego pela primeira vez, a população economicamente activa é de 9.383 pessoas o que, de acordo com dados municipais.

O grosso dessa população que não encontra emprego é absorvida pela actividade agrícola. A vila possui cerca de 800 hectares de terra arável. Grande parte dos produtos que são comercializados nos mercados da cidade de Tete e Moatize sai de Ulónguê. “Produzimos 400 mil toneladas de milho. Este milho vai para Tete, Manica, Sofala, Zambézia, Nampula e Maputo. Isso significa que os nossos produtos têm sido comercializados em diversos pontos do país”, diz alegre uma fonte municipal o que confirma, sem o saber, que o Ulónguê não é propriamente uma vila. A agricultura e a ruralidade, apesar do betão no centro da urbe, sempre se irão impor à urbanidade.

#### Desporto e cultura

Numa vila sem grandes hipóteses de diversão, a autarquia desdobra-se, nos últimos tempos, na realização de actividades culturais e torneios de futebol entre os 17 bairros de Ulónguê. Durante o ano, os bairros organizam-se e disputam um torneio que apura quatro equipas para uma finalíssima que se disputa no centro da autarquia. A ideia, assegura o edil local, “não só é benéfica para a saúde dos jovens de Ulónguê como também garante que os mesmos se mantenham afastados de vícios”.

O mesmo acontece na vertente cultural. Cerca de 50 grupos de todos os bairros da autarquia são incentivados a competirem entre si para garantirem a preservação da diversidade cultural.

#### A vantagem de ter as multinacionais na capital da província

A presença das multinacionais está a contribuir para o aumento das áreas de produção. Actual-



#### Receitas da edilidade

As receitas próprias da autarquia continuam muito aquém do desejado. Contudo, a edilidade gaba-se de ter aumentado, em quatro anos, nove vezes o valor que o governo distrital cobrava no espaço que hoje é vila municipal. Em 2008, um ano antes de Ulónguê se tornar autarquia, o governo local arrecadou 500 mil meticais de receitas próprias. Portanto, a meta em 2009 foi estabelecida de acordo com os números da governação distrital. A ideia, de acordo com uma fonte municipal, era duplicar as receitas. Porém, no final do ano económico o balanço mostrou uma receita de 1.5 milhão de meticais. Esse número, asseguram, nunca parou de crescer de ano para ano. Os últimos dados disponíveis dizem respeito ao exercício económico de 2012 e dão conta de uma colecta de 4.2 milhões de meticais.

#### Município Vila de Ulónguê em números

Vereações 4  
Agentes económicos 10  
Escolas secundárias 1  
Funcionários do município 100  
Fontes de abastecimento de água 15  
Fontes de abastecimento de água criadas pelo município 10  
Vias de acesso terraplanadas 11.900 metros  
Habitantes 45.542  
Salas de aulas construídas 30

mente a população é detentora de dinheiro para a satisfação das suas necessidades básicas. É notória a qualidade das residências que começaram a surgir depois de a produção agrícola ter deixado de apodrecer nos celeiros e Malawi deixou de ser a única alternativa para os produtores. Numa cidade sem meios de transporte formais, os camponeses prosperam como nunca imaginaram. O número de viaturas aumentou radicalmente. Hoje, diz-se, a grande preocupação é expandir a energia para a periferia. Dentro da vila os bairros estão electrificados. Nas zonas em expansão de Xindeque, Tembeza, Matewera e Ntchoncolo são as mais críticas nesse aspecto.



**SMS: 90440**  
(válido nas redes 84 e 86 ao custo de 2 Mt)



Email: **averdademz@gmail.com**



WhatsApp: **84 399 8634**



BBM Pin: **2A8BBEFA**



# “Temos obras que podem ser testemunhadas...”

@Verdade foi até a Vila de Ulónguê e trocou dois dedos de conversa com Armindo Júlio, edil daquela vila que se tornou município em 2009. Ficámos a saber que o grande problema daquela circunscrição é água. A estatística diz que a cobertura actual no abastecimento à população é de 48 por cento. Para o edil o problema tem dias contados e já existe um financiamento de 4 milhões de dólares para reabilitar o pequeno sistema de distribuição. Tal, diz, aumentará para 86 por cento a capacidade de fornecimento. No entanto, nem tudo é dificuldade naquela espaço territorial e o nível de cidadania é das coisas que Armindo Júlio apresenta com bandeira. Ou seja, a construção de escolas conta com a participação dos munícipes...

Texto & Foto: Rui Lamarques

**(@Verdade) – Caminha para o final do seu mandato. Que balanço faz?**

**(Armindo Júlio)** – O nosso balanço é positivo se avaliarmos pelo cumprimento de cerca de 90 por cento do nosso manifesto eleitoral. Os restantes 10 por cento têm relação directa com a reabilitação do pequeno sistema de abastecimento de água potável. Este processo arrancou com o lançamento de um concurso de saneamento. Terminado o mesmo, iremos iniciar a reabilitação das infra-estruturas. Portanto, se as obras arrancarem este ano teremos 100 por cento de cumprimento. Nós conseguimos neste percurso criar uma base sólida para o funcionamento do município. Quando a municipalização começou tínhamos apenas cinco funcionários. Hoje somos mais de 100 trabalhadores. Isso representa uma grande evolução em termos de prestação de serviços. A polícia municipal tem dado uma grande contribuição no colecta de receitas e na fiscalização em relação aos vários empreendimentos socioeconómicos erguidos na nossa autarquia.

**(@V) – O que o município construiu nestes quase cinco anos?**

**(AJ)** – Se falarmos de construções, a autarquia conseguiu reabilitar cerca de 60 quilómetros de estradas. As nossas vias de acesso são de estradas terraplanadas. Construímos cerca de sete pontes de grande energia. A nossa vila ao longo da periferia é atravessada por vários riachos que impediam, de alguma forma, a circulação de pessoas e bens. Com a construção das pontes estamos a contribuir para que as pessoas se comuniquem e que haja uma circulação de pessoas e bens, como também dos excedentes agrícolas. A nossa autarquia tem a fama de ser o celeiro de Moçambique. No que diz respeito a infra-estruturas escolares, construímos 10 blocos de três salas de aula cada.

**(@V) – O que isso significa?**

**(AJ)** – Isso ignifica que as nossas crianças não estudam de baixo das árvores. Portanto, não estudam ao relento e estão num bom compartimento. Recentemente apetrechámos cerca de 25 salas de aulas com mobiliário. Isto significa que as nossas crianças têm carteiras e cadeiras neste momento. Para nós é uma grande contribuição para o processo de ensino e aprendizagem. Julgo que as nossas crianças têm uma oportunidade de aprenderem em melhores condições. A assimilação e a aquisição de conhecimentos processam-se com alguma celeridade. Construímos muito recentemente e inaugurámos uma unidade sanitária na zona de Nsendeza o que contribui, primeiro, para diminuir as distâncias que eram percorridas pelas comunidades da periferia, que ficaram menores. Na prática, as pessoas percorriam 15 quilómetros. Hoje já não precisam de percorrer essa distância porque conseguimos colocar uma unidade sanitária próxima das comunidades. A mesma serve, para além da população de Nsendeza, as de Chibanda, de Ntache e Pfuuso. Com a contribuição das comunidades e outros parceiros de cooperação construímos 52 furos e poços de abastecimento



de água que têm estado a contribuir para que a população tenha acesso ao precioso líquido.

**(@V) – Qual é o trabalho da autarquia na vertente cultural e desportiva, uma vez que se trata de um município com uma população activa muito jovem?**

**(AJ)** – No que diz respeito ao desporto incentivamos a criação de equipas. Ao nível da autarquia temos cerca de 30 que participam em campeonatos promovidos pelos município. Os vencedores são premiados. O campeonato é realizado, primeiro em zonas e, depois, tem uma finalíssima ao nível da sede municipal. Temos estado a promover festivais culturais com o envolvimento de 50 grupos culturais da nossa autarquia, representando a diversidade do nosso rico e vasto património cultural. Portanto, estamos a falar de algumas danças tipicamente tradicionais, como são os casos de Nkwendo, Ngoma, Ngulowakulo e Ngitale.

**(@V) – O que dizer do desempenho na área financeira?**

**(AJ)** – Ao nível da área financeira temos a percepção de que o nosso desempenho foi positivo. Em 2008 a receita anual cobrada pelo Governo era de 500 mil meticais. Mas a partir da municipalização, em 2008, quando ascendemos a vila municipal e em 2009 iniciámos a nossa governação tínhamos planificado uma receita anual de 1 milhão de meticais. Conseguimos 1.5 milhão. Portanto, houve uma grande crescimento em relação ao que era arrecadado anteriormente. Em 2010 programámos uma receita de 2 milhões, mas obtivemos até ao final do ano 2.6 milhões. Em 2011 o planificado estava estimado em 2.9 milhões e obtivemos 4.1 milhões. Como se pode ver, de ano para ano a nossa receita tem estado a subir apesar de sermos uma vila tipicamente rural. Mas temos estado a redobrar esforços na colecta de receitas tendo em vista os grandes projectos que temos de desenvolver junto das comunidades. Quer com as receitas que o município tem vindo a arrecadar, quer com os fundos provenientes do Estado, temos contribuído para o desenvolvimento e crescimento da nossa economia. A nível da nossa vila temos de realçar a contribuição dos nossos agentes económicos e outros parceiros de cooperação. Por exemplo, antes tínhamos uma bomba de combustível, mas hoje temos três. A vila só tinha um banco e hoje tem três. Só tínhamos três estabelecimentos comerciais, mas hoje temos 10. Temos uma fábrica de processamento de cereais com capacidade diária de 100 toneladas. Também temos a fábrica de processamento de sementes.

**(@V) ... E a recolha de resíduos sólidos?**

**(AJ)** – Na área do tratamento e recolha de resíduos sólidos estamos a conhecer grandes avanços. Começámos o processo com apenas um tractor, mas hoje temos dois meios circulantes. A nossa autarquia não tinha sequer um meio de transporte quando entrámos na municipalização, mas hoje temos seis meios circulantes. Contudo, precisamos de trabalhar para continuarmos a promover o bem-estar das comunidades.

**(@V) – O que tem a dizer quanto ao abastecimento de água?**

**(AJ)** – Esse é o grande clamor das comunidades. Contudo, temos a certeza de que o problema será resolvido porque temos um financiamento de 4 milhões de dólares para a reabilitação do nosso pequeno sistema e os de Luenha e Espungabera. Se conseguirmos arrancar com o processo de reabilitação ainda este ano, então julgamos que as comunidades da placa central da vila estarão muito satisfeitas. Na placa central temos quatro bairros e as pessoas gostariam de ter água nas suas próprias casas, mas tal não tem sido possível. Os furos não resolvem o problema. A solução passa pela reabilitação do pequeno sistema. Mas esse é um problema com os dias contados. De resto, temos obras que podem ser testemunhadas em qualquer um dos bairros que quiser visitar.

**(@V) – Qual foi a receita em 2012 e quanto se prevê arrecadar em 2013?**

**(AJ)** – Em 2012 obtivemos 4.2 milhões de meticais. Em 2013 planificámos uma receita de

6 milhões. No entanto, ainda não fizemos uma avaliação do que já conseguimos, mas temos a convicção de que esta meta será alcançada pelo evoluir do processo de colecta de receitas.

**(@V) – Qual é a percentagem da população com acesso a água? Também gostava que falasse um pouco da cobertura em 2009.**

**(AJ)** – Quando entrámos a cobertura era de 28 por cento. A cobertura actual é de 48 por cento.

**(@V) – Com a reabilitação do sistema de abastecimento de água da vila, qual é a perspectiva em termos de cobertura?**

**(AJ)** – Quando reabilitarmos o pequeno sistema teremos alcançado 86 por cento. Isso porque continuaremos a ter, quer na vila, quer na periferia, algumas comunidades que terão de ser abastecidas por fontes alternativas.

**(@V) – Para além da água, quais são os dois grandes desafios do município?**

**(AJ)** – Os grandes desafios da edibilidade, sem contar com a água, prendem-se com o ordenamento do território. A vila precisa de crescer e deparamos com um grande constrangimento. Ou seja, o facto de se tratar de uma vila tipicamente agro-pecuária na sua génese, criar zonas de expansão fica difícil porque esbarramos no espaço que sempre serviu para os diversos tipos de gado. Portanto, há uma disputa de espaços entre a urbanização e a área para os animais. O outro grande desafio que temos é o asfalto. Precisamos de fazer com os nossos recursos. Mas como temos estado a melhorar as nossas receitas e como temos tido a sorte de receber algum apoio dos nossos parceiros, temos fé de que futuramente teremos todas as condições criadas para colocar pavê e asfaltar algumas vias de acesso.

**(@V) – Qual foi a sua maior vitória neste mandato?**

**(AJ)** – A minha maior vitória, neste cinco anos, foi ter contado com a participação dos munícipes na resolução dos problemas da vila. Eu julgo que foi uma grande vitória porque se trata de um caso raro no país e no qual os munícipes participam na construção de escolas, unidades sanitárias e no melhoramento das vias de acesso.

**(@V) – Como é que se concretiza essa participação?**

**(AJ)** – Por exemplo, na construção de escolas as comunidades fabricam blocos e o município encarrega-se das tarefas adjacentes como erguer, cobrir e apetrechar. Há comunidades que realmente deram uma grande contribuição na construção de escolas. Com a nossa capacidade não seria possível conceber 10 blocos de três salas de aulas cada. Isso foi fruto do envolvimento das comunidades. Elas tornaram os custos muito mais baixos. Eu julgo que na hora de fazer o balanço eu julgo que é importante reconhecer e congratular o esforço destes munícipes. Conseguimos lançar este desafio e o mesmo foi prontamente aceite.



# “Não há bairros com problemas de falta de água potável em Dondo”

*A sensivelmente cinco meses do fim do seu terceiro mandato, Manuel Cambezo, presidente do Conselho Municipal de Dondo, garante que cumpriu, do plano aprovado no início de 2009, acima de 97 por cento. Afirma ainda que os problemas de acesso limitado a água potável e a precariedade da rede viária são questões já ultrapassadas naquele município da província de Sofala. Quanto à provável recandidatura para o seu quarto mandato, Cambezo diz que não sabe se o fará. “Não sei. Geralmente, somos comandados pelo partido e costumo dizer que o município não é minha empresa nem do meu tio. Se fosse, eu diria que me iria recandidatar”.*

Texto: Helder Xavier • Foto: Fernando Cerveja

## @Verdade – Qual foi o desempenho da edilidade de Dondo nos últimos quatro anos?

Manuel Cambezo (MC) – O balanço que faço do nosso desempenho neste terceiro mandato é positivo, completamente positivo, por termos conseguido cumprir cerca de 97 por cento do nosso plano aprovado no início do mandato. Na verdade, já estamos um pouco acima de 97 por cento e a nossa expectativa é que até Setembro, o mais tardar, cumpriremos tudo aquilo que prometemos e provavelmente um pouco mais do que foi planificado. Refiro-me a todas as vertentes, desde a área de administração, construção urbanização e infra-estruturas, serviços urbanos e gestão ambiental, saúde, acção social e género educação, cultura e desporto. Mesmo na área da segurança, concretamente no que diz respeito à Polícia Camarária.

## @V – Quais são as actividades em falta para se chegar aos 100 por cento de realizações?

MC – Temos algumas actividades, como é o caso da conclusão das obras de construção de sedes de localidades municipais, nos bairros de Nhamaiabwe e Mafarinha. Temos de concluir a edificação de um mercado no bairro de Mandruzi, duas salas de aulas no bairro Samora Machel, e o edifício dos serviços municipais, concretamente a área de finanças. Basicamente é isso que está a faltar, mas se nos visitarem vão ver que o nível de execução de obras dessas infra-estruturas está avançado e penso que daqui a pouco vamos inaugurá-las.

## @V – O acesso a água potável tem sido um calcanhar de Aquiles para grande parte dos municípios de Moçambique. Qual é o ponto de situação em Dondo?

MC – Se tomarmos em conta o desempenho no nosso primeiro mandato, nós demos muita prioridade à área de abastecimento de água, fomos trabalhando na construção de fontes ou bombas de água em zonas onde a rede não chegava e depois viramos a atenção para dentro da cidade. A rede de canalização estava totalmente obstruída e, em parceria com o FIPAG, tivemos de desencadear uma operação, tendo resultado num aumento da capacidade de fornecimento do precioso líquido. De 500m<sup>3</sup> passamos para 2500m<sup>3</sup>, fizemos uma extensão de cerca de 80 quilómetros de água no bairro Central onde passa a conduta. Estamos a falar também dos bairros de Mafarinha e Consito. Agora estamos a trabalhar para dar água aos bairros Samora Machel e Canhandula. O nível de cobertura é praticamente total, não há bairros que se debatem com problemas graves de falta de água potável. Antigamente, os munícipes caminhavam uma distância de um quilómetro ou pouco mais à procura de água, e hoje já não acontece isso; mesmo assim, as necessidades são crescentes uma vez que o número da população cresce e há zonas periféricas que precisamos de atender para que esse problema não seja uma preocupação. Estamos a falar de 90 por cento de cobertura.

## @V – Na componente de saneamento do meio, o que é que foi feito?



MC – O saneamento do meio foi também uma das áreas prioritárias. Como se sabe, esta é uma zona baixa, embora tenha uma ligeira diferença com a cidade da Beira, mas de qualquer maneira tínhamos sérios problemas com o saneamento. Estamos a falar do saneamento no seu contexto global, ou seja, as valas de drenagem; quando chovia as águas não corriam, portanto, fizemos uma intervenção no bairro Central e outra em Nhamaingá. Construímos mais de 80 quilómetros de vala de drenagem. Por outro lado, adquirimos algumas unidades de transporte, estamos a falar de camiões e tractores. Há zonas residenciais onde, quando chovesse, se registavam imediatamente casos de cólera e diarreia. Edificámos 100 latrinas melhoradas e ecológicas. Isso ajudou bastante e a população percebeu também que, combatendo os charcos, podemos eliminar as doenças.

## @V – O município dispõe de uma lixeira para o tratamento de resíduos sólidos?

MC – Temos uma lixeira municipal e daqui a pouco vamos construir uma lixeira maior e com todas as condições para o depósito de lixo, e fazer os aterros.

## @V – O que foi feito para melhorar os assentamentos informais?

MC – Essa é a outra área que nós priorizámos. A cidade de Dondo foi nos tempos do conflito armado um local onde as populações vindas do interior paravam à procura de segurança e, neste movimento, as pessoas foram ocupando os locais onde não deviam ser erguidas habitações. Esse problema foi detectado logo de princípio e decidimos que devíamos, por um lado, reordenar os bairros densamente povoados. A nossa preocupação é identificar zonas sem problemas de desordenamento territorial. Definimos como prioridade de reordenamento os bairros de Nhamaiabwe, Nhamaingá e Consito, e esse trabalho foi feito com sucesso. No bairro de Nhamaiabwe fizemos cerca de 600 talhões e estamos a distribuí-los aos munícipes. A requalificação do bairro de Consito está na fase conclusiva, pois tivemos um financiamento relativamente pequeno. Naturalmente, tivemos de fazer a actualização do plano de estrutura onde definimos as zonas mais extensas para as várias actividades, designadamente habitação e indústria e zonas verdes. Aprovámos também um plano de gestão ambiental.

## @V – No que toca às vias de acesso, houve alguma melhoria?

MC – No que respeita às vias de acesso também saímos vitoriosos. A nossa rede viária estava com grandes problemas de circulação de meios de transporte, sobretudo as áreas de acesso com zonas de produção, que é o caso de Mandruzi. Aqui na zona urbana o asfalto e o pavé nas ruas são fruto de uma actividade recente. Começámos no segundo mandato e neste terceiro continuámos e há bem pouco tempo pavimentámos a estrada que começa na agência bancária do Millennium-bim até à Escola Secundária de Dondo. Esse é um projecto que se vai repetindo todos os anos e estaremos a melhorar também as vias de acesso, não só na parte urbana mas também nas zonas periféricas.

## @V – Qual é a actual situação económica do município?

MC – Temos aquelas que são as receitas de transferências do Estado, o fundo de investimento e de compensação autárquica, e temos as nossas receitas locais. A nossa situação é boa em termos de cobrança de impostos, é verdade que as cobranças nunca estão no mesmo nível daquilo que são as nossas necessidades, mas se compararmos as receitas do primeiro mandato, do segundo com as do terceiro, nota-se um crescimento. Estamos encorajados por aquilo que atingimos comparativamente aos anos anteriores. Os balanços feitos até ao momento mostram que ultrapassámos os 100 por cento de crescimento, agora estamos na casa de 150 ou 200 por cento.

## @V – O comércio informal é uma actividade que cresce de forma desenfreada nesta autarquia. Essa é uma situação que preocupa a edilidade de Dondo?

MC – Obviamente. Por isso, assumimos essa questão de construção de mercado para organizar o comércio informal e também com o objectivo comum de melhorar a saúde pública. As populações vendiam nas ruas os seus produtos e isso trazia problemas para a saúde. Fomos construindo os mercados e agrupando os vendedores nesses locais. Onde não conseguimos construir, há sempre uma organização, nós fazemos o controlo e cobramos taxas simbólicas. Para dizer que temos um certo controlo em relação a este grupo, e encorajamos os vendedores informais. Até agora construímos quatro mercados, que estão a contribuir para o crescimento das receitas e a redução das doenças diarreicas.

## @V – Embora não seja da competência do Conselho Municipal, houve alguma intervenção nos sectores como a Saúde e a Educação?

MC – Na área de Saúde, construímos um centro de saúde no bairro de Thundane que

disto 12 quilómetros do centro da cidade de Dondo. É uma zona que tinha grandes problemas, mas nós minimizámos. Erguemos duas casas para enfermeiros em Thundane e Samora Machel. Comprámos uma ambulância para ajudar a deslocação de doentes, o que era um problema muito sério de Dondo para a cidade da Beira. Também adquirimos três bicicletas ambulâncias. Como sabe, o sector da Saúde não pertence ao município, mas participámos tomando em consideração que é uma das preocupações dos nossos munícipes. Na área de Educação, também temos vindo a participar na construção de salas de aula, estamos a falar de quatro salas e os respectivos blocos administrativos e sanitários públicos. Também comprámos mais de 200 carteiras para as escolas que não tinham e pudemos constatar uma grande satisfação porque era um preocupação das nossas crianças que estudavam debaixo de cajueiros.

## @V – Porque é que a nível do município ainda não existe transporte público para permitir a deslocação dos munícipes de um bairro para o outro?

MC – No ano passado introduzimos os “txopelas” para diversas zonas, mas os operadores acabaram por sentir que não havia viabilidade económica, porque as nossas vias não estavam em condições e pouca gente usa esse meio de transporte e, portanto, recuaram. Mas, neste momento, porque as necessidades crescem e porque há várias obras de construção de estradas acho que já está haver algum estímulo para os transportadores ou taxistas porerm os seus veículos nessas vias. Neste momento, as moto-taxis garantem o transporte dos munícipes de um ponto para o outro. Na verdade, a situação de transporte está a ser minimizada.

## @V – O que se pode dizer relativamente à rede eléctrica em Dondo?

MC – Conseguimos no ano passado iluminar de Canhandula até Samora Machel; foram mais de 18 quilómetros, e isso trouxe um impacto extremamente positivo, quer para a iluminação das casas, quer para a segurança pública. Continuamos a trabalhar até agora e a população sente que os seus problemas estão a ser resolvidos. O único aborrecimento que se verifica neste momento é a montagem do sistema de “Credelec”. Mas a energia já está a chegar à maioria dos bairros da cidade de Dondo.

## @V – Vai-se recandidatar?

MC – Não sei. Geralmente, somos comandados pelo partido e costumo dizer que o município não é minha empresa nem do meu tio. Se fosse, eu diria que me iria recandidatar. Esta é uma matéria exclusiva do meu partido, mas estou pronto para trabalhar em Dondo, Cabo Delgado, Maputo e em qualquer outra província ou para exercer qualquer tarefa para a qual o meu partido acredita que tenho habilidades.



**Dondo**

# Um município de contrastes

*Com um potencial económico invejável, o município do Dondo cresce de forma tímida e, por assim dizer, a reboque da capital provincial de Sofala. Em pleno corredor da Beira, Dondo é uma das poucas autarquias moçambicanas que se pode orgulhar do desenvolvimento socioeconómico alcançado nos últimos anos. O acesso a água potável melhorou e a rede viária também. Porém, alguns bairros periféricos continuam irrespiráveis, debatendo-se com diversos problemas, com particular destaque para o desordenamento territorial e a falta de energia eléctrica.*

Texto: Hélder Xavier • Foto: Fernando Cerveja



Dondo estende-se em cerca de 382 quilómetros quadrados e localiza-se a 30 quilómetros da cidade portuária da Beira, em pleno corredor, servindo de via de acesso ao segundo maior centro urbano do país, através da Estrada Nacional número 6 e das linhas férreas que ligam os países do hinterland.

Limitado a norte pelo posto administrativo de Mafambisse, a sul pela cidade da Beira, a este pela localidade de Chinamacondo e a oeste pelo distrito de Buzi, através dos rios Púngué e Mezimbite, a primeira impressão quando se está na EN6 e na zona de cimento da urbe é a de que Dondo é uma das mais limpas cidades do país. Mas, quando se entra nos bairros periféricos, depara-se com uma outra autarquia que ainda não ultrapassou as questões relacionadas com a falta de saneamento do meio, desordenamento territorial e vias públicas de difícil acesso.

Com um ordenamento territorial dúbio, apesar de o plano de estrutura ter sido actualizado recentemente, as zonas residenciais parecem não estar preparadas para receber mais habitantes. Na zona suburbana, poucas são as residências que dispõem de um sistema de gestão de águas negras. No centro da urbe, as ruas asfaltadas e pavimentadas e o saneamento do meio com dreno e fossa contrastam com as estradas de terra batida na periferia, onde vive a maior parte dos munícipes.

Com uma população estimada em 71.817 habitantes, o município do Dondo é constituído por 10 bairros, porém, a maior parte deles carece de vias de acesso. Para minimizar o problema de desordenamento territorial, a edilidade promoveu a requalificação dos locais nos quais a situação era considerada bastante crítica, como é o caso de Nhamaiabwe, Nhamaingua e Samora Machel num total de 1400 talhões. Há quatro anos, sobretudo durante a época chuvosa, em algumas zonas residenciais as ruas ficavam alagadas condicionando o trânsito de viaturas e pessoas. No entanto, foi construído um sistema de drenagem de águas pluviais em Consito, Central e Nhamaingua numa extensão de 5.400 metros. Em quase toda a autarquia nota-se que a questão de infra-estruturas mereceu particular atenção das autoridades municipais, apesar da insuficiência de fundos para os projectos de urbanização e meios mecânicos para a salubridade e manutenção de estradas.



A título de exemplo, até ao ano antepassado, os bairros de Macharote e Mandruzi encontravam-se isolados mas, presentemente, estão ligados por uma ponte construída com fundos da autarquia. Além disso, no tocante a estradas, foi adquirida uma motoniveladora para a manutenção das vias de acesso, fez-se a pavimentação de um quilómetro de vias urbanas e a manutenção de 4,5 quilómetros de estradas asfaltadas e 20 de terraplanadas.

No que respeita à rede eléctrica, ainda com os fundos da autarquia, expandiu-se a iluminação pública da EN6 ao bairro Samora Machel/Canhandula numa extensão de 18 quilómetros. Apesar disso, ainda existem bairros onde a corrente eléctrica ainda é uma miragem. Nas zonas residenciais onde já se conta com a energia de Cahora Bassa os munícipes clamam pela colocação do sistema pré-pago, conhecido por Credelec, devido aos elevados valores que as facturas de luz apresentam em cada final do mês.

Apesar de ser uma cidade pequena, a gestão de resíduos sólidos ainda é ineficiente. A edilidade conta com uma lixeira municipal, mas existe vontade de se criar outra de grandes dimensões e com todas as condições de aterro sanitário. Em algumas vias públicas da urbe o lixo salta à vista de quem por lá passa. Na zona periférica, a situação é mais preocupante, até porque os meios de recolha têm tido dificuldades de se fazerem àqueles locais devido às estreitas ruelas. Porém, para fazer face à situação, o município adquiriu uma camioneta basculante, um camião para a recolha de lixo e 16 contentores.

## Comércio informal: a salvação do município



O desenvolvimento da urbe acontece em vários sentidos. Depois de ter sido definido pelo Governo central, como zona de expansão industrial, diversas indústrias foram implantadas no município do Dondo, nomeadamente a fábrica de água mineral, de etanol, de material de construção, de cimento, além de outras infra-estruturas comerciais e sociais, tais como Shoprite, Protea, PEP, o Complexo Nkomazi, loja de venda de insumos agrícolas, farmácia veterinária e quatro novas agências bancárias.

Mas a economia da cidade de Dondo pulsa ao longo da EN6, para onde centenas de pessoas se deslocam todos os dias para garantir o sustento diário recorrendo a diversas actividades informais. Na verdade, os que praticam o comércio formal, e os que se encontram no informal, separados por uma linha tênue, têm como palco o mesmo espaço. É ao longo da Estrada Nacional onde se mantém viva a vida económica de um município com apenas 382 quilómetros quadrados de extensão territorial.

À semelhança de outros municípios, em Dondo o sector informal cresce a olhos vistos empregando centenas de munícipes, além de contribuir para o crescimento das receitas municipais. Margarida Jota, de 48 anos de idade, é um dos rostos que contribui para o desenvolvimento socioeconómico daquela urbe, ainda que informalmente. Todos os dias de manhã cedo,

# ACONTECEU

**A verdade em cada palavra.**

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440    WhatsApp: 84 399 8634

**@Verdade**  
O Jornal mais lido em Moçambique.



Margarida deixa o sossego da seu lar para ganhar a vida no mercado de Canhandula, vendendo tomate e, outras vezes, laranjas.

Os mercados são as principais fontes de rendimento do Conselho Municipal do Dondo. Ao longo do mandato prestes a terminar, foram construídos três mercados nos bairros Samora Machel, Canhandula e Mandruzi. Desde 2009 até o presente momento o município arrecadou pouco mais de 75 milhões de meticais, resultantes de receitas próprias, o que correspondente a um peso de 31 por cento e, comparativamente a igual período do último mandato, registou-se um crescimento na ordem de 216.55 por cento.

Contudo, não é somente do comércio que Dondo vive. A agricultura de subsistência e a pecuária são algumas das actividades que ganham terreno naquele ponto do país. Para estimular o sector, as autoridades municipais locais adquiriram 12 juntas de bois e respectivos implementos para 12 produtores incrementarem o processo de lavoura na área municipal. Além disso, foram distribuídos ao sector familiar e associativo sementes e máquinas agrícolas, de tracção mecânica e animal, cobrindo uma área de 3.400 hectares por ano, beneficiando 800 camponeses.

A área de cultivo também mereceu atenção especial por parte da edilidade, tendo sido alargada de um hectare para 1.8 para a maioria das famílias e, consequentemente, aumentou o rendimento de produção de arroz de uma tonelada por hectare para 3.5 toneladas no regadio, e em sequeiro 1.5 ton/ha, devido à utilização de variedades de sementes melhoradas.

Refira-se que, de uma forma geral, o município do Dondo investiu cerca de 249 milhões de meticais para execução das actividades municipais durante o presente mandato.

### Acesso a água potável

Dondo é um dos poucos municípios moçambicanos que se pode orgulhar de ter resolvido a questão de escassez de água potável para a população. O problema tem vindo a ser colmatado paulatinamente com a construção de novos furos e a manutenção das bombas já existentes. Neste momento, a nível da autarquia a cobertura de abastecimento

do precioso líquido está acima de 90 por cento.

Com o objectivo de melhorar o fornecimento, só neste mandato foram construídos 38 furos de água e fez-se a manutenção de 50 fontes, além de terem sido reabilitados outros 10. Foi feita a expansão da rede de água canalizada em 80 quilómetros e incrementado o número de consumidores de água potável para 95 por cento, o correspondente a 68.226 habitantes, dos 71.817 de que é constituído o município.

### Saúde e outros serviços sociais

O sector da Saúde é uma das áreas que, segundo os munícipes, registou alguma melhoria, pois nos últimos tempos cresceu o número de unidades sanitárias naquela autarquia. Por exemplo, construiu-se um centro de saúde em Thundane, duas residências para enfermeiros nos bairros de Thundane e Samora Machel junto dos respectivos centros de saúde para facilitar o atendimento às populações.

O município do Dondo passou a contar com uma ambulância para transportar os doentes graves, dos bairros municipais para o hospital, e também foram introduzidas bicicletas ambulâncias para o transporte de doentes nos bairros onde a população fica distante da principal unidade sanitária da cidade, nomeadamente Thundane, Canhandula e Mandruzi. O centro de saúde do bairro Samora Machel beneficiou da instalação de um sistema eléctrico para a melhoria de atendimento ao público no período nocturno.

Mas, apesar de alguns avanços, os munícipes ainda enfrentam os problemas relacionados com a falta de medicamentos e a demora no atendimento médico. O tempo médio de espera, calculado pelo @Verdade, é de duas horas.

Na componente de educação, a edilidade construiu quatro salas de aulas, dois blocos administrativos e igual número de balneários nos bairros Samora Machel e Thundane. Também foram erguidos sanitários escolares, solucionando os problemas dos alunos na escola secundária do Dondo, EPC Eduardo Mondlane, Inhaminga e Consito. Além disso, o município apetrechou duas escolas com mobiliário escolar em Canhandula e Mafarinha.



### Município do Dondo em números

População: 71.817  
Superfície: 382 km²  
Bairros: 10  
Vereações: 4  
Camponeses assistidos: 891  
Licenças simplificadas para o comércio: 250  
Empregos criados: 300  
Fontes de água: 60  
Consumidores de água potável: 68.226  
Sanitários escolares construídos: 5  
Salas de aulas construídas: 4  
Extensão da rede eléctrica: 18 km  
Latrinas melhoras: 100  
Latrinas ecológicas: 16  
Estrada pavimentada: 1 km  
Estrada terraplanada: 20 km  
Receitas 2009-20013: 75.973.000 meticais  
Investimento: 249 milhões de meticais



# ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade  
O Jornal mais lido em Moçambique



# A AGÊNCIA MAIS PREMIADA DE MOÇAMBIQUE CONTINUA A SOMAR TROFÉUS.

A Agência GOLO ganhou mais 6 prêmios para Moçambique, no Festival de Prémios Lusos.  
A 100% moçambicana mais premiada no Festival de Maputo de 2013, distinguida  
com o selo Made In Mozambique, que ficou em primeiro na Pesquisa PMR  
e com mais fãs no Facebook, continua a somar galardões.

## GOLO

Think local

[www.golo.co.mz](http://www.golo.co.mz)



Selo d’@Verdade

Geração Fast Swagg

Cada geração contemporânea de jovens tem sido caracterizada por ter os seus próprios desafios, que podem ser problemas comuns, que acabam por se tornar unificadores, ou valores partilhados, que se transformam em bandeiras identificadoras. Tem sido fácil identificar esses traços ao longo das décadas.

Em Moçambique, por exemplo, para falar de uma realidade próxima, vemos como a geração dos meus avós (na casa dos 70/80 anos) foi educada no período colonial e teve que se adaptar ao pós-colonialismo. Assistiram ao transformar do país e criaram os filhos que lutaram pela independência, a geração seguinte.

Portanto, esses (já na casa dos 60 anos agora), nasceram no período colonial e lutaram pela independência ou fizeram parte desse período. Depois temos a geração que tem agora 50 anos que cresceu no rescaldo do pós-independência, que teve o desafio de contribuir para dar um rumo ao país (a geração do 8 de Março está neste grupo). E cá temos a minha geração, na casa dos 30, as gerações que estão agora na casa dos 20 e a geração que lhes segue.

O que nos caracteriza? Quais são, afinal, os nossos desafios colectivos e os valores que nos motivam como geração? A verdade é que nascemos numa época em que não há nada por que lutar. Está tudo conquistado e temos tudo à nossa disposição, pela primeira vez em muitos anos na história da humanidade. Somos a geração que nasceu na paz, que tem as novas tecnologias à sua disposição, que tem “tudo” ... e, paradoxalmente, esse parece ser o factor que nos provoca uma estupidificante falta de valores motivacionais por que valham a pena lutar.

A falta de dificuldades provoca a preguiça mental. Uma corrida sem obstáculos pode conduzir a um comportamento displicente. Quando temos todas as necessidades básicas satisfeitas estamos em condições de almejar mais e melhor... de explorar os limites (infinitos) da imaginação e de expandirmos os limites do impossível. Essa é a teoria, e é verdadeira. Mas a realidade tem sido outra, bem diferente.

Às jovens gerações que vemos chamo Geração Fast Swagg. Esses são os ideais que habitam na mente da nossa juventude. Uma mistura de Fast and Furious com vídeos MTV. Uma geração que tem na Internet as ferramentas

para, quase todas, as perguntas que possa ter, desperdiça neurónios em busca da ilusão virtual de se sentir um Vin Diesel no Fast and Furious, conduzindo a 130 km/h pelas ruas da cidade às 23h30m de uma 5ª feira em carros modificados, procurando deixar o maior número de alarmes de outros carros a tocar para se sentir realizado.

Uma geração que pode tirar qualquer livro, música, filme, pintura, da Internet, investe o seu tempo em busca de cortes de cabelo e combinações de vestuário que viram num videoclip na televisão. É tanta a confusão entre o virtual e o real, que acabam por não saber quem são ou quem querem ser. Tudo acaba misturado quando as bases não são sólidas.

Toda essa imaginação podia estar canalizada para quase tudo e acaba numa indumentária para ir à discoteca. São produtivos sim. E criativos também. Mas cada vez menos sem foco. Dá-se valor ao dinheiro mas não se sabe para que serve. Importam-se termos ingleses como swagg que acabam por se tornar termos do portinglês que vai nascendo aos poucos e o português, ou as suas línguas nativas acabam por ser esquecidas ou mal faladas.

É a geração que ama pelo telemóvel e faz do Facebook e Twitter um diário. É a geração que tem tudo para ter tudo e acaba por não fazer nada. É a geração que está perante as portas do infinito e tem preguiça de descobrir a combinação do cadeado, preferindo brincar com a sua imagem ao espelho, pensando que tem no reflexo dos seus próprios olhos o mundo inteiro.

É a geração que sente um abraço num simples sms. É a geração que ainda tem tempo para ter tempo... que pode tudo se quiser acordar e começar a ver. Perde-se o valor de conversar, o carinho de se escrever à mão, o gosto de abrir um livro novo ou de passear. Esquece-se de desfrutar de uma paisagem única ou de uma experiência pela pressa de tirar foto ou filmar para colocar nas redes sociais.

Quem vê acaba por ter mais gosto que quem esteve lá. Querem ser testemunhas do mundo e esquecem-se do seu papel de actores. A grande dádiva e maldição da juventude é a mesma: ter a noção infinita do tempo que tem pela frente.

Carlos Osvaldo

Grito de socorro aos transportadores públicos e privados

Saudações ao caríssimo director e à equipa do jornal @Verdade, um semanário que tem relatado as preocupações por que o povo deste imenso e belo Moçambique passa, apesar de se saber que os nossos dirigentes não moverão uma palha sequer porque se trata de uma gota no mar das lamentações.

Nós os munícipes das cidades de Maputo e Matola, que diariamente utilizamos os meios de transporte público e privado, nestas duas cidades sofremos bastante.

Ao escrever esta carta gostaria imenso que chegasse ao conhecimento dos responsáveis das áreas de transporte das duas autarquias, da Polícia Municipal e dos operadores privados.

Aquando do agravamento das tarifas dos transportes, lembro-me de a Polícia Municipal, dirigentes municipais e os transportadores terem prometido um controlo sem precedentes aos transportes semicolectivos.

Mas tudo não passou de promessas, tal como eles fazem em períodos eleitorais, quando prometem mais e melhor transporte. Senhores, o que se vive hoje é bastante triste, e não há sinais de que esta situação possa vir a melhorar um dia.

É bastante triste nas horas de ponta ver-se a ausência de pessoas de direito nos lugares de grande aglomeração de passageiros a controlar e a disciplinar os “chapas 100” e os TPM, quando

chegam aos terminais e chamam “Ponto Final” enquanto centenas de cidadãos, senhoras e idosos na sua maioria, vindas principalmente da visita no Hospital Central de Maputo de noite, não sabem como viajar.

No Museu, os “chapas” vêm cheios de pessoas endinheiradas que fazem ligações ali bem pertinho sem que a Polícia Municipal, ou quem de direito, consiga mobilizar meios para contornar. A corporação abandonou os locais de concentração, tais como a esquina entre as avenidas Guerra Popular e 24 de Julho, vulgo Entrepasto, Baixa, Museu e muitas outras áreas onde deveria estar.

Se não ofende, gostaria que respondessem às seguintes perguntas: Onde estão os chapas entre as 17 horas e a meia-noite? Onde estão os autocarros dos TPM entre as 17 horas e a meia-noite? Onde estão os agentes da Polícia Municipal entre as 17 horas e a meia-noite? Onde estão os controladores ou supervisores daqueles que deveriam gerir esses trabalhos entre 17 horas e a meia-noite?

Do engarrafamento na estrada já nem falo.

Por favor, basta de brincadeiras!

Anónimo

Um show sem auto-estima

Antes de entrar no cerne do artigo, apraz-me dizer que a auto-estima pode ser definida como a valorização geralmente positiva, que temos de nós mesmos, por outras palavras, significa amor-próprio que culmina em colocar em primeiro plano tudo o que é de mais-valia para um indivíduo.

Foi com uma imensa mágoa que acompanhei o anúncio de um *megashow* que teve lugar na cidade de Maputo no dia 29 de Junho alusivo aos 38 anos da nossa Independência Nacional comemorados no pretérito dia 25 de Junho.

A mágoa em relação a este *show* não se trata apenas de ser mais um *show*, mas sim pela composição do “banquete” de artistas que compunham o mesmo. Este *show*, que se intitulou “*show* entre povos”, foi composto por 11 artistas estrangeiros entre angolanos e cabo-verdianos e apenas meia dúzia de moçambicanos.

Este *show* não fazia sentido algum realizar-se no mês de Junho sobre a capa de se tratar de um *show* alusivo à nossa independência, muito pelo contrário, este tipo de eventos serve para tirar dividendos por parte dos promotores com falta de auto-estima e claro desrespeito pelos artistas nacionais e pelo povo moçambicano no geral.

De referir que o *show* teve o custo mínimo de 500 meticais para o bilhete normal e 1.000 meticais para área VIP, o que é logo a priori um preço discriminatório e excludente para o grosso da população moçambicana que pretendia festejar o dia da independência com independência e liberdade.

Não obstante a questão do preço, ficou claro que o *show* era mesmo para ganhar dinheiro se olharmos para o local do mesmo, porque diferente seria se o mesmo se realizasse na Praça da Independência.

Várias vezes tem-se apelado à exaltação da auto-estima entre os moçambicanos e essa auto-estima deve partir de nós moçambicanos pela valorização do que é nosso, e posso afirmar sem margem de dúvida que Moçambique tem actualmente um bom leque de artistas capazes de proporcionar um *show* de arromba.

Surgem diariamente debates na comunicação social de apelo à valorização do que é nosso, mas ficou evidente neste *show* que os promotores nacionais não se preocupam com o nacional, mas sim em tirar algum proveito financeiro usando artimanhas e temáticas de *shows* que não condizem com a finalidade dos mesmos.

Não quero hostilizar os artistas estrangeiros que têm actuado em Moçambique, aliás, com o advento da globalização e das tecnologias de informação e comunicação não há possibilidades de ficarmos alheios à música estrangeira, e não deve ser esse o caminho. Mas é preciso, acima de tudo, dar primazia ao que é de Moçambique e é feito pelos moçambicanos, porque qualidade e quantidade musical nós temos.

Quero em última análise apelar às autoridades e as instituições do pelouro da cultura para que não permitam que se repitam casos como estes, aliás, se não um dia, ao invés de seis, teremos um *show* nacional 100% estrangeiro.

Mas não disse!

Décio Tsandzana

Fixação

Que o Maxaquene é o clube mais debatido aqui todos sabemos. Também não é novidade para ninguém que os que mais debatem o Maxaquene não são adeptos do Maxaquene. Isso até é normal, afinal o Clube de Desportos da Maxaquene é o maior de Moçambique (facto indiscutível).

Mas porque existe uma fixação em relação ao Maxaquene?

Os psicanalistas afirmam que a infância tem uma forte influência sobre a personalidade adulta. Dizem ainda que o desenvolvimento da personalidade envolve uma série de conflitos entre o indivíduo que quer satisfazer os seus impulsos instintivos e o mundo social.

Por isso, instintivamente, os amigos que tanto falam (eu diria, quase exclusivamente) do Maxaquene são no fundo adeptos do Maxaquene, mas por causa da pressão social, que pode ser: influência da família, dos títulos ganhos num passado bem remoto, do chefe lá do serviço, etc., acabaram por assumir uma paixão platónica: apoiam publicamente o Costa do Sol e o Têxtil do Púnguê.

Deixem-me abrir parênteses aqui para explicar que fixação é um mecanismo psicológico de defesa que

consiste numa paragem ou mesmo cessação do desenvolvimento psicossocial em determinado processo da maturação.

Portanto, a fixação permite ao indivíduo, que não pode satisfazer normalmente e no tempo certo as suas necessidades, continuar a procurar essa satisfação através de experiências do seu passado que lhe causam alívio de tensão.

Ao falarem reiteradamente do Maxaquene estão a regressar emocionalmente ao passado, na verdade, estão a aliviar a tensão e a gozar do prazer de falar do clube que ficou marcado desde a infância nos seus corações: o Maxaquene.

Gostaria, por isso, de apelar aos adeptos assumidos do Maxaquene para não hostilizar. Estes adeptos, que devido a pressões sociais não podem assumir o clube, mas que através dos vários posts que publicam encontram uma forma de manifestar a sua paixão pelo Maxaquene.

Portanto, está explicado porque o Maxaquene é o tema predilecto de muitas pessoas. Há um músico que canta assim: “Por não querer amar eu amei você”.

Amílcar Sueia



## Zimbabwe: “desorganização” marca os dois dias de voto antecipado

A organização Rede de Apoio às Eleições zimbabweanas (ZESN, sigla em inglês), afirma que a “desorganização” que caracterizou os dois dias de voto antecipado, destinado aos diplomatas, agentes da polícia e militares no Zimbabwe, poderá ditar a má realização das eleições presidenciais e legislativas de 31 de Julho.

Texto: Milton Maluleque • Foto: Reuters



Igualmente, a rede mostra-se preocupada com o facto de o caos registado durante os dois dias (domingo e segunda-feira últimos) vir a ser um indicador do que poderá acontecer no dia do escrutínio, segundo as declarações do presidente da organização, Solomon Zwana. “O dispositivo continua desorganizado, um sinal de que a Comissão Eleitoral não está preparada”.

Perto de 87 mil pessoas, entre militares, agentes da polícia e membros dos principais órgãos de segurança do Estado, votaram antecipadamente para que estejam disponíveis no dia 31 deste mês, data das eleições.

Entretanto, o processo foi marcado por atrasos consideráveis na abertura das assembleias de voto e por falta de material, nomeadamente a tinta indelevel, os carimbos, as listas dos eleitores, os boletins de voto e as urnas.

“A comissão eleitoral, deverá tomar as providências para

prorrogar o período a fim de que todos aqueles que têm a permissão de o fazer tenham essa oportunidade”, disse o responsável.

### Obasanjo chefia observadores da UA

O antigo Presidente da Nigéria, Olusegun Obasanjo, dirigirá a missão dos cerca de 60 observadores destacados pela União Africana (UA) para as eleições gerais previstas para 31 de Julho no Zimbabwe.

Obasanjo terá uma tarefa árdua de dez dias antes da data do escrutínio que combina as presidenciais, as legislativas e as municipais, tendentes a “coroar” os esforços até então desenvolvidos, com vista à restauração de um clima democrático no país, a seguir à violência pós-eleitoral de 2008.

O escrutínio corre o risco de não ser democrático devido ao registo de eleitores “fantasmas” nas listas e ao clima de repressão policial, caracterizado por intimidação às organizações da sociedade civil desde finais de 2012.

Os observadores da UA serão oriundos das organizações da sociedade civil e

de países membros que se juntarão aos nove observadores não africanos já presentes, enquanto a Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) terá a sua própria missão.

Porém, o Presidente Robert Mugabe opôs-se à presença de observadores não africanos para supervisionar esse escrutínio, do qual espera sair vencedor, para um novo mandato de cinco anos.

### Apelos da AI

A Amnistia Internacional (AI) apelou na última sexta-feira aos observadores da União Africana e da SADC a “registarem meticolosamente as violações dos direitos humanos, em particular as cometidas pelos serviços do Estado”.

A ONG apelou igualmente aos observadores estrangeiros a que não supervisionem somente as assembleias de voto, mas que também verifiquem se os eleitores foram intimidados ou vítimas agressões.

De referir que Robert Mugabe está no poder há 33 anos, sendo considerado o mais velho dos chefes de Estado africanos, com 89 anos de idade, e terá como opositor o seu actual Primeiro-Ministro Morgan Tsvangirai, de 61 anos, que se estreou na política em 1990.

## África do Sul: Director-geral demissionário do SARS pede desculpas à nação

O antigo director-geral da Autoridade Tributária da África do Sul (SARS), Oupa Magashula, pediu desculpas à nação, depois das investigações em torno da má conduta que ditou a sua demissão, reportou o Sunday Times.

Texto: Milton Maluleque • Foto: Reuters

“Tenho um grande respeito pela Autoridade Tributária da África do Sul. Encontrei-me com o ministro das Finanças e pedi que me perdoasse. ( ) Tive uma conversa inapropriada com Nosipho Mba. Foi um acto infeliz. Porém, não tinha como objectivo adulterar o processo de recrutamento da instituição, tanto é que pedi a demissão”, disse Magashula, em entrevista ao jornal, numa cama do hospital onde se encontra em tratamento por ter a tensão arterial a níveis acima do normal.

Na última sexta-feira, o ministro das Finanças, Pravin Gordhan, anunciou a demissão de Magashula como corolário de uma investigação levada a cabo após a oferta de emprego a Nosipho Mba na SARS, por parte do director-geral demissionário.

“No prosseguimento dos resultados do inquérito em torno das alegações, Magashula está demitido desde hoje, 12 de Julho de 2013”, afirmou Gordhan aos jornalistas em Pretória.

O Sunday Times reportou que Magashula teria dito que não havia exercido algo “anormal”, ao reencaminhar o Curriculum Vitae de Mba, tendo acrescentado que ele tinha agido de igual modo com os demais candidatos.

“A amizade que tenho com a senhora Nosi-



pho Mba não é do nível e padrão recomendados pela SARS, e por isso peço desculpas. Peço-as pessoalmente ao ministro das Finanças. Tenho de cair por isso”, referiu, e acrescenta que “honestamente, pensei que estivesse a fazer algo honroso ao sair...Temos de prestar contas e, acima de tudo, devemos optar pela protecção da reputação da SARS”.

Entretanto, organizações de luta contra a corrupção, o Congresso Nacional Africano (ANC) e o recém-formado partido Angang, elogiaram a atitude de Magashula, que será substituído interinamente por Ivan Pillay, vice-director da SARS.

## Secretário da Cosatu recebe ameaças de morte

O secretário-geral da Confederação sul-africana dos Sindicatos (Cosatu), Zwelinzima Vavi, foi obrigado a reforçar a sua equipa de segurança devido às crescentes ameaças de morte que tem recebido.

Texto: Milton Maluleque • Foto: Reuters



“Estou com medo. Esta situação tornou-se pública há três anos e parece que as pessoas que me têm ameaçado andam à solta e prontas para cumprir a missão”, disse Vavi à Rádio Eyewitness, nesta segunda-feira.

Na referida entrevista, Vavi contou que começou a receber as ameaças de morte em 2010, quando teve a informação de que iria “cair”. Caso idêntico aconteceu com o antigo vice-ministro da Saúde, Molefi Sekularo, que viria a perder a vida num acidente de viação.

Na sua opinião, a morte de Sekularo teria sido orquestrada pois o mesmo teria contado à polícia sobre o que se estava a passar. Porém, apesar disso, nada foi feito.

No ano passado, depois do congresso da Cosatu, a contra-inteligência sul-africana informou-lhe de que os servi-

ços secretos iranianos planeavam envenenar-lo. “Fui informado de que uma tentativa de assassinato estava a ser orquestrada pela inteligência iraniana e que um indivíduo pertencente a uma organização não-governamental, que trabalha estreitamente com a Cosatu, tinha sido contratado pelos iranianos para me envenenar”.

Questionado sobre as razões pelas quais o Irão pretendia vê-lo morto, Vavi disse não conhecê-las e achou estranho uma vez que a Cosatu goza de boas relações de amizade com o Irão. “Vários meses passaram e os serviços de inteligência nada me dizem a respeito deste assunto”.

De referir que o secretário-geral da Cosatu está em processo de investigação interna devido às alegações de corrupção verificadas durante a venda dos escritórios centrais da Central Sindical.



## Mundo

## Educação sexual procura romper tabus no Sul em desenvolvimento

*A jornalista liberiana Mae Azango contou que durante um ano “viveu como um morcego, indo de uma árvore para outra” com a sua filha, para escapar dos fanáticos religiosos que a ameaçaram de morte por denunciar a mutilação genital feminina no seu país.*

Texto: Stella Paul/IPS • Foto: Istockphoto

Esta jornalista da FrontPage Africa contou à IPS que o Governo da Libéria assinou em 2012 um tratado garantindo o direito à informação aos seus cidadãos, mas continua a esconder dados sobre os direitos vinculados à saúde sexual e reprodutiva.

“Com cada artigo que escrevo, estou em risco”, afirmou Azango, acrescentando que depende totalmente de “fontes secretas” dentro do Governo para obter informação, pois é muito pouco o que se leva até a opinião pública. Os seus problemas repercutiram entre mulheres e especialistas em direitos de saúde, que se reuniram na capital da Malásia, para a terceira conferência anual da Women Deliver (As Mulheres Dão Vida), realizada entre 28 e 30 de Maio.

Provenientes de diferentes pontos do planeta, as participantes não tiveram problemas para identificar os objectivos comuns: romper os tabus em matéria de educação sexual e criar um ambiente seguro para activistas e profissionais da saúde e da educação, para gerar consciência sobre planeamento familiar e relações sexuais seguras.

No Marrocos, país de 32 milhões de habitantes, é proibida a educação sexual nas escolas porque os legisladores acreditam que se trata de um “conceito negativo, destinado a promover a promiscuidade”, afirmou à IPS a activista Amina Lemrini. As melhorias nos serviços de saúde sexual nesse país são lentas por causa dos tabus que as autoridades religiosas procuram preservar, destacou.

Com um Governo que não está disposto a desafiar os clérigos, o trabalho de fornecer serviços de saúde recai totalmente sobre a sociedade civil e, por fim, também as ameaças. Lemrini disse que não conhece nenhum defensor de direitos de saúde reprodutiva que não tenha sofrido uma ameaça, mas o Governo não lhes dá nenhuma protecção.

Entre os especialistas que reconhecem o perigo está o director executivo do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), Babatunde Osotimehin, que disse à IPS que o fundamentalismo religioso “é, certamente, uma preocupação”, no que diz respeito aos avanços em matérias de saúde sexual. Contudo, ainda assim,



pede que os activistas continuem com o seu trabalho. “O fundamentalismo existe em todas as sociedades e em todas as religiões, o que importa é como transmitimos a nossa mensagem”, afirmou, destacando que quanto mais gente conhecer os seus direitos e opções, menos hesitarão em desafiar as leis e os chamados “tabus culturais”.

Uma rápida passagem pelas estatísticas mundiais basta para confirmar a necessidade de melhorar as comunicações. Segundo o UNFPA, quase 800 mulheres morrem por dia por problemas relacionados com a gravidez. Num ano, são 350 mil mortes, 99% das quais vivem nos países em desenvolvimento. Os abortos selectivos em função do sexo e o descuido que sofrem as meninas recém-nascidas são responsáveis pela “falta” de 134 milhões de mulheres no mundo.

O UNFPA estima que “milhões de adolescentes” mantêm relações sexuais inseguras e carecem de informação sobre anticoncepcionais. Osotimehin disse que “33% das adolescentes entre 15 e 19 anos não contam com informação sobre planeamento familiar na Etiópia, 38% na Bolívia, 42% no Nepal, 52% no Haiti e 62% no Gana”.

Nyradzayi Gumbonzvanda, directora da Associação Cristã de Mulheres Jovens, disse à IPS que não é uma opção renunciar à divulgação de questões sobre direitos e saúde sexual e reprodutiva. “Precisamos de um ambiente operacional para os que discutem estes temas”, afirmou. “É preciso proteger a imprensa, não é uma questão de opção. Os governos devem ampliar a cooperação com os media e oferecer apoio legal onde não existir”, ressaltou.

Gumbonzvanda acredita que o jornalismo social é uma forma efectiva de mitigar os riscos que representam os fundamentalistas, não só para amplificar as vozes que não são ouvidas, mas também para impulsionar a acção da cidadania. No Egipto, onde a população enfrenta as políticas conservadoras do braço político governante da Irmandade Muçulmana, uma rede de jornalistas concentra-se em questões de saúde sexual e reprodutiva, o que faz os islâmicos franzirem a sobrancelha.

Ahmed Awadalla, responsável pela área que lida com a violência sexual e de género da Africa and Middle East Refugee Assistance (AMERA), disse à IPS que toda a pessoa que fala sobre este assunto corre o risco de ser detida, assediada ou ir para a prisão. Isso faz com que a cada

dia haja mais blogueiros. As pessoas fogem para o ciberespaço em busca de fóruns seguros para compartilhar informação e ideias. “Quando escrevo sobre os direitos sexuais das mulheres, violo duas normas”, explicou. “Primeiro por falar de um tema proibido e, segundo, por fazê-lo sendo homem. Não se entende que esteja do lado das mulheres”, afirmou este jornalista que está sob muita pressão mas nada o convencerá a abandonar a sua luta.

Os governos da África, América Latina e Ásia devem prestar contas aos doadores, disse Agnes Callamard, directora executiva da organização Artigo 19, com sede em Londres, que defende a liberdade de expressão no mundo. “Todos os governos se comprometeram a gastar certa quantia de dinheiro dos fundos de ajuda em saúde sexual”, observou. Pesquisar sobre o fluxo de dinheiro pode servir para pressionar os governos a melhorarem a difusão de informação.

Na verdade, o Grupo de Informação em Reprodução Escolhida (GIRE), com sede no México, começou a rastrear a ajuda destinada ao fornecimento de informação sobre saúde sexual e reprodutiva em 2011. “Descobrimos que faltava quase um milhão de dólares”, informou Alma Luz Beltrán y Puga, defensora de direito à informação do GIRE. “Iniciamos uma demanda contra o Governo. Se for seguido o rastro desta forma em diferentes partes do mundo, poderá haver maior responsabilidade”, enfatizou.

Um estudo da Organização Mundial da Saúde (OMS) indica que os países ricos doaram quase 6,4 biliões de dólares para ajudar a fornecer acesso e informação em matérias de saúde reprodutiva nas nações em desenvolvimento.

## A missão impossível e perigosa do Presidente português

*Em Portugal, o Presidente Cavaco Silva quer juntar a esquerda e a direita para salvar o país. Se, para muitos, tal parece ser uma missão impossível, para os três maiores partidos não aparenta ser, pois já concordaram com o “negócio”.*

Texto: Voz da Rússia • Foto: LUSA

Tal como aconteceu noutros países do sul da Europa como a Grécia e a Itália, as exigências dos credores internacionais de cortar as despesas do Estado levaram não só a uma crise económica, mas também política. O Governo dos sociais-democratas portugueses tem enfrentado o descontentamento generalizado por estar a efectuar reformas que, sendo aparentemente necessárias, têm levado ao aumento do desemprego, à recessão económica, ao aumento de impostos e à perda generalizada de regalias de muitas classes profissionais. Até na coligação governante, o partido mais pequeno (CDS-PP) tem vindo a protestar contra a falta de medidas de fomento da economia e de excessivo “seguidismo” em relação à política europeia de austeridade. Face ao fracasso dos resultados da redução do défice público, o ministro das Finanças, Victor Gaspar, demitiu-se.

## Depois disso, o país entrou na chamada “semana de loucura”.

Começou com a nomeação da nova ministra das Finanças sem a aprovação do segundo partido da coligação, seguiu-se a demissão retaliatória de Paulo Portas, ministro de Esta-

do e dos Negócios Estrangeiros sem ter informado previamente o Presidente, continuou com a posse da ministra com a coligação em rotura, a ameaça de saída do Governo dos ministros do CDS-PP e, finalmente o recuo e regresso de Paulo Portas ao Governo depois de ter dito antes que a sua “demissão era irrevogável”. Toda esta sucessão de acontecimentos levou muitos analistas a falar de “caos”, de “indescritível leviandade”, “mais completa irresponsabilidade” e “total humilhação do Presidente da República”.

Após a “birra” de Paulo Portas, o seu colega de coligação, o Primeiro-Ministro Pedro Passos Coelho, cedeu e ofereceu-lhe as áreas mais importantes da governação: a vice-presidência, a coordenação da política económica, as conversações com a troika e a reforma do Estado, ou seja, os postos-chave do Governo. Para um partido que representa menos de 12% do eleitorado, tal “usurpação de poder” foi muito mal vista.

Mesmo assim, reconciliados, os dois líderes apresentaram a nova estrutura do Governo ao chefe de Estado para aprovação. Todos achavam que Cavaco Silva, um amante da estabilidade, iria dar o aval ao novo Governo.



Ao oitavo dia da crise, o Presidente falou e conseguiu surpreender toda a gente. Disse, sobretudo aos líderes da coligação, que não confia neles e que passa a tomar a iniciativa política.

Exigiu que o PSD e CDS-PP (esquemáticamente considerados de direita), e o Partido Socialista (esquerda moderada) se entendam para cumprir as exigências da troika, juntando-se num Governo de salvação nacional; marcou eleições legislativas antecipadas para 2014 e ainda ordenou que os dois maiores partidos cheguem a acordo para o período pós-troika.

Em resumo: Cavaco Silva dá uma bofetada ao PSD e CDS, amarra o PS à política de austeridade e ignora os outros partidos com representação parlamentar.

Ao decidir não marcar já eleições, o Presidente tomou uma decisão de risco: reacendeu a crise quando esta parecia já ter sido ultrapassada, e exigiu que o Partido Socialis-

ta, o principal partido de oposição, assumia uma política que não é a sua, arriscando-se a ser futuramente penalizado pelos eleitores. Mais do que isso, contribuiu para uma ainda maior descredibilização dos partidos, da própria democracia parlamentar. Formar um Governo de salvação nacional é juntar num caldeirão os principais partidos do país e obrigar o PS a trair os seus princípios.

Embora os três partidos já tenham concordado em se sentar à mesa das conversações, o plano do Presidente parece ser tão impossível como perigoso.

A ideia de salvação nacional levou já ao surgimento de vozes como a do advogado José Miguel Júdice, ex-militante do PSD, que, em recente entrevista ao Jornal de Negócios, fez declarações surpreendentes:

“Um golpe de Estado, uma revolução, enfim, uma ruptura. É disto que Portugal precisa para mudar o sistema político e instituir o presidencialismo, a única solução para os problemas do país”.

Estas palavras são perigosas. Perigosas porque podem incendiar aqueles que acham que os partidos, a democracia, não nos fazem falta. Perigosas porque podem levar a crer que virá algum novo Dom Sebastião numa manhã de nevoeiro para salvar o país. Infelizmente, Portugal já passou por isso durante 48 anos com os resultados conhecidos.



## Boxe: Nampula é uma referência a nível nacional

*O boxe na província de Nampula é, dentre as várias modalidades desportivas praticadas nesta parcela do país, a que ainda subsiste no meio de tantas intempéries. Apesar de ela ter menor expressão a nível nacional, é das poucas nesta região que consegue arrastar centenas de praticantes, mesmo sem competições locais.*

Texto & Foto: Júlio Paulino

Nesta semana, o @Verdade conversou com Mussito Júnior, presidente da Associação Provincial de Boxe de Nampula (APBN) que, dentre vários assuntos abordados, revelou a sua satisfação pela evolução do pugilismo na sua província, ainda que concentrado somente na cidade, sustentando que há mais atletas desta província a ocuparem um espaço privilegiado a nível nacional.

**@Verdade (@V) – Qual é o estágio actual do boxe na província de Nampula?**

**Mussito Júnior (MJ)** – Não tenho o receio de afirmar, de viva voz, que o boxe em Nampula está num bom caminho. Em funcionamento temos um total de quatro academias a movimentarem mais de cem pugilistas de todos os escalões.

Estamos igualmente felizes porque todas elas estão a ser geridas por antigos praticantes da modalidade, que são pessoas com uma larga bagagem no que diz respeito aos conhecimentos do pugilato, nomeadamente Bebê Issufo, os mestres Cruz Sousa e Lucas José. Aliás, temos também a academia pertencente à Polícia Militar.

**@V – Quais são os indicadores que nos podem levar a concordar consigo quando diz que, de facto, o boxe está a evoluir em Nampula?**

**MJ** – Já lá vão anos que a nossa província tem vindo a participar nos campeonatos nacionais de boxe e a trazer bons resultados, com excepção do último, realizado em Março deste ano, em que tivemos uma péssima prestação devido à agitação que se verificou antes da nossa ida a Maputo, tendo chegado lá um dia antes do arranque da prova. A logística do certame, por sua vez, não esteve bem montada e os atletas foram derrotados psicologicamente.

Por outro lado, posso mencionar que a cada ano que passa o número de pugilistas tem vindo a crescer, contando, actualmente, com mais de cem de todos os escalões e de ambos os sexos, como disse anteriormente. Acredito que com mais trabalho contínuo no âmbito da divulgação e massificação do boxe, este número poderá alargar-se ainda mais nos próximos anos.

**@V – Quais são as competições organizadas pela APBN?**

**MJ** – Infelizmente, nesta componente, estamos aquém do ideal. Não temos ringue em condições. Em 2010, depois do término do Campeonato Nacional de Boxe, em que fomos anfitriões, os organizadores, refiro-me ao pessoal da Federação Moçambicana de Boxe (FM-Boxe), recolheram todo o material de volta à cidade de Maputo. Tivemos de “repensar” na modalidade, visto que aquele equipamento era uma mais-valia para nós e já contávamos com o mesmo.

**@V – Não reclamaram junto às autoridades competentes?**

**MJ** – Tentámos mas não conseguimos. A Direcção Provincial da Juventude e Desportos de Nampula, na pessoa da própria directora, havia prometido ajudar na reposição do ringue tendo, naquela altura, mandado efectuar o levantamento das nossas reais necessidades e dos respectivos custos.

Entregámos todo o dossiê e, até hoje, aguardamos pelos passos subsequentes que são do desembolso de fundos e da compra do material requisitado.

Falamos, igualmente, com o presidente da FMBoxe, Big Ben, que também nos prometeu apoiar na reposição do ringue mas, até hoje, ainda não há sinais de avanço



desse projecto. Lembro-me de que no ano passado tentámos organizar um torneio interno e tínhamos todo o orçamento pronto, contudo, por falta de espaço, tivemos de cancelar.

**@V – Não tendo competições por falta de ringue, quais são as outras actividades programadas pela APBN?**

**MJ** – Ainda este ano vamos dar início à realização de combates em espaços livres e abertos, através de uma espécie de ringue móvel. Os locais foram devidamente identificados e estamos, neste momento, em processo de tramitação da documentação para efeitos de autorização do projecto pelo Conselho Municipal da Cidade de Nampula.

**@V – Não havendo competições internas, quais são os critérios usados para a selecção de atletas a fim de participarem nas provas nacionais?**

**MJ** – Temos de ser honestos e afirmar que não temos provas oficiais para efeitos de apuramento. Só avaliamos os pugilistas através de treinos e alguns torneios que temos organizado entre atletas de várias academias de modo a seleccionar os melhores.

Antigamente, quando existia apenas uma academia, o apuramento para o Campeonato Nacional de Boxe era muito fácil. Hoje, devido ao elevado volume de praticantes e com o surgimento de novas escolas, também pela nossa experiência, estamos a pensar em introduzir uma eliminatória provincial para os certames nacionais.

**@V – E quando é que pensam em implementar este sistema?**

**MJ** – Dentro em breve. Estamos a correr contra o tempo pois, em Outubro próximo, temos de estar presentes no Campeonato Nacional de Boxe que vai decorrer na cidade de Quelimane.

**@V – Existe equipamento suficiente para os atletas nas competições?**

**MJ** – Não temos razões de queixa. Muito recentemente recebemos das mãos do presidente da federação diverso material para os pugilistas que depois distribuímos de forma equitativa por todas as academias que movimentam o boxe em Nampula.

Com isto não quero dizer que não temos falta de meios. É que, com o pouco que temos, por vezes custeado pelos nossos próprios fundos, vamos remediando algumas carências.

**@V – A APBN tem pessoal técnico e árbitros qualificados em número suficiente?**

**MJ** – A componente da formação e do acompanhamento de técnicos e árbitros é desenvolvida pelas academias, sabido que todos os proprietários e/ou dirigentes das mesmas são antigos pugilistas e, por isso, pessoas conhecedoras da modalidade. Para não entrar em graves equívocos prefiro não falar em números e quantificar o trabalho por eles desenvolvido.

Mas é um facto que temos de formar mais quadros. Em coordenação com a FMBoxe há, em manga, um seminário de formação e capacitação de árbitros e treinadores, agendando para a cidade da Beira, ainda que sem datas.

**@V – Quais são os parceiros da APBN?**

**MJ** – Em termos de predilecção, apesar de existir uma certa distância, contamos apenas com o apoio da FMBoxe, mais concretamente do respectivo presidente, Big Ben. Mas antes da chegada dele, a relação entre a nossa as-

sociação e a federação era de pai e enteado, ou seja, não era saudável. Viu-se isso na falta de integração dos nossos atletas na selecção, mesmo sabido que eles eram capazes de orgulhar o país.

O que sucedeu logo após o Campeonato Nacional de Boxe que nós organizámos, em que recolheram todo o material, foi prova da má relação que existia entre o elenco passado da FMBoxe e o nosso organismo.

**@V – E com o Governo?**

**MJ** – Uma parceria com o Governo para nós é impossível. Num passado recente tentaram convencer-nos a organizar um torneio no distrito de Meconta, por ocasião da passagem do dia dos heróis moçambicanos, 3 de Fevereiro. Porém esqueceram-se de criar as devidas condições para o efeito.

A própria Direcção Provincial da Juventude e Desportos já fez várias promessas que até hoje nenhuma delas foi cumprida. Por isso reafirmo a posição de que uma parceira com o governo provincial, para nós, é pouco sustentável, pelo que continuaremos a fazer devidamente o nosso trabalho sem contar com eles pois o que nós queremos é ver esta modalidade a ser movimentada.

**@V – Quais são as aspirações da APBN?**

**MJ** – As nossas atenções estão viradas para o próximo “Nacional” agendado para Quelimane em Outubro próximo. Estamos, neste momento, a trabalhar a todo o gás para inverter o cenário de Maputo em Março, ou seja, queremos usar esta competição para inverter a imagem deixada no último Campeonato Nacional, trazendo mais medalhas para Nampula.

Continuaremos a trabalhar para que o boxe se torne uma realidade em Nampula, mobilizando os clubes para movimentarem a modalidade e para que surjam mais academias nesta parcela do país. Lutaremos para ter um ringue de modo a organizarmos as nossas competições internas.

Depois de alcançarmos estes passos, vamos expandir a modalidade para mais distritos da província, visto que neste momento estamos concentrados somente na cidade de Nampula.

**@V – A APBN tem algum fundo próprio?**

**MJ** – Não temos nenhum fundo. Trabalhamos com base em contribuições das academias e da FMBoxe que só intervêm quando se trata de questões logísticas. Mas é preciso deixar claro que para movimentar o boxe não é preciso ter muito dinheiro. Basta-nos, apenas, material para os atletas e um ringue. É somente assim que se pode levar avante o boxe em qualquer parte do mundo.



## Desporto

## Negócios voltam a “assombrar” o Parque dos Continuadores

*Definitivamente, a prática do atletismo no Parque dos Continuadores, na cidade de Maputo, está relegada a último plano. Depois de ter sido anunciada a requalificação daquele espaço em Abril último, eis que surge agora um (novo) problema: parte do terreno foi cedida com vista à construção de um edifício de uma instituição bancária pelo Conselho Municipal da Cidade de Maputo.*

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Manguze

É mais uma controvérsia que inquieta a Federação Moçambicana de Atletismo (FMA), e que tira o sono ao seu elenco directivo, liderado por Shafee Sidat. Depois de em Abril este organismo, em parceria com o Fundo de Promoção Desportiva (FPD), ter revelado o plano estratégico de requalificação do Parque dos Continuadores, que compreende a colocação de uma nova pista de atletismo, um ginásio, um centro médico e comercial, uma piscina, um anfiteatro, uma sala de musculação, entre outros compartimentos, hoje, diga-se, surge a informação de que tal não será possível.

Parte do terreno, que engloba a zona do parque de estacionamento, do lado da avenida Mao Tse Tung, foi cedida à revelia, quer da FMA, quer do FPD, a uma instituição bancária, o Standard Bank. Curiosamente, um dos bancos de referência no que diz respeito à prestação de apoio ao desporto moçambicano.

Segundo informações obtidas pelo @Verdade, confirmadas pela FMA, a cedência daquele espaço foi feita de forma unilateral pelo Conselho Municipal da Cidade de Maputo, num negócio que pode ser sombrio, sabido previamente do plano existente naquele local.

Aliás, ninguém percebe como é que as autoridades municipais cederam o espaço sem, no mínimo, consultarem ou a federação ou o Ministério da Juventude e Desportos (MJD), entidades que tutelam, neste momento, o Parque dos Continuadores.

### As demarcações foram feitas num sábado

No sábado, dia 06 do mês em curso, uma brigada de empreiteiros, acompanhada por indivíduos identificados como funcionários do Conselho Municipal da Cidade de Maputo e do Banco Standard Bank, visitou o Parque dos Continuadores com o propósito de observar o espaço e fazer as devidas demarcações. Os guardas em serviço revelaram ao @Verdade que pensaram tratar-se da primeira acção com vista à materialização do plano estratégico, aceitando que eles entrassem no espaço, até por se tratar de um local público.

Todavia, Rui Tadeu, gestor do Parque, através da sua empresa, a Equip. Limitada, que não se fez presente no dia das demarcações, quando deparou com a situação tratou de entrar em contacto, quer com o presidente da FMA, quer com o Ministério, para saber se estavam ou não a par do assunto. Contudo, depois de obter respostas negativas, tratou de ordenar a retirada imediata dos marcos, obviamente por total desconhecimento do assunto.

Contudo, só na segunda-feira (08 de Junho), quando os empreiteiros regressaram ao local, se ficou a saber que estava em manga a projecção de um balcão do banco Standard Bank, com o beneplácito da entidade liderada por David Simango. Ou seja, o Conselho Municipal da Cidade de Maputo é que teria cedido o espaço ao referido banco.



### FMA totalmente surpreendida

A FMA ficou profundamente chocada quando soube que o município havia cedido parte do terreno do Parque dos Continuadores a uma instituição bancária, sobretudo numa zona privilegiada, onde está projectada a construção de três prédios de 14 andares cada e que, segundo o plano estratégico na posse do @Verdade, seriam implantadas diversas infra-estruturas de apoio, com destaque para as novas instalações do FPD, da FMA, da Associação de Atletismo da Cidade de Maputo e do Instituto Nacional do Desporto.

Em contacto com a nossa equipa de reportagem, Shafee Sidat, presidente da FMA, esclareceu, primeiro, que muito recentemente se reuniu com o ministro da Juventude e Desportos, Fernando Sumbana Júnior, tendo, na ocasião, ficado claro que o Parque dos Continuadores estava sob tutela daquela instituição, ainda que a sua gestão esteja confiada a uma entidade privada.

“Foi por isso que acordámos com o FPD, uma instituição subordinada ao MJD, projectar um plano de requalificação do espaço com vista a manter o atletismo e assegurar a sustentabilidade do mesmo, através da área comercial que poderá ser edificada neste espaço” disse.

“Fiquei surpreendido quando cheguei na segunda-feira e deparei com os empreiteiros. Eles disseram-me que foram autorizados pelo município para construir um balcão bancário no terreno reservado ao parque de estacionamento e que, para qualquer esclarecimento, nós tínhamos de nos dirigir ao Conselho Municipal”, explicou Shafee.

Kamal Badrú, vogal da federação, a quem o presidente delegou para poder falar com

mais precisão sobre este assunto, começou por dizer que, se calhar, “ainda reina uma confusão sobre que instituição, entre o Ministério da Juventude e Desportos e o Conselho Municipal, responde pelo Parque dos Continuadores. Mas é ainda mais grave quando o município nem sequer sabe que aqui existe um plano estratégico, daí ter tomado esta decisão por ignorância”.

“Os propósitos que o município tem com o Standard Bank são alheios à FMA. Não houve nenhuma aproximação e a única coisa que nós vimos foram os empreiteiros a fazer as demarcações do local. Nesta acção percebe-se que se quer eliminar o pulmão da cidade”, revelou Kamal.

“É impossível sobre o mesmo espaço haver dois empreendimentos. E este negócio que o município tem com o Standard Bank anula todos os projectos que temos em parceria com o Fundo de Promoção Desportiva, pelo que nem sabemos qual é o benefício que o mesmo trará ao atletismo”, acrescenta.

### Município recusa-se a comentar

O @Verdade deslocou-se ao Conselho Municipal da Cidade de Maputo para se inteirar desta situação. Contudo, como é apanágio da maioria das instituições públicas, ninguém se predispôs a comentar este assunto. Aliás, foi-nos dito na secretaria que a edilidade estava a preparar uma conferência de imprensa conjunta para dar a conhecer os contornos desta “novela”, desde a questão da realização dos espectáculos até à cedência ao Standard Bank para a construção de um balcão.

Aconselharam-nos a deixar o nosso contacto, com promessa de nos ligarem na última terça-feira (16 de Julho) pelo que, até ao fecho da presente edição, na quarta-feira (17), não tínhamos recebido nenhuma chamada.

O Standard Bank, por sua vez, através de um colaborador que tem a missão de fazer as demarcações no Parque dos Continuadores, para a construção do balcão, ainda que não identificado, recusou-se a tecer qualquer comentário por falta de autorização. “Falem com o município ou vão à nossa sede. O meu trabalho é apenas de demarcar a área”, disse.

Entretanto, o parque de estacionamento dos “Continuadores” encontra-se encerrado por ordens de Rui Tadeu desde quarta-feira da semana passada, de modo a impedir a entrada dos empreiteiros.

# ACONTECEU

A verdade em cada palavra.

**Seja um Cidadão e Reporte a Verdade**

✉ SMS: 90440

📞 WhatsApp: 84 399 8634

O Jornal mais lido em Moçambique.



## Desporto

# Moto GP: Márquez vence na Alemanha e assume liderança do Campeonato

Marc Márquez venceu o eni Motorrad Grande Prémio da Alemanha, o segundo triunfo e sétimo pódio do estreante de MotoGP em oito corridas. Na ausência de Jorge Lorenzo e Dani Pedrosa, o pódio voltou a ser constituído pelos mesmo nomes de Assen, com Cal Crutchlow e Valentino Rossi na segunda e terceira posições, respectivamente.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Lusa

Sachsenring proporcionou mais um emocionante fim-de-semana, principalmente com vários pilotos a sofrerem quedas ao longo dos três dias. Crutchlow foi um deles, indo para a corrida com lesões nos braços, mãos e perna esquerda, mas os fortes impactos sofridos pelo campeão do mundo Jorge Lorenzo e pelo então líder da geral Dani Pedrosa deixaram-nos fora de acção; o piloto da Yamaha Factory Racing danificou a placa de titânio com o ombro esquerdo, enquanto o homem da Repsol Honda Team sofreu uma pequena fractura também na clavícula esquerda.

Com os dois maiores rivais fora de acção, Márquez – pela terceira vez esta época na pole – sabia que uma segunda vitória lhe permitiria ganhar vantagem na corrida ao ceptro. Uma fraca partida por parte do estreante de 20 anos viu-o cair para quarto, mas superou cada um dos opositores e destronou Stefan Bradl da liderança na sexta volta. Assim que Crutchlow chegou a segundo o espanhol conseguiu uma vantagem e triunfou com 1,5 segundos de margem.

O britânico começou a corrida da segunda posição, lutando



contra as dores das lesões após os dois grandes acidentes que sofreu na sexta-feira; mesmo assim, o piloto da Monster Yamaha Tech 3 despachou Álvaro Bautista e Bradl e depois roubou o segundo posto a Valentino Rossi com forte manobra na Sachsen Kurve, tudo isto depois de má partida. Ele depois tratou de ir atrás da primeira vitória, mas Márquez poupou os pneus e conseguiu gerir a vantagem de forma tranquila. No final das 30 voltas Crutchlow logrou, ainda assim, tornar-se o primeiro britânico desde Barry Sheene, em 1982, a somar quatro pódios numa temporada.

Depois de ter regressado às vitórias em Assen há duas semanas, Rossi reclamou agora o segundo pódio consecutivo. Vindo da primeira linha da grelha pela primeira vez des-

de o Grande Prémio de Portugal de 2010, o piloto da Yamaha Factory Racing saltou para a liderança assim que as luzes se apagaram. Ele depois lutou com o herói da casa Bradl, mas acabou por ser superado por Márquez na quinta volta. Três voltas volvidas, Rossi ultrapassou o alemão ascendendo a segundo, mas depois perdeu uma posição para Crutchlow.

O quarto de lugar de Bradl (LCR Honda MotoGP) pode significar que perdeu o pódio, mas o germânico voltou a igualar o melhor resultado da carreira. Álvaro Bautista (GO&FUN Honda Gresini) completou a lista dos cinco primeiros vindo do oitavo posto da grelha, enquanto Bradley Smith (Tech 3) fez com que fossem dois os ingleses a terminarem no Top 6, uma estreia em duas décadas. Aleix Espargaró (Power Electronics Aspar) chegou a rodar com a CRT em terceiro, mas terminou em sétimo.

Mais atrás na ordem, os últimos pontos foram para Colin Edwards (NGM Mobile Forward Racing, 13º), Danilo Petrucci (Came IodaRacing Project, 14º) e Claudio Corti (NGM Mobile Forward Racing, 15º). Dois pilotos acabaram por não terminar a corrida devido a quedas: Yonny Hernandez (PBM) e Bryan Staring (Gresini).

## Moto 2: Torres festeja primeira vitória da carreira em Sachsenring

Jordi Torres conquistou a primeira vitória na Moto2™ no eni Motorrad Grande Prémio da Alemanha, tornando-se o quinto piloto diferente a triunfar este ano na categoria intermédia. Simone Corsi bateu Pol Espargaró na luta pelo segundo posto, enquanto o líder do Campeonato Scott Redding foi sétimo e Xavier Simeon caiu para nono depois de partir da pole.

No sábado (13) Torres foi batido por muito pouco por Simeon (Desguaces La Torre Maptaq) na luta pela pole, com este último a estreiar-se na primeira posição da grelha. Torres (Aspar Team Moto2) acabou por partir da segundo, enquanto Espargaró (Tuenti HP 40) tentava tirar o máximo partido da sua presença na primeira linha da grelha, principalmente com o grande rival ao ceptro Redding (Marc VDS Racing Team) a largar de oitavo.

Espargaró disparou logo para a liderança e manteve a vantagem até à 19ª volta, altura em que Torres – que manteve um ritmo consistente ao longo das 29 voltas da prova – foi por dentro na Sachsen Kurve. Atrás dos dois primeiros, Simone Corsi manteve-se atento e, de forma oportunista, ultrapassou Espargaró na última volta para terminar em segundo e, assim, garantir o primeiro pódio em quase dois anos. Mesmo perdendo mais uma posição, Espargaró terminou quatro furos à frente de Redding.

O quarto lugar ficou a cargo de Julián Simón (Italtrans Racing Team), enquanto Alex de Angelis, que conta com vários pódios em Sachsenring, atacou forte na segunda metade do Grande Prémio para levar a NGM Mobile Forward Racing aos cinco primeiros, à frente de Tom Lüthi (Interwetten Paddock Moto2 Racing) e do líder do Campeonato Redding, que obteve o pior resul-

tado de 2013. O homem da pole, Simeon, não apresentou bom ritmo na corrida e terminou a 12,8 segundos do vencedor.

Seis pilotos não terminaram. Danny Kent (Tech 3) e o wildcard Alex Mariñelarena (TargoBank Motorsport) caíram cedo, com o espanhol a sofrer contusão no joelho esquerdo. Kyle Smith (Blusens Avintia) foi o terceiro a ir ao chão, com Marcel Schrotter (Desguaces La Torre SAG) a desistir pouco depois. Roman Ramos, que substituiu o lesionado Alberto Moncayo na Argiñano & Gines Racing, abandonou nas boxes, enquanto o companheiro de equipa do vencedor Torres, Jordi Terol, sofreu uma queda nos momentos finais da corrida.

Redding continua a liderar a classificação (143 pontos) quando a competição inicia um mês de paragem de Verão, mas Espargaró (120) reduziu a diferença de 30 para 23 pontos naquela que foi a primeira corrida da época a ver três marcas diferentes no pódio. O companheiro de equipa de Espargaró, Tito Rabat (88), perdeu terreno ao somar apenas dois pontos com o 14º lugar. O campeão do mundo de Moto3 Sandro Cortese (Dynavolt Intact GP) somou um ponto, enquanto Anthony West (QMMF Racing Team) terminou em oitavo após ter partido da 16ª posição da grelha.

Redacção/Agências

## Futebol sub-20: A França no topo, após mais 120 minutos

A França triunfou no último dia do Campeonato do Mundo de futebol sub-20 que decorreu na Turquia ao derrotar o Uruguai numa tensa disputa nas grandes penalidades, depois de o marcador não ter registado golos durante 120 minutos, do tempo regulamentar e prolongamento. Foi um desfecho condizente com um torneio que teve diversos jogos decididos além do tempo regulamentar, e que contou com duas defesas sensacionais do guarda-redes francês, fazendo a diferença entre duas equipas que deram tudo de si dentro das quatro linhas.



Dos últimos seis títulos do torneio, cinco haviam ficado com países da América do Sul – a única excepção foi o de 2009, conquistado por Gana. A última taça erguida por europeus havia sido pela Espanha, em 1999. Não mais, graças a um belo desempenho do jovem guarda-redes francês, tendo a sua equipa vencido por 4 a 1 nas grandes penalidades.

Em campo, era o confronto do melhor ataque da competição, o francês, com 15 golos marcados em seis jogos, com o detalhe de que oito jogadores diferentes violaram as redes, com a melhor defesa, uruguaia, que sofreu apenas três golos em toda a competição.

Na Ali Sami Yen, o primeiro tempo foi bastante equilibrado, tanto em termos de posse de bola como no ataque. Algo até esperado, considerando o que estava em jogo e a tensão envolvendo os garotos. A França acabou por investir mais em jogadas individuais, embora lhe faltasse movimentação. O Uruguai movia mais os seus jogadores em campo, com mais velocidade. Mas as defesas não deixaram os homens de frente trabalhar, em geral.

Na segunda etapa, a bola ficou mais com os franceses, mais descansados – os uruguaio já vinham de dois prolongamentos, sendo que o adversário não havia precisado de jogar nenhuma na sua campanha. Nos minutos finais, as equipas até tiveram boas oportunidades para marcar, mas os guarda-redes Areola e Guillermo De Amores estavam muito bem. No tempo extra, não tivemos muitas emoções. Ficou tudo reservado para as grandes penalidades, mesmo.

Esse foi o segundo confronto entre os países no “Mundial” Sub-20 de futebol – já haviam jogado em 1997, quando a Celeste venceu os Bleus nos quartos-de-final, nas penalidades. Naquela campanha, inclusive, a equipa sul-americana avançou até a final (fase que nunca mais alcançou desde então). Os europeus disputaram a sua primeira decisão.

Seis dos jovens uruguaiois foram membros da equipa que terminou também com o vice-campeonato da Copa do Mundo Sub17 de futebol México 2011: Mathias Cubero, Leonardo Pais, Gianni Rodríguez, Gaston Silva, Jim Varela e Emiliano Velazquez. Eles perderam na ocasião contra os anfitriões.

O Gana garantiu o bronze graças à vitória por 3 a 0 sobre o Iraque. O resultado acabou por deitar abaixo o sonho iraquiano de conquistar o desempenho mais positivo da história do país numa competição oficial da FIFA, embora os garotos do Médio Oriente tenham igualado o quarto lugar no Torneio Olímpico de 2004 a este que foi o seu melhor “Mundial” Sub-20 de todos os tempos.

Redacção/Agências



# Desmistificámos o teatro em Maputo!

*Na sua décima edição realizada em quatro salas culturais, o Festival de Teatro de Inverno projectou uma imagem imperial falsa, à margem da qual o director, Joaquim Matavel, reitera que, com este evento, se desmistificou o teatro em Maputo. Se os seus argumentos são válidos, facto também é que as transformações operadas puniram os actores.*



Texto & Foto: Inocêncio Albino

Pela primeira vez, ao longo dos 10 anos da sua existência, o Festival do Teatro de Inverno ocorreu em mais três salas, nomeadamente o Teatro Avenida e Gilberto Mendes e o Centro Cultural Franco-Moçambicano que se juntaram ao Teatro Mapiko da Casa Velha, totalizando quatro.

O outro feito inovador – pontificado nalgumas edições precedentes – é a participação de grupos estrangeiros. Desta vez, tivemos os Pitabel, de Angola, e o Teatro Mundo do Brasil. Os Mutumbela Gogo e Gungu, os profissionais tradicionais do país, também participaram, expondo as suas criações, como nunca antes havia acontecido.

O constrangimento é que, se comparando com as edições precedentes, contrariamente ao que se esperava, reduziu o número de grupos, bem como a quantidade de vezes em que se exibem as peças para apenas uma. Isso penaliza os actores que nem sempre têm onde publicar o seu trabalho.

“Nesta edição houve uma modificação do regulamento do festival, com a cumplicidade dos actores, que determina que a participação dos grupos não só depende da inscrição – como aconteceu nas primeiras nove realizações. Os grupos decidiram que havia a necessidade de se dignificar o evento e honrar o público, por isso os participantes deviam passar por um processo de selecção, como forma de se garantir maior qualidade nas obras expostas”, explica Matavel.

“Os grupos não seleccionados deviam, assim, assumir que os participantes são os que estão em condições de representar a comunidade teatral, no seu todo, no contexto desta iniciativa”. Mas, até que ponto estas transformações representam uma mais-valia para os grupos nacionais, tomando em conta que as suas obras não têm nenhuma rodagem?

“Este ganho também constitui uma perda na medida em que conseguimos alinhar, na nossa programação, grupos que não somente são de Maputo, mas também das províncias e dos outros países, nomeadamente de Angola e do Brasil. Este alinhamento fez com que a duração do festival, que não foi alargada, não fosse adequada para incluir todas as colectividades. Em consequência disso, os grupos perderam a rodagem”.

Como o teatro é efémero, sem a possibilidades de reposição das peças, perde-se a oportunidade de se melhorarem determinados aspectos por parte dos grupos.

## Impõem-se novos desafios

Sem a possibilidade de rodagem – para analisar a evolução das obras, corrigindo eventuais falhas – impõem-se novos desafios para a organização do festival, assim como pra os actores: a necessidade de a obra ser apresentada quando estiver madura, bem como o recurso às

antestreias. Ou seja, a peça não deve ser estreada no dia do espectáculo, mas deve ser vista, antes, por um grupo restrito de amigos que irá tecer críticas prévias.

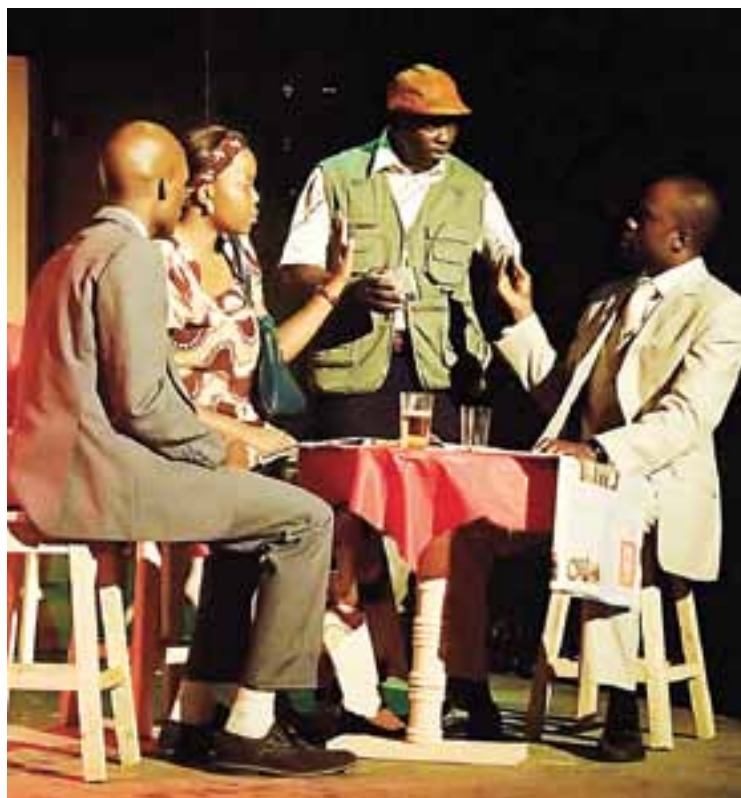
Por outro lado, os grupos de teatro amador devem perceber que o Festival de Teatro de Inverno não é o único espaço para a exibição das artes cénicas. Eles podem fazê-lo nos bairros, nas escolas e igrejas locais.

## Um pequeno mas grande apoio

Num outro desenvolvimento, Matavel que fala sobre a importância dos apoios que o festival teve criou a parábola do mendigo para explicar que “estamos a lutar contra isso, mas, nas sextas-feiras, temos um grupo de pessoas que, em Maputo, anda de loja em loja a pedir esmola. Eles recebem um pãozinho que – porque foi dado com todo o carinho – representa um apoio que deve ser considerado grande”.

Ou seja, a possibilidade de o Festival de Teatro de Inverno se deslocar para outros espaços é um ganho grande. Ora, “porque os nossos espectadores nem sempre conseguem lotar uma sala de espectáculos, dificilmente o fariam em relação a duas no mesmo dia. Por essa razão, a produção do evento decidiu que não haveria ‘shows’ a acontecer em simultâneo em todas as salas – o que nos possibilitaria alargar o número de peças”.

Sucede, porém, que todas as salas que foram cedidas ao Festival de Teatro de Inverno – com a excepção do Mapiko – têm as suas agendas de actividades. Por isso,



“o espaço que concedem ao evento não é amplo como se pensa”. Por outro lado, ao mesmo tempo, os grupos de teatro Mutumbela Gogo e Gungu – os proprietários do Teatro Avenida e Gilberto Mendes – estavam em temporada. Logo, no âmbito do Festival de Teatro de Inverno, vai-se ao Cine Teatro Gilberto Mendes para ver o Gungu que realiza a sua actividade previamente programada.

“E porque no Cine Teatro Gilberto Mendes existe um cenário fixo instalado – para a exibição da peça do grupo local – não há a possibilidade de se montar um outro espectáculo na mesma sala. Situação similar ocorreu no Teatro Avenida, onde se exibia O Inimigo do Povo”.

Para o actor, “essa realidade representa um constrangimento que deve ser olhado como um obstáculo que pode ser removido. Se nas edições passadas dizíamos que tínhamos o apoio das nossas duas grandes companhias teatrais, como parceiros, é porque apesar de que não participavam no festival com as suas obras, os seus dirigentes vinham orientar oficinas de formação abordando aspectos técnicos”.

## Triunfo teatral

Ao longo dos dez anos, a conjuntura social e económica do país fez com que o festival perdesse alguns grupos. É que certos actores desistiram da arte, dedicando-se cada vez mais a outras actividades. De uma ou de outra forma, quando comparadas às glórias, essas perdas são diminutas.

E para Joaquim Matavel – que montou a peça teatral A Candidata, uma peça que discute a sucessão do governo – as glórias do Festival de Teatro de Inverno são narradas da seguinte forma.

“Nós desmistificamos a ideia de que o teatro é feito para as elites. Se no passado, as pessoas deviam tomar banho com sabonete, aplicar perfume, viajar de carro e enfrentar uma longa fila – no Teatro Avenida e no Gungu – a fim de ver um espectáculo teatral, o mesmo, por causa do nosso festival, já não acontece”.

Outra realidade transformada foi a necessidade de as pessoas amealharem algum dinheiro, ao longo da semana, de modo que no fim-de-semana pudessem ir ao Matchedje com o propósito de ver teatro.

É que, contrariamente ao que acontece agora, o acesso ao teatro era restrito a algumas pessoas. Por isso, além do mais, durante muitos anos, prevaleceu o pensamento de que, em Maputo, o teatro só era feito por estas duas companhias.

O teatro moçambicano, através do Festival de Teatro de Inverno, conseguiu introduzir-se no Centro Cultural Franco-Moçambicano, uma das salas culturais mais nobres deste país.

## Geradas outras formas de arte

Paralelamente ao Festival de Teatro de Inverno, outras formas de arte – como, por exemplo, o malabarismo, o teatro mudo, de pernas de pau, de máscaras gigantes e as marionetas – foram surgindo graças às parcerias com o Centro Cultural Franco-Moçambicano que possibilitaram a vinda de orientadores e artistas francófonos a Maputo.

Por outro lado, é preciso ter em conta que nos últimos anos – fruto da sua cada vez melhor preparação – os actores moçambicanos têm participado mais em produções cinematográficas.

Entretanto, apesar da reconhecida qualidade das peças exibidas no Festival de Teatro Mapiko, as vendas dos bilhetes continuam baixas. Este ano, por exemplo, em cada sessão, 13 bilhetes foram a quantidade mais elevada vendidos.

Joaquim Matavel critica a realidade. “O nosso espectador tem a percepção de que só pode pagar pelo teatro apenas quando for a ver os grupos Mutumbela Gogo e o Gungu. Por isso quando chega ao Teatro Mapiko pergunta: ‘Isto paga-se?’. Quando devia ser: ‘Esta peça paga-se?’”.





# Será que o povo está cansado?

*Sentindo-se oprimidas e, socialmente, marginalizadas por um sistema político em que o homem explora o homem, prejudicando-o, durante o colonialismo português, as populações da província de Nampula edificaram o Ntemua, revoltando-se face à precariedade social em que se encontravam. Nos dias actuais, na mesma região do país, o grupo tornou-se secular e, através das suas obras, expressa a angústia popular contra a miséria. Será que eles estão cansados?*

A história reza que, devido às humilhações perpetradas pelo sistema colonial português, chegou uma fase em que o povo ficou, totalmente, fatigado e enfurecido. O problema é que ele não podia manifestar esse sentimento de forma mecânica.

Inspirando-se numa palavra de origem bantu, da língua macua, Ntemua – que significa Cansado – as populações começaram a criar manifestações culturais, sobretudo o canto e a dança, em que expressavam que precisavam de liberdade.

Autóctones que são, eles queriam sentir-se donos da terra em que nasceram, podendo dirigir os seus destinos. Dessa forma, criaram o Grupo Cultural Ntemua, para transformar a sociedade.

De acordo com o responsável do grupo, João Amade, por definição, o Ntemua foi uma forma pacífica de lutar contra o colonialismo português através da dança.

Por isso, na altura, as mensagens cantadas, em macua, não eram percebidas pelos colonos, o mesmo não acontecia com a população que afluía, em massa, aos eventos aliando-se, assim, na luta contra a dominação.

Pelo facto de as danças tradicionais terem muita popularidade e arrastarem as massas, os colonos apreciavam as manifestações, permitindo, assim, que acontecessem publicamente e de modo desinibido.

Instrumentos como enxada, catana, livros, armas de fogo entre outros – para simbolizar a urgência de libertar o povo – eram utilizados nas suas actuações. A sensibilização e a mobilização do povo para a transformação social, com base no combate ao sistema de opressão, crescia continuamente.

Cada instrumento utilizado tinha uma função específica, bem esclarecida para o povo.

A enxada era para capinar e produzir comida para a família. As armas de fogo representavam um meio, alternativo, a partir do qual se devia expulsar o inimigo se as manifestações pacíficas não gerassem resultados favoráveis. O livro significava que o povo devia estudar para ampliar a sua visão sobre a realidade e o mundo.

Assim, a partir destas manifestações culturais, criaram-se as bases para a edificação da unidade nacional que, a par da luta armada de libertação nacional, conduziu o país à independência, em 1975. Os moçambicanos, que aprenderam a língua portuguesa, expressavam-se no mesmo idioma em todo o país, a fim de conquistarem a liberdade.

O país foi libertado e o povo ganhou consciência em relação à importância da instrução, da necessidade de se transformar a terra, produzindo bens a fim de se garantir o sustento das famílias moçambicanas.

## Os problemas do nosso tempo

João Amade congratula-se pelos feitos alcançados na luta pelo

bem-estar do povo. No entanto, quando olha para o espaço em sua volta, deparando com a situação de extrema pobreza que afecta as populações, sobretudo nas regiões rurais, revolta-se.

O artista está inconformado com o subdesenvolvimento do país, havendo a necessidade de se trabalhar, arduamente, para transformar os recursos existentes em bens que possam reduzir a miséria.

Num outro desenvolvimento, João Amade louvou o empenho do Governo moçambicano na construção de novas infra-estruturas sociais – unidades sanitárias, escolas e estradas – mas defende que se deve acelerar a melhoria da qualidade de ensino, expandindo-se os serviços públicos da saúde.

É deste modo que o Grupo Cultural Ntemua realiza eventos culturais em que expõem canções cujas temáticas têm o objectivo de mobilizar o povo para lutar contra a pobreza a fim de desenvolver o país.

Por outro lado, a crescente onda de criminalidade no país – que, nalguns casos, se caracteriza por agressões, na via pública, durante o dia – constituem outros temas abordados pela colectividade.

A relevância do trabalho do grupo pode ser avaliada com base no elevado número de convites que tem para actuar em vários lugares.

O líder do Grupo Cultural Ntemua explica que, em Nampula, a pobreza prevalece porque enquanto o povo precisa da terra para produzir, o Governo não o cede, privilegiando os grandes empreendimentos estrangeiros que desenvolvem projectos que põem em causa a actividade agrícola. Assim, as poucas terras aráveis que existem são disputadas pelas populações locais, gerando-se conflitos.

## Uma fonte de renda

Ao certo, não se sabe quando é que o Grupo Cultural Ntemua foi fundado. Porém, que os actuais integrantes trabalham há mais de 20 anos. No início, o grupo praticava, exclusivamente, a dança.

Actualmente, existe uma associação cultural com o mesmo nome. Por causa da popularidade que a dança Ntemua possui em Nampula, em quase todos os eventos culturais ela é exibida.

Segundo o responsável do grupo, normalmente, os valores cobrados num evento variam entre 10 e 15 mil meticais. E o pagamento pelos serviços prestados é feito antes por via bancária. É assim que a dança Ntemua se impõe como uma fonte de renda para os artistas.

Depois da actuação, a distribuição do dinheiro tem sido equitativa entre todos os membros.

Mensalmente, a prática da dança rende-lhes algum dinheiro a partir do qual se sustentam as famílias. As bailarinas, que são adolescentes, aplicam o dinheiro, comprando material escolar bem como noutras despesas.

O valor remanescente satisfaz necessidades do grupo ou é investido em acções filantrópicas que beneficiam os familiares dos membros da colectividade.

## Toma que te Dou



Alexandre Chaúque  
bitongachauque@gmail.com

## Não fales mais de política, meu amor!

Tive muita relutância em falar sobre este assunto neste espaço, ainda por cima onde sei que todas as semanas as pessoas me esperam, como se eu fosse o Agostinho Neto, que nos vai dizer: “Eu já não espero, sou aquele por quem se espera”, enquanto, na verdade, eu gingo com a pele desse angolano eleito e morrido na terra fria de Estaline. “Eu já não espero, sou aquele por quem se espera”.

A minha relutância em falar sobre este assunto passou também pelas palavras do meu camarada Calane da Silva, que vai dizer a toda a gente: “Será que alguém se intelectualiza para questionar o poder?”. E eu transporte as palavras do Calane para a minha cabeça: “Será que o dom da escrita que tenho é para criticar alguma coisa? É para questionar o poder?”. Não sei!

A minha mulher é que me empurrou para este texto. Eu não queria falar sobre isto publicamente e, como se não bastasse, na coluna que tem as lembranças da minha idola, a Zaida Chongo, “Toma que te dou”. É isso. A minha excelentíssima esposa é uma pessoa frágil, delicada, só pensa no bem em toda a sua vida. Deseja as maravilhas para toda a gente. Não conhece as farpas e nem quer ouvir falar dessa broca. Para ela a vida devia ser um paraíso para todos, e quem a conhece sabe que estou a falar a própria verdade.

Tenho a sorte de estar nos braços dela. Isto é que se chama sorte, porque, na verdade, o que eu merecia era chafurdar por debaixo da escada. Mas não. Estou num baloço. Divino. Enviado pela própria Mão de Deus para me salvar dos algozes. E eu nem sabia disso, como nunca tive conhecimento de nada, como nunca tive medo de nada, como nunca dei valor ao medo, como agora que esta mulher que me acolhe na sua cama e me diz: “Alexandre, pára de escrever essas coisas, por favor! Não provoques as pessoas, não provoques o poder, tu sabes muito bem que jamais poderás enfrentar a chama deles, sabes muito bem que estás desprovido de espinhos para te defenderes se um dia eles quiserem vir-te buscar! Meu amor, pára por favor, escreve outras coisas, continua a escrever aqueles textos que eu gosto muito de ler, fala do amor, das flores, destas plantas que regas todos os dias e que embelezam a nossa casa, fala das tuas loucuras, das viagens que fizeste por este país fora, fala de ti, até podes falar das tuas antigas namoradas que eu não me vou chatear com isso porque sei que me amas, não tenho a menor dúvida. Fala de tudo isso, meu bem, das tuas derrotas, hoje transformadas em facho que pegas todos os dias, fala de Deus que tu gostas muito de citar nas tuas conversas, fala de Jeová, o teu último reduto. Já me disste várias vezes que depois de Deus, de Jacob, de David e de Abrahama, não existe mais nada. Então fala disso, meu amor. Fala das tuas bebedeiras que, mesmo desdenhando-as, por vezes, me fazem bem porque quando estás tocado pelo efeito do álcool, arrulhas como as rolas, tocas-me no pescoço com a boca como se fosses essas aves únicas que sabem amar de verdade, ou seja, que sabem fazer amor de verdade, os pombos. Fala disso, das tuas vacilações, da tua timidez, da tua falsidade quando aparentemente queres mostrar um homem forte quando realmente és frágil. Prefiro que digas às pessoas que tens a força do Sansão. Prefiro que digas isso, porque, depois de dizeres isso, eu me rio com gozo e visto a pela da Dalila e corto a tua cabeleira e te domino nos meus braços.

Fala disso, amor, não fales de política. Não quero que eles te venham buscar. Fala de mim. Diz a toda a gente que me amas. Que me queres, e que não irás a nenhum lugar sem mim, e que não existe outra mulher para ti. Mente, se quiseres, mas não fales de política. Fala disso, tenho medo do que andas a escrever. Não é bom. Tu não foste feito para julgar. Acho que não é bom também leares aquilo que pensas e meteres na boca dos outros.

Pára, meu bem. Eu amo-te muito. Beijo”.



## Plateia

# Um artista à beira de um ataque de nervos

*Por vezes pensamos que estamos mergulhados numa crise social. Noutras, sentimos que precisamos de uma purificação. A verdade é que reflectir sobre o comportamento humano em relação à sexualidade, homossexualidade, nudismo exposto na rua e em palco, desrespeito à vida e a intolerância – em que vivemos a vários níveis – a partir de um só bailado, no mínimo, transtorna. Virgílio Sitole – que prepara a coreografia Utomipia – está à beira de um ataque de nervos. Mas, atenção, não são as suas utopias que o perturbam. Saiba porquê.*

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Miguel Manguze

Virgílio Sitole é um coreógrafo moçambicano conceituado.

Esta introdução serve para reduzir os parágrafos que se seguiriam para descrever o seu percurso. No entanto, nem por isso está imune à inoperância da legislação cultural deste país e, consequentemente, também experimenta as dificuldades que daí surgem.

Há mais de um mês, o coreógrafo prepara a sua nova peça, que será apresentada entre um e dois de Agosto. Mas, diga-se, há mais tempo solicitou apoios a algumas empresas moçambicanas. Foi em vão. Ou, pelo menos, esta foi a sua lamentação, na sexta-feira passada, a menos de 20 dias para a exibição da obra.

Nenhuma das empresas que contactou solicitando financiamento lhe respondeu. Mesmo para expressar algum desfavor, o que conforta o artista. Afinal – quem sabe? – depois de muita ansiedade alimentada, os resultados podem ser favoráveis.

A precariedade da realidade em que o coreógrafo e os seus bailarinos trabalham no Cine Teatro África, o mesmo espaço que acolherá os 'shows', desviou a perspectiva da nossa matéria. É que no local onde nos acolheu, uma espécie de gabinete, há uma caixa de água e uns refrescos conservados por uma instituição cultural. No entanto, durante umas duas horas, os bailarinos não têm água para consumo.

A obra Utomipia que comporta as coreografias 'Corpus' e 'Toleranse – N'siripwite Artes' está cheia de cenários filosóficos, políticos, sociológicos, antropológicos, biológicos, bem como religiosos. "A vida deve ser prezada". Por isso, além de – uma vez exposta – contribuir para a massificação das indústrias criativas no país, espera-se também que gira um debate em torno dos assuntos abordados.

De uma ou de outra forma, apesar de que a reflexão social em volta da vida que deve ser prezada seja necessária, por ser um tema artístico, vale a pena percebermos em que situação nos encontramos no tópico das indústrias criativas?

"Estamos num bom caminho. Mas sinto que todos os artistas enfrentam a falta de espaço para a realização dos ensaios e apresentação das obras, bem como de financiamento básico (para o guarda-roupa, para o cenário, aluguer de som e de luz, por exemplo). Ou seja, não temos condições básicas para a produção de um espectáculo. Esse é o nosso grande calcanhar de Aquiles".

Virgílio explica que temos, em Moçambique, artistas plásticos talentosos, excelentes coreógrafos e bailarinos, bons actores e realizadores de cinema, artesãos, oleiros, escritores e músicos geniais que precisam de uma política cultural actuante para que o nosso país seja uma potência no campo das indústrias criativas.

O grande contra-senso será a disfunção e a não aplicação da legislação cultural, sobretudo no campo de financiamento. "Eu não sei o que é que nos falta para que a nossa política cultural seja aplicada no país. Não consigo encontrar explicação para esta realidade. Temos a Lei de Mecenato, mas as empresas nacionais – diante de todos os benefícios que podem ter – não aceitam apoiar a produção das artes".

O autor da coreografia 'Toleranse', a terceira classificada no Concurso Pós-Amatados sobre a SIDA, considera que "agora temos de parar de reinventar as políticas e operacionalizá-las". E não lhe faltam argumentos.

"Quando estava na China, recebi um documento (produzido pelo Ministério da Indústria e Comércio) sobre a cesta básica em Moçambique. Aquilo foi uma coisa caricata. Pareceu-me que as pessoas que o desenharam não conheciam a realidade dos moçambicanos. Eles não analisaram a realidade social das pessoas.



Por isso, quando divulgaram a informação, perceberam que o seu plano não era factível".

Na coreografia Utomipia há muitos objectivos e ideias cruzados. Em resultado da sua percepção sobre o funcionamento das indústrias culturais – "não posso criá-las sozinho" – o artista resolveu envolver, no concerto, 16 artistas plásticos que devem criar igual número de obras no âmbito desse conceito. "Se nós somos uma comunidade de criadores de várias manifestações artísticas, porque não lançar o desafio aos artistas plásticos?".

Ou seja, "para mim, o importante é lançar este repto aos pintores no sentido de, a partir da dança contemporânea, eles produzirem as suas obras, da mesma forma que eu gostaria que um dia eles me fizessem um convite similar – criar uma coreografia inspirado numa tela".

## Outros obstáculos

E é aqui onde começam as complicações na vida do coreógrafo. É que o custo total, em dinheiro, dos materiais para o envolvimento dos artistas plásticos no projecto Utomipia, se aproxima dos 80 mil meticais – o que Virgílio Sitole não tem. Mas as dificuldades para a exposição da obra – apesar da existência de alguns apoios – não são só essas.

"Tenho de começar a produzir o cartaz para a comunicação. Se não tiver o financiamento, não sei como é que o farei. Se vou custear com o meu próprio dinheiro. Se o mesmo será reles. Não sei. Mas tenho de começar a fazer alguma coisa. Ainda estou à espera das respostas dos empresários. Hoje mandei o jovem que está a trabalhar comigo às empresas, a fim de saber o ponto da situação".

"Se não tiver o patrocínio não sei como é que vou fazer, se produzo um cartaz reles. Não sei! Se até à quarta-feira, dia 17 de Julho, não tiver uma resposta favorável por parte das instituições a quem pedi apoios, terei de avançar com os meios que tenho: o auxílio da Companhia Nacional de Canto e Dança que me cedeu espaço, para ensaiar e realizar o espectáculo sem pagar nenhum tostão. Também tenho o apoio verbal da Logaritmo Produções e da IODINE Produções que participam com os equipamentos de som e de iluminação".

## Obstruções à indústria criativa

De acordo com Sitole, se os apoios de que está à espera não forem fornecidos, não terá outra opção a não ser criar um plano alternativo e, consequentemente, ineficaz. "Mas é em função de tudo isso que depois me questiono sobre qual é a indústria criativa que queremos construir em Moçambique. Porque apesar de eu perceber que temos de cooperar, em relação ao trabalho da pintura, até agora não sei de onde é que irão vir os 80 mil meticais para custear a produção das obras dos artistas que irão participar".

"Agora estou a pensar em mandar cartas para pedir financiamento a algumas instituições bancárias, propondo que se elas patrocinarem a compra do material para o trabalho e – é a partir daqui que se perde alguma autenticidade artística da produção porque – as obras serão criadas com base nas cores que a instituição ostenta. Depois definiremos um número de telas que será ofertado à organização que poderá usá-las como entender".

"O outro mecanismo em que estou a pensar é reduzir a quantidade de artistas plásticos a dois, de modo que com o seu próprio material eles criem as obras, que serão sua propriedade, podendo utilizá-las como quiserem. É que apesar de eu querer envolver as artes plásticas – e fazer muito esforço para o efeito – não tenho condições financeiras", lamenta.

Seja como for, como o sem apoios, "o espectáculo irá acontecer".



## É preciso saber ler

Para: Hélder F. Samo Gudo

Adenda 3: À Guisa de Conclusão

"Em Moçambique não se lê". Esta é uma das frases mais dissecadoras para ridicularizar um adolescente, um jovem ou um adulto quando os seus argumentos são débeis. Mas, o mais caricato é que esta frase não só chacoteia as pessoas frágeis de argumentos ou fracas em cultura geral. A mesma frase ridiculariza o país.

Dizer "em Moçambique não se lê", significa enunciar que uma Nação inteira não está a saber interpretar os vários sinais que estão à sua volta. Significa dizer que somos fracos nos nossos argumentos, daí enveredarmos por atitudes fúteis. Não basta pronunciar palavras é preciso viver as palavras. Pronunciar palavras como "diálogo", "liberdade" e "paz" com os punhos cerrados e com o coração lacrado é não saber ler o conteúdo das mesmas.

A frase "em Moçambique não se lê" até pode ser verdadeira, mas ela é dura quando não sabemos ler, por exemplo, a palavra "Paz". Ela torna-se mais verdadeira quando não conseguimos ler os símbolos que nós inventamos para nos comunicar. Quero acreditar que esta frase um dia não se pronunciará mais. Sonho com a morte desta frase. Tenho de aceitar que a partir de amanhã se vai realizar o meu sonho. Vai ser duro matar esta frase, mas temos (como Nação) de acreditar e criar formas de matar esta frase. Formas de matar esta frase conhecemos convenientemente.

Com uma leitura profunda que eu quero e desejo para a minha Nação vamos tornar-nos sujeitos históricos interactivos. Ao lermos correctamente seremos sujeitos que criam significações, elaboram conceitos, ideias, juízos, valores. A Nação estará dotada de capacidade de se conhecer a si mesma no acto de erudição, sabendo de si e sabendo sobre o mundo. Ao sabermos ler vamos apropriar-nos das palavras que queremos que se tornem realidade.

Termino o meu desassossego com um apelo: devemos trocar a frase "em Moçambique não se lê" com a seguinte frase: "Moçambique sabe ler". Devemos libertar-nos das atitudes negativistas e apostar em posturas apuras. Dizer "Moçambique sabe ler" significa, fazer um exercício para decifrar as várias alegorias que nos aparecem pela frente. Significa sermos construtores de algo maior que os livros que preleccionamos nas academias.

P.S.: Será que estamos a coseguir ler os últimos acontecimentos do nosso país? Se não lermos com olhos centilantes os acontecimentos que nos rodeiam não saberemos ver o caminho que nos espera. Paz.

conclusão



## Plateia

# Um desafio para o vencedor!

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguenze

Na quarta-feira, 10 de Julho, a elite intelectual e artístico-cultural do país, incluídos os amigos e familiares de Mia Couto, 'inundaram' o pátio do edifício do Ministério da Cultura.

Armando Artur, que os convidou, queria que se testemunhasse a sua expressão de tributo ao segundo laureado moçambicano, depois de José Craveirinha, em 1991, pelo Prémio Camões.

Trata-se de um feito sobre o qual o secretário-geral da Associação dos Escritores Moçambicanos, Ungulani Ba Ka Khosa – que o felicita – pensa que “este prémio será devidamente valorizado pelo país, nas escolas e nos centros culturais em parceria com as entidades competentes”.

As possibilidades de as palavras de Ungulani estarem longe da realidade, ou seja, que não se valorize esta conquista no país, são diminutas, sobretudo para Armando Artur define o prémio como “um feito e um testemunho troante de que a nossa literatura não está parada no tempo”.

No evento, para ilustrar o dito – ao mesmo tempo que se revela a interdisciplinaridade que a literatura possui em relação às outras disciplinas artísticas, nomeadamente o teatro e a música – o Grupo de Teatro Mutumbela Gogo, de que Mia é um dos fundadores, apresentou os Excertos do Firipe Barbudu, uma peça inspirada no seu texto.

A par de outros estes foram os argumentos fundamentais que movem o ministro da Cultura a reiterar que a “a literatura moçambicana está em constante crescimento e constitui-se das mais robustas, não só a nível dos países falantes da língua portuguesa como também em África e no mundo”.

Na sua homenagem a Mia Couto, pela conquista do Prémio Camões 2013, além da insígnia, o ministro da Cultura, Armando Artur, expôs o escritor perante um novo desafio: “O desenvolvimento do programa nacional, multisectorial, de leitura”. A boa nova é que o escriba continua subversivo em relação à ignorância: “Se não há livros não vale a pena haver prémios”.



Depois de Octávio Raul declamar Para Ti, Roberto Chitsonzdo, da Banda Ghorwane, também cantou sobre a diversidade étnica que constitui o povo moçambicano. Ambas as composições poéticas são da autoria do laureado.

Entretanto, se por um lado, a composição cuja interpretação emocionou os presentes, foi depreciada pelo autor que diz que “é uma música cuja letra – como se pode perceber – tem uma qualidade poética muito frágil, não me deixando orgulhoso, por isso, por outro, a obra é igualmente apreciada na medida em que representa um feito colectivo. Ou seja, “juntos, fizemos alguma coisa”.

No entanto, como é que Mia Couto encara o Prémio Camões e a homenagem que lhe foi prestada pelo Governo do seu país?

“É como se, de facto – sem desprimor a esta cerimónia generosa ou desconsideração pela que me foi oferecida fora do país – eu estivesse a receber o prémio pela primeira vez. É que aqui estão os meus amigos, a minha família, os escritores e os fazedores de cultura desta terra que são os meus colegas. Portando, o que eu sinto é que o maior galardão que eu tive não veio agora e muito menos em todos os que me foram entregues até agora. O meu verdadeiro prémio é aquilo que eu faço que foi representado aqui, de uma maneira sumária, por quem declamou e representou”.

Segundo Mia Couto, para um escriba o mais importante não é o prémio, mas o livro. “Apesar de toda a carga que vem das televisões que fazem um trabalho que respeito – ainda que não possa dizer o mesmo em relação ao seu apelo para que o artista corra atrás da fama e do sucesso – penso que o criador não faz o seu trabalho a fim de ser famoso”. Por isso, “eu não escrevo para ter prémios”.

## Um desafio contemporâneo

Sabe-se, porém, que parte do dinheiro correspondente ao Prémio Camões será destinado a programas de assessoria aos jovens moçambicanos que se iniciam na literatura. Armando Artur, o ministro da Cultura, congratula-se com esta decisão de Couto.

Ora, se nos recordamos de que, como o próprio Mia Couto explica, “cheguei ao estágio actual porque havia livros na minha casa, existia amor para com os mesmos, sobretudo, porque para os meus pais os livros constituíam uma janela aberta para o mundo”. E se constataremos que o acesso ao livro – enquanto espaço de produção, publicação e consumo – ainda é deficitário em Moçambique, então, compreenderemos a decisão do premiado.

“O nosso grande prémio, agora, é fazer com que o livro seja mais acessível não só no preço, mas para que mais gente possa fazer literatura e amar obras literárias”, diz e argumenta: “Se o livro está em risco de desaparecer em Moçambique, se não há esse amor criado em seu entorno, eu acho que não vale a pena haver prémios – sejam eles nacionais ou internacionais – em volta do escritor”.

É, portanto, “com a aceitação desse repto – em torno da promoção da produção, acesso e consumo do livro – que termino a minha intervenção”, disse Mia Couto.



# ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

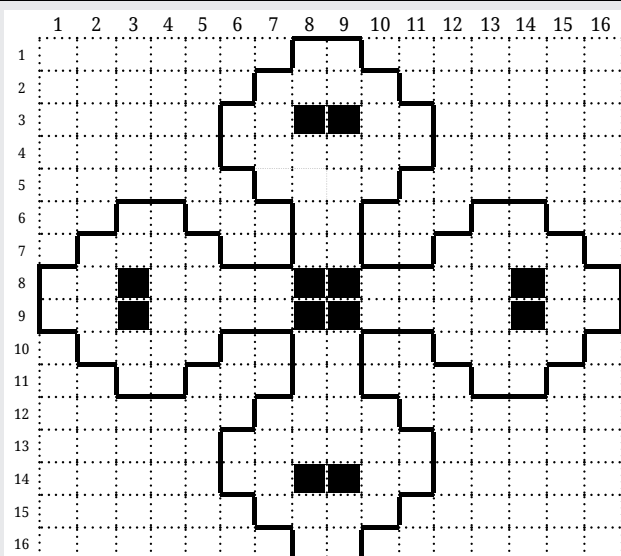
✉ SMS: 90440

📞 WhatsApp: 84 399 8634

O Jornal mais lido em Moçambique.



## ENTRETENIMENTO - PALAVRAS CRUZADAS . 245



## VERTICAIS

1 – Nota musical. 2 – Rosto.  
3 – Pron. reflexo; entregue.  
4 – Escol, pl. 5 – Espaço de tempo, pl. 6 – Utensílio; prep; pron. pessoal. 7 – A parte mais elevada; sem companhia; interj.  
8 – Observa ; cidade da Argélia; espetáculo; a parte de trás. 9 – Mover-se; instrua-se; proporcionar-se; distingui. 10 – Erva; outra coisa; rio de Portugal. 11 – Caminhava; contr. de prep. e art.; andava. 12 – Estúpido. 13 – Mamífero cetáceo. 14 – Decorrer; diminutivo dum nome próprio. 15 – Terreiro. 16 – Graceja.

## HORIZONTAIS

1 – Divisei. 2 – Produto das abelhas. 3 – Letra grega; vi por escrito. 4 – Amachuca. 5 – Espaço limitado. 6 – Bispado; interjeição; repetido. 7 – Prisão; contr. de prep. e art.; sustém.  
8 – Ruim; nome de mulher; símbolo do casamento; doutor. 9 – Caminhar; divisão duma obra literária; prenda; troca. 10 – Entrar na posse; aqui; numeral cardinal. 11 – Existe; idem; contr. de prep. e art. 12 – Relativo ao ânus. 13 – Transportarei. 14 – Andar ; contr. de prep. e art. 15 – Vegetação espontânea. 16 – Duas vogais.

## PARECE MENTIRA...



Os Lolos, habitantes do sul da China, praticam o sistema de “casamento de preferência”.

A mulher toma o apelido do marido e habita na sua casa. Não se pode, em nenhum caso, desposar ninguém que tenha o mesmo nome que o seu.

Segundo os princípios do “casamento de preferência”, um rapaz deve casar-se com a filha do seu tio materno, sua co-irmã, e não pode, em nenhum caso, desposar a filha do seu tio paterno, também sua prima co-irmã.

Este princípio é tão rigoroso que se um rapaz tomar como esposa uma outra rapariga é obrigado a pagar ao seu tio materno o dote que dele se esperava.

Um casamento com outra mulher que não seja a sua prima co-irmã não é permitido, a menos que não exista a tal prima.

É raro que isto se dê porque além do dote ao tio, tem ainda de pagar um outro aos pais da noiva. E ter de pagar duas vezes uma mulher só é, convenhamos, deveras caro.



## PENSAMENTOS...

● Para onde pende a culpa, pende o castigo.

● Quem pergunta não se perde.

● Onde se come ficam migalhas.

● Conselho desprezado, turra na certa.

● Onde estão os teus não é longe.

Tal rei, tal grei

● Pecado confessado, pecado perdoado.

● Morte certa, hora incerta.

● A língua mata o seu dono.

● Onde está a sombra do homem, aí está a sua sepultura.

## SAIBA QUE...



A Rússia possui os mais belos sinos do mundo.

O sino de S. Isaac, em S. Petersburgo, tinha um som maravilhoso – o que não admira – porque era de ouro e prata.

O maior da Europa era um sino do Kremlin e pesava 216. 000 quilos. Foi fundido em 1737 por Montérin. Como o seu enorme peso não lhe permitia estar suspenso, Montferrand, em 1836, pousou-o em cima dum pedestal de granito.

Para se obter uma cola resistente e barata, dissolvem-se 350 gramas de cola comum num decilitro e meio de leite desnatado.

Os serralheiros, maquinistas, motoristas, e todas as pessoas que lidam com matérias gordurosas têm dificuldade em conservar as mãos limpas. Um dos melhores processos de o conseguir está ao alcance de todos: acabada a faina diária, esfregam-se as mãos com vaselina de modo que esta se introduza bem nos poros e se incorpore com as matérias gordas. Lavam-se em seguida com sabonete e ficarão limpas e macias como é de desejar.

## RIR É SAÚDE



– Papá, o que é o cérebro?  
– Deixa-me em paz. Tenho outra coisa na cabeça.

Um passageiro dirige-se ao chefe da estação:  
– Falta muito para esta “Arca de Noé” partir?  
– Não, senhor. Sairá agora mesmo, pois chegou o burro que faltava.

– De que se queixa senhora Xiluva?  
– Oh, senhor Doutor! Quando respiro doem-me os pulmões...  
– Fique 15 dias sem respirar e volte cá depois!

Subia para uma carrinha um sujeito muito gordo.  
Um dos passageiros diz para o outro que estava ao lado:  
– Pensava que a carrinha era para gente, e não para elefantes.  
– Meu senhor – respondeu o que acabava de subir –, a carrinha é como a Arca de Noé: admite todos os animais, desde elefantes até o jumento.

– Ontem, na exposição, um quadro fez-me chorar.  
– Alguma obra-prima?  
– Não. Foi um quadro que me caiu sobre a cabeça.

Numa conversa conjugal, diz a mulher:  
– Olha lá, as nossas roseiras têm botões?  
Responde o marido:  
– É verdade; são mais felizes que as minhas camisas, que os não têm.

## HORÓSCOPO - Previsão de 19.07 a 25.07



## carneiro

21 de Março a 20 de Abril

**Finanças;** Questões de ordem financeira não lhe deverão criar grandes problemas, sendo caracterizadas pela estabilidade; no entanto, recomenda-se alguma prudência nas despesas e evite qualquer aplicação de capital.

**Sentimental;** A sua relação passa por um momento algo turbulento e complicado. Os níveis de confiança entre o casal irão estar em baixo e poderão surgir algumas situações de ciúme que, embora não justificadas, poderão criar algumas contrariedades.



## caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

**Finanças;** As finanças poderão ser motivo de alguma preocupação. Não veja tudo pela negativa e pense que será um momento menos bom mas que, rapidamente, se modificará. Tudo dependerá de si e da forma como reagir às situações que forem surgindo.

**Sentimental;** Esta semana será muito promissora no aspeto sentimental. A aproximação do casal será grande e os resultados serão, verdadeiramente, gratificantes.



## balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

**Finanças;** Os assuntos relacionados com dinheiro começam a revelar tendência para se equilibrarem; assim, naturalmente, começará a encarar o futuro, imediato, de uma forma, muito mais, positiva.

**Sentimental;** Será uma semana muito agradável em perspectiva. Não se afaste do seu par, divida com ele os seus pensamentos e desejos mais íntimos; se o fizer, terá um período que não se irá esquecer, tão depressa.



## capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

**Finanças;** As suas finanças caracterizam-se pela regularidade e não será este aspeto que lhe levantará problemas. Não serão aconselháveis, durante este período, investimentos e aplicações de capital.

**Sentimental;** Tente ser mais realista na sua relação e não permita que o ciúme entre no seu coração. O seu par merece a sua confiança e, se conseguir ultrapassar dúvidas sem fundamento, este aspeto poderá tornar-se muito agradável.



## touro

21 de Abril a 20 de Maio

**Finanças;** Não se pode considerar que atravesse um bom momento, no que se refere a questões de ordem financeira; será uma situação que lhe poderá tirar a estabilidade que tanto necessita. Tenha uma visão otimista e encontrará motivações que o tranquilizarão.

**Sentimental;** Este aspeto poderá ser muito agradável, dependerá de si e da forma como se relacionar com o seu par. Seja compreensivo e evite atribuir culpas a quem as não tem.



## leão

22 de Julho a 22 de Agosto

**Finanças;** Será uma semana regular, no aspeto financeiro. Algumas dificuldades que possam surgir serão ultrapassadas. Para o fim deste período a situação tenderá a melhorar.

**Sentimental;** Será uma semana caracterizada por alguma insatisfação, no aspeto sentimental. Caso não tenha encontrado, ainda, a sua alma gêmea poderá ter, esta semana, a tal oportunidade porque tanto espera e deseja.



## escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

**Finanças;** Esta área é a sua luta constante. As previsões para a semana, não sendo as melhores, também não se poderão considerar como catastróficas. Continue a viver e a lutar contra este aspeto com a coragem que o caracteriza.

**Sentimental;** Um relacionamento sentimental muito agradável será o que esta semana lhe reservará. O diálogo, a compreensão e o prazer de estar com quem gosta deverão ser aproveitados, da melhor forma.



## aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

**Finanças;** Este aspeto, caracteriza-se por uma situação regular e uma semana tranquila. Os seus problemas não passam por questões relacionadas com dinheiro. Será um bom momento para pequenos e médios investimentos.

**Sentimental;** A sua relação sentimental poderá ser o centro de todos os seus problemas; seja realista e não se deixe abater por pensamentos que lhe reduzirão as suas forças e capacidades. Dentro de si, poderá aparecer uma pequena luz em relação a um futuro próximo.



## gêmeos

21 de Maio a 20 de Junho

**Finanças;** Seja extremamente cuidadoso em tudo o que se relacionar com este aspeto. Evite despesas desnecessárias e compromissos financeiros que não possa assumir.

**Sentimental;** Este aspeto poderá caracterizar-se por um vazio muito grande; seja dialogante e compreensivo. Também, neste aspeto, não misture trabalho com questões de ordem sentimental; caso o consiga, tudo se poderá modificar e encontrar, junto do seu par, o carinho e a compreensão tão necessários.



## virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

**Finanças;** Tudo o que se relacionar com dinheiro poderá ser motivo de alguma preocupação. Tente fazer uma boa gestão dos seus dinheiros e aguardar que este período de tempo, menos positivo, termine.

**Sentimental;** O seu relacionamento amoroso poderá contribuir, de uma forma muito positiva, para equilibrar outros aspetos. Permita que o seu par se aproxime de si; contribuirá para se esquecer das suas preocupações.



## sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

**Finanças;** Semana muito equilibrada em todas as questões que envolvam dinheiro, uma vez que contribuirão para melhorar os seus níveis de confiança. Poderá fazer algumas compras de produtos que lhe fazem falta.

**Sentimental;** A sua relação amorosa poderá conhecer, nesta semana, um pequeno paraíso. Não se furte ao que lhe surge e abra o seu coração com o seu par; o entendimento criará-se e consolida-se numa base de abertura e diálogo franco e sincero.



## peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

**Finanças;** Será uma semana, um pouco, complicada em matéria de dinheiro; algumas dificuldades poderão perturbar o seu equilíbrio emocional. Despesas, já esperadas, serão motivo de alguma preocupação.

**Sentimental;** Semana que poderá caracterizar-se por um grande encantamento. A sua sexualidade estará em alta, saiba tirar partido deste aspeto. As noites convidam ao romance; aproveite, bem, o seu relacionamento sentimental.

## Cartoon





# Cidadania



goste de nós no

facebook.com/JornalVerdade

Segunda-feira às 12:03

CIDADÃO Chambo REPORTA:

autocarro de passageiros Nagi que fazia trajecto #Nampula #Quelimane despistou-se há pouco próximo Vila de Molocue #Zambézia.

Há dezenas de feridos e pode ter havido vítimas mortais.



**Febhin R. D. Jadav** esta empresa tem q ver e rever os seus motoristas e agentes da tripulação, na quinta tombou 1 na entrada d cuacua lodge onde meu pai é gerente e culpam os búfalos da sua empresa...enquanto ficou mais q provado q foi por excesso de velocidades... · Segunda-feira às 12:34



**Gildo Zeka** 1(primeiro) dia de xcixau= paga dinheiro. 2 dia aulas= pergunta quando sai a carta. 3(terceiro) dia sem nenhuma pratica e dadu carta.Rezultadu e o k vivemuj n nosso dia-a-dia · 1 · Segunda-feira às 13:04



**Jordão Pereira** O acidente aconteceu por volta das 5h30 há cerca de 40km de A. Molocue, com um outro que carregava touros, este ultimo cujo motorista colocou-se em fuga. Confirmam-se no local 7 óbitos e mais de 2 dezenas de feridos. Já no mês passado um dos machimbombos da mesma transportadora teve outro acidente perto de Namacurra, quando no mesmo dia um outro que saia de Npl a Qlm teve avaria mecânica, quase incendiava-se, não fosse alerta do motorista de um outro autocarro que alertou atempadamente... · Segunda-feira às 12:48



**Febhin R. D. Jadav** esta empresa tem q ver e rever os seus motoristas e agentes da tripulação, na quinta tombou 1 na entrada d cuacua lodge onde meu pai é gerente e culpam os búfalos da sua empresa...enquanto ficou mais q provado q foi por excesso de velocidades... · Segunda-feira às 12:35



**Danilo Moçambique Macuácu** Acho que os motoristas desta empresa devem ser reciclados ou alguma coisa deve ser feita. Na semana passada outro tombou devido aos búfalos que estiveram a atravessar a estrada. Mas uma das testemunhas disse o motorista estava em excesso de velocidade. · Segunda-feira às 12:09



**Cossa Dário** Gildo Zeka, o teu comentario ainda que seja verdade eh muito infeliz. SE BEM QUE NAO EH MENOS VERDADE QUE OS CARROS DA NAGI ANDAM AI AS CAMBALHOTAS E DEIXANDO VITIMAS. tenho familiares que sofreram e gravemente nos finais do ano passado · Segunda-feira às 14:49



goste de nós no

facebook.com/JornalVerdade

Domingo às 11:21 ·

CIDADÃO REPORTA:

acidente de viação envolvendo dois camiões na Estrada Nacional n.1 no distrito de Quissico, província de Inhambane, ontem a noite causou pelo menos dez vítimas mortais e nove feridos.



**Emilia Yurick João Campira** Exax pxoax xtavam nx camioex ou uke? Rexpndam e mt important. Mha irma saiu d inhambane ontm,mas aind n xegou encasa,e nem temos noticiax dela · Domingo às 11:43



**Felizardo Junior** distrito de quissico??? Nao existe esse distrito em moçambique, parem de inventar coisasGosto · Domingo às 13:15



**Emídio Nhabinde** Outros comentarios! Alguém conduz mal por confiar na polícia? Devemos-nos comportarmos bem quando conduzirmos · Domingo às 12:58



**Francisco Cabo** O distrito é Zavala do qual Quissico é o posto administrativo. Enquanto seguirmos negligenciando questões básicas de segurança viária e engenharia de tráfego estamos

sujeitos a estes tristes cenários. As minhas condolências as famílias enlutadas! · Domingo às 13:36



**Sergio Zandamela** Stop acidentes ja stamos cansados com deramento d sangue nas estradas. · Domingo às 13:13



**José Madeira** Nonssa polcia da PT é culpado cm ixto deviam mandar parar cm o xcexxo d velocidad e alcool perant a viagem · Domingo às 12:40



**José Madeira** baxtant trixt o cenário. apelo aox conductorex k coduzem cm prudencia. corer n é chegar. · Domingo às 12:32



**Connec T Ion** O problema é que a policia de transito (ou "Portagem Branca") só preocupa se em fazer portagem e não governa as estradas. Pessoas conduzem mal e a policia de transito está aonde? Estão todos em lugares estratégicos para parar chapas para tirar cinquenta conto · Domingo às 11:59



goste de nós no

facebook.com/JornalVerdade

Segunda-feira às 10:43 ·

CIDADÃO Isac REPORTA:

venho por este meio comunicar o que esta a acontecer aqui no centro de saude da Matola II. Deste que chegamos até agora 9 horas a consulta de adultos (triagem de adultos porta 15) ainda nao começou. A enfermeira chegou e saiu, e não voltou a aparecer.



**Nelio Bravo Brown Majobinho** o estado finge que paga os funcionarios e os funcionarios fingem que estoa a trabalhar... · Segunda-feira às 10:47



**Luis Joaquim Dacambane** Quanto a demora de atendimento tem muitos factores, quem sabe tinha alguem no BS que queria cuidados intensivos e ela foi pra la?, ou o chefe mandou chamar, ou entrou no gabinete nao havia caneta, livro de receita, ou outro material, parem d reclamar... Segunda-feira às 14:50



**Samuel Justino Ernesto** Não se trata de nenhuma greve silenciosa. Isso é normal, o país vem andando assim. Não podem exigir mais do que merecem · Segunda-feira às 10:55



**Mario Fenias Macuacua** quem vota no barulho' capulanas, camisetas podres. these are the consequences! · Segunda-feira às 12:41



**Ramiro Manjate** Ta queixar a quem???? Pensei que o Manguale e a sua time, junto dos membros do governo pudessem andar de hospital em hospital a atenderem. · Segunda-feira às 10:55



**Abrão Neves** Colocou a preocupação n local errado, devia ser no senhor k xamou os de vândalos · Segunda-feira às 16:18



**Douglas Rungo** esta e a unica forma q estes profissionais tem de fazer valer a sua posição, diplomacia silenciosa · Segunda-feira às 15:31



**Cremildo Machava** Eu acho k chegou o tempo d mudar a mudança a força para outro partido k talvez pode haver diferença · Segunda-feira às 13:36



**Azevedo Pacheco Muca'uro** livro de reclamação ja, peca pra falar com o superior dela, agora se ficar so reportando no verdade nao dara em nada · Segunda-feira às 11:39



**Assane Amire** Paula se vce fosse enfermeira dava razao a essa coitada. Nao julgue os outros ate pde ter razao. Kem sabe ela pde nao ter matabichado em em casa e se o caso cmo trabalharia cm fome? Pense cmgo · Segunda-feira às 16:24



**Ana Puga** E os doentes que ela prometeu ajudar quando se formou? Onde estah a vocacao? A minha mae era enfermeira e protestava muito mas a qualquer hora do dia ou da noite lah ia ela ver o neto da vizinha ou o velhote... Segunda-feira às 17:26



**Argentina Sequeira** UMA pouca VERGONHA e falta de respeito pelo paciente. Pensam neles e nada mais. UMA verdadeira falta de respeito. · Segunda-feira às 10:56



**Mahamudo Daudó** Ja k o estado paga salarios magrinhos vamos trabalhar de faz de conta.... By Pastor Dito · Segunda-feira às 10:52



**Pedro Domingos Manuel** Chama se greve silenciosa · Segunda-feira às 11:08



**Tumbulukah Aderito Nhantumbo** Isso esta na Moda aki em MoZ, ja nem é queixa pah, relaxe e nao perca tempo escrevendo, volta no dia seguinte... Segunda-feira às 14:54



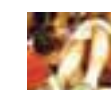
goste de nós no

facebook.com/JornalVerdade

12/7 às 20:44 ·

CIDADÃO REPORTA:

este balanço da Governação do Presidente Guebuza,na televisão paga pelos meus impostos, soam-me a campanha para reeleição, mas afinal ele não acabou os mandatos? Porque não dá lugar a outro?



**Gil Americo Cossa** "Todo político é um empregado da sociedade pago com dinheiro do contribuinte. Ter sucesso é sua obrigação e não objeto de exaltação. O político que não se posiciona como servo da sociedade, mas se serve dela, não é digno do cargo que ocupa." Augusto cury 12/7 às 21:08



**Renalda Chirinze** A TVM è mesmo escova pha, envez de fazerem balanço dos presidentes do municipio, uma vez k xtams presntes às eleições autarquicas... escolvam o arrogante, ignorante e ambicioso Guebuza.... estams mal mesmo... a TVM è da FRELIMO · 13/7 às 5:35



**Pedro Cossa** Gracias a voces pelomenos sei o k se falou (propagandou) na TVM, pork pra falar a verdade na minha casa a merda d telejornal da TVM, nem por sombra se assista!! 12/7 às 20:56



**Samito Casimiro Mucavel** presidente guebuza ã tem como continuar a governar por mais 5 anos. Ele ja mostrou incapacidade. Só ã vê quem é cego · 12/7 às 20:56



**António Júlio** Vao resensear para eleger outro partido meus amigos. Abstencao nao vai mudar nada vamos em massa votar um partido novo nao me importa qual for mas que seja outro porque este nosso ja esta caduco nao da pra continuar. Nao se abstenham se querem mudar a historia vao resencera com muita paciencia ficar na bicha e votar bem uma partigo que pode mudar o rumo das coisas · 13/7 às 8:43



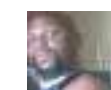
**Kastro Joao Matavel** calma meninos o que e dele esta guardado. tou farto daquele homem q nao sabe governar e com muita razao so sabe trabalhar com patos. (sera que nos somos patos ). mas em fim... paiz do pandza. · 13/7 às 8:16



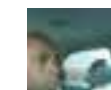
**Roque Malaia** A tvm e 1 canal especializado em bajular a frelimo e o canal que densenforma o seu publico no seu todo,onde morrem 35 concidados nossos na tvm a informacao dada e que nao foram mortos apenas feridos bajuladores de merda. · 13/7 às 5:56



**Tuy Cipriano** Segundo freud de o comportamento de um individuo muda consoante o lugar onde este esta inserido. Agora deste o tempo de guerrilha ate agora da cientificidade porq guebuza nao muda. · 13/7 às 5:48



**Victorino Lundo** Mas senhores k falam d ataques d Muxungud, estao a falar tbem d governaxao? Ou são apologistas do vandalismo? Pensem bem · 13/7 às 4:03



**Raimundo Aleixo Mabjaia** Nem q saia Guebusa enquanto a frelimo continuar no poder a maneira d governar sera a mesma · 13/7 às 0:34